



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



Graciete da Silva Soares

**PERCEÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS INTERGERACIONAIS**  
A VISÃO DOS PROFISSIONAIS

Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo orientada pela Professora Doutora Helena Neves Almeida e apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e à Faculdade de Economia.

Setembro de 2018

Graciete da Silva Soares

***PERCEÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS  
INTERGERACIONAIS***

Tese de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo,  
apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e à  
Faculdade de Economia, sob orientação da Professora Doutora Helena  
Neves Almeida

Coimbra, 2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## **Agradecimentos**

Dedico este espaço, a todos aqueles que estiveram do meu lado, nesta nova e desafiante etapa da minha vida. Por ter sido uma etapa que exigiu muito de mim, só se tornou possível com o vosso amparo.

O meu agradecimento,

À minha mãe, por estar do meu lado, incondicionalmente, por ser o meu abrigo, a minha confidente e conselheira.

À Professora Doutora Helena Neves Almeida, pela disponibilidade e dedicação, bem como a autonomia proporcionada, que em muito foi importante para a minha confiança enquanto pessoa e profissional.

Ao Fábio, por ter estado comigo, dias após dias, sem questões e sem imposições. Por ter sido a minha grande força neste último ano, acreditando em mim mesmo quando eu própria não acreditava.

Ao meu irmão, pelas longas conversas partilhadas que tanto influenciam a minha construção pessoal e profissional.

Ao meu pai, por acreditar em mim, desde o primeiro dia.

Ao António, por toda a acessibilidade e apoio inabaláveis, ficar-lhe-ei sempre grata.

Às organizações que participaram na investigação, pela acessibilidade e amabilidade com que me receberam.

A todos os meus amigos, pela presença incondicional e pela compreensão que tiveram para comigo ao longo desta etapa.

E ainda a todas as pessoas que, de alguma forma, foram contribuindo para que evoluísse enquanto pessoa.

Wherever there are beginners and experts, old and young, there is some kind of learning going on, some kind of teaching. We are all pupils and we are all teachers.

Gilbert Highet (1950)

## **I Resumo**

Num mundo onde as alterações demográficas e sociais se tornam cada vez mais evidentes, a promoção de práticas intergeracionais tem vindo a ganhar maior importância na sociedade, sendo que é nas organizações do terceiro setor que a sua presença é mais notória, em Portugal. Os estudos no campo intergeracional demonstram que a partilha entre gerações apresenta um forte impacto junto de todos os envolvidos direta e indiretamente. Contudo, denotam-se ainda algumas lacunas quanto à investigação intergeracional junto dos profissionais que as executam. O Distrito de Aveiro surgiu como janela de oportunidade para desenvolver o estudo, pelo seu elevado número de práticas intergeracionais nas organizações. O estudo é baseado no desenho qualitativo, no qual a recolha de dados se executou com recurso a entrevistas narrativas e semiestruturadas com 29 profissionais integrados em práticas intergeracionais de 16 organizações do distrito. A investigação permitiu demonstrar a forma como os profissionais entrevistados teorizam e praticam as distintas fases de uma Prática Intergeracional, sendo elas a planificação, execução e avaliação respetivamente. Nesse sentido, são analisados, junto dos profissionais, os impactos das relações intergeracionais nos idosos, crianças, instituição e meio envolvente, bem como os pontos de convergência e divergência, as inquietações, os constrangimentos e limites bem como a forma como se finalizam estas práticas. Com esta investigação deu-se voz aos profissionais envolvidos nestas práticas, permitindo-lhes partilhar as suas visões, podendo-se assim dar um contributo para a continuidade e consolidação do modo como as práticas intergeracionais são implementadas e gerenciadas.

**Palavras-chave:** Intervenção social. Alterações demográficas. Gerações. Práticas intergeracionais. Profissionais intergeracionais.

## **II Abstract**

In a world where demographic and societal changes become increasingly evident, the promotion of intergenerational practices become more important in society, and in the third sector organizations that presence is more evident, in Portugal. Intergenerational research shows us that intergenerational sharing has a large impact on all the involved people, directly or indirectly. However, there are still some gaps in the intergenerational investigation among the professionals who execute them. Aveiro district are a window of opportunities to develop this study, because of the high number of intergenerational practices in organizations. The study is based on qualitative research, with narrative and semi-structured interviews with 29 professionals integrated in intergenerational practices. The research allowed to demonstrate how the interviewed professionals theorize and practice the different phases of an Intergenerational Practice, being the planning, execution and evaluation respectively. Thus, there is an analysis with the professionals about the impacts of intergenerational relations among the elderly, children, institution and environment, as well as points of convergence and divergence, concerns, constraints and limits as well as the way these practices are finalized. With this research, the professionals were able to share their visions and the study could contribute to the continuity and consolidation of the intergenerational practice.

**Keywords:** Social intervention. Demographic changes. Generations. Intergenerational practice. Intergenerational professionals.

## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I - INTERGERACIONALIDADE E PRÁTICAS INTERGERACIONAIS – ANÁLISE EVOLUTIVA.....	3
CAPÍTULO 1 – ENVELHECIMENTO E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS.....	4
1. ENVELHECIMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES.....	4
1.1 Ageism.....	4
1.2 Envelhecimento ativo.....	5
2. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS.....	6
2.1 Conceito.....	6
2.2 Intergeracionalidade e gerações.....	7
2.3 A criança e o idoso – O mundo individualista.....	7
CAPÍTULO 2 - PRÁTICAS INTERGERACIONAIS.....	9
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	9
2. CONCETUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS PRÁTICAS INTERGERACIONAIS.....	11
3. IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA.....	18
3.1 Emergência da Prática Intergeracional.....	18
3.2 Estudos, Pesquisas e Reflexões.....	20
3.3 Políticas Intergeracionais e Práticas Intergeracionais.....	22
3.3.1 Políticas Intergeracionais.....	22
3.3.2 Práticas Intergeracionais pelo mundo.....	24
4. PROFISSIONAIS COM INTERVENÇÃO NA ÁREA SOCIAL E PROFISSIONAIS INTERGERACIONAIS.....	27
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO.....	31
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	32
1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	32
2. OBJETIVOS DO ESTUDO.....	33
3. OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	35
3.1 Pesquisa Qualitativa.....	35
4. PARTICIPANTES NA PESQUISA.....	36
5. MODELO DE ANÁLISE.....	37
6. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS.....	39
7. QUESTÕES ÉTICAS NA INVESTIGAÇÃO DO CAMPO INTERGERACIONAL.....	40
8. RECOLHA, TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	41
9. ANALOGIA: A ÁRVORE E AS PRÁTICAS INTERGERACIONAIS.....	43
10. PROCESSO DE AMOSTRAGEM E AMOSTRA.....	45
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	52
1. CONTEXTO SOCIO-INSTITUCIONAL DE INVESTIGAÇÃO.....	52
1.1 O contexto institucional.....	53
2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS AOS PROFISSIONAIS DA ÁREA SOCIAL.....	54
2.1 Práticas Intergeracionais no Distrito de Aveiro.....	55
2.2 Da Planificação das PI: ponto de situação.....	56
2.3 Para os envolvidos: uma solução e/ou um quebra-cabeças.....	61
2.4 Avaliar: fundamental ou dispensável?.....	71
2.5 O retorno, o ceticismo e a esperança.....	74
NOTAS CONCLUSIVAS - A EMERGENTE REINTERPRETAÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90

### III LISTA DE SIGLAS

AEEASG - Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade Entre Gerações;

CCS – Community Center of Sherbrooke;

CD - Centro de Dia;

CEEP - European Centre of Employers and Enterprises;

CFESS - Conselho Federal de Serviço Social;

CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego;

ECIL – European Certificate in Intergenerational Learning;

EPA – Escola Profissional de Aveiro;

ETUC – European Trade Union Confederation;

EUA – Estados Unidos da America;

EUCIS – European Civil Society for Education;

IGL – InterGenerational Learning;

INE – Instituto Nacional de Estatística;

Jl – Jardim de Infância;

JIR – Journal of Intergenerational Relationships;

ONG – Organizações Não-Governamentais;

ONU – Organização das Nações Unidas;

PAI - Páginas Amarelas;

PAII - Programa de Apoio Integrado a Idosos;

PI – Práticas Intergeracionais;

PSS - Public Schools of Saskatoon;

SAD – Serviço de Apoio Domiciliário;

SS – Segurança Social;

SRTS - *Safe Routes to School*;

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação;

UE- União Europeia;

UEAPME – European Association of Craft, small and medium-sized enterprises;

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

RCAAP – Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal;

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social;



#### **IV LISTA DE FIGURAS, GRÁFICO E TABELAS**

FIGURA 1 - CARACTERÍSTICAS DOS PROFISSIONAIS .....	29
FIGURA 2 – MAPA CONCETUAL .....	30
FIGURA 3 - METODOLOGIA QUALITATIVA.....	36
FIGURA 4 - MAPA DAS ORGANIZAÇÕES POR CONCELHO E ÁREA DE INTERVENÇÃO .....	50

## V LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - SEXO DOS PARTICIPANTES.....	47
---	----

## VI LISTA DE TABELAS

TABELA 2 – FATORES DE SUCESSO DAS PRÁTICAS INTERGERACIONAIS.	16
TABELA 3 - ASPECTOS NECESSÁRIOS PARA AVALIAR UMA PRÁTICA INTERGERACIONAL .....	17
TABELA 4 - VISÃO DOMINANTE VS VISÃO PREVALECENTE.....	19
TABELA 5 - OBJETIVO GERAL, QUESTÃO DE PESQUISA E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	34
TABELA 6 - COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA: CARÁTER RESTRITO .....	46
TABELA 7 - COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA: CARÁTER LATO .....	48
TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO COM + 65 ANOS - DISTRITO DE AVEIRO.....	49
TABELA 9 - ORGANIZAÇÕES: CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES .....	53
TABELA 10 - EIXO 1 – “VIVÊNCIAS NA INSTITUIÇÃO E TRABALHO MULTIDISCIPLINAR” .....	57
TABELA 11 - EIXO 2 - “NÍVEL DE ENVOLVIMENTO, INFLUÊNCIA E LIMITES – O EU E O OUTRO” .....	62
TABELA 12 - EIXO 2 - “NÍVEL DE ENVOLVIMENTO, INFLUÊNCIA E LIMITES – O EU E O OUTRO” .....	66
TABELA 13 - EIXO 3 – “A AVALIAÇÃO: FUNDAMENTAL OU DISPENSÁVEL?” .....	71
TABELA 14 – EIXO 4 – “O SENTIMENTO DE RETORNO, O CÉTICISMO E A ESPERANÇA” .....	74
TABELA 15 – EIXO 4 – “O SENTIMENTO DE RETORNO, O CÉTICISMO E A ESPERANÇA” .....	78
TABELA 16 - EIXO 4 - "O RETORNO, O CÉTICISMO E A ESPERANÇA .....	79

## **VII LISTA DE APENDICE**

APENDICE 1 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	103
APENDICE 2 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO - 1ª TENTATIVA.....	104
APENDICE 3 - GUIÃO DE ENTREVISTA.....	105
APENDICE 4 - ANÁLISE DE CONTEÚDO: EIXO 1 - "VIVÊNCIAS NA INSTITUIÇÃO E TRABALHO MULTIDISCIPLINAR" .....	106

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação surge no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo da Universidade de Coimbra, tendo como tema as perceções dos profissionais quanto às Práticas Intergeracionais.

O interesse pela questão da intergeracionalidade espoletou aquando da minha experiência de Erasmus. No decurso desses seis meses na cidade de Oradea, na Roménia, exerci funções de voluntária numa comunidade cigana (Alparea). Havia dentro da comunidade uma escola na qual eu partilhava vivências, aprendia junto das crianças e posteriormente dos familiares uma vez que assistia às visitas domiciliárias. Esta experiência trouxe-me curiosidade para a exploração do campo intergeracional em Portugal, já que apreendi que naquela comunidade cigana, as relações avô-neto tinham um valor inigualável para aquelas crianças, contudo não havia exploração dessa questão por parte da educadora, algo que era incompreensível para mim. No meu primeiro ano de mestrado, esse interesse pela intergeracionalidade aprofundou-se aquando da execução de um trabalho no qual explorei o trabalho do Instituto História Viva no Brasil, que faz um extraordinário trabalho no campo intergeracional. Assim, tendo em conta todo o meu interesse pela temática, os questionamentos, o entusiasmo, decidi que este seria o meu caminho.

As sociedades contemporâneas encontram-se cada vez mais envelhecidas e, em contrapartida, encontram-se a submergir num afastamento social, impeditivo para a criação de relações humanas intrinsecamente necessárias para cada elemento da sociedade. Por seu lado, vemos a esperança média de vida a aumentar gradualmente, aqui pede-se a consciencialização também ela gradual da necessidade das próximas gerações se lembrarem de olhar não só para si e por si, mas para o outro e pelos outros. Neste sentido, é imperativo caminharmos em redor da promoção da solidariedade e respeito entre gerações, para que se criem novas formas de se vivenciar a velhice. Cabe aos profissionais intergeracionais desenharem esse caminho, minuciosamente, para que a sociedade se transforme num grupo de pessoas que, independentemente da idade, se sente parte integrante da mesma.

O documento aqui apresentado, divide-se em cinco grandes capítulos. O primeiro capítulo introdutório é referente às motivações que alicerçaram a realização desta dissertação de mestrado e ao enquadramento teórico, no qual se apresenta o caminho percorrido pelo campo intergeracional e se apresentam os temas necessários à compreensão do campo intergeracional em sentido amplo. No segundo capítulo (“Práticas intergeracionais”) encontram-se os dados em sentido restrito das práticas intergeracionais, apresentando-se todas as questões relevantes para a execução de uma prática intergeracional e o papel do profissional intergeracional nesta execução. De seguida, no terceiro capítulo (“Opções metodológicas”) são descritos a metodologia utilizada, os objetivos e procedimentos técnicos que foram tidos em consideração, apresentando-se os diversos participantes no estudo. No capítulo quarto (“Apresentação e interpretação dos resultados”) elabora-se a análise efetuada sob os dados obtidos no trabalho de campo com os diversos entrevistados. Por fim, (“Notas conclusivas – A Emergente Reinterpretação da Intergeracionalidade”) no capítulo cinco, apresenta-se a reflexão sobre as questões que se foram salientando ao longo do desenvolvimento do presente estudo, expondo-se a necessidade de continuidade de investigação nesta sub-área do campo intergeracional.

**PARTE I - INTERGERACIONALIDADE E PRÁTICAS INTERGERACIONAIS**  
**– ANÁLISE EVOLUTIVA**

## CAPÍTULO 1 – ENVELHECIMENTO E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

### 1. Envelhecimento e suas Implicações

Ao longo dos tempos foram diversas as perspectivas sociais e culturais no que respeita ao envelhecimento. Na antiguidade, esta era entendida como um momento peculiar na vida da pessoa humana. Entretanto, no século XVII, as pessoas com mais de 40 anos já eram consideradas velhas. Bordelais (1993) citado por Teiga 2012 menciona que a velhice era um tempo em que o indivíduo tinha o privilégio de executar uma reforma espiritual para assim iniciar a sua preparação para a morte. É na segunda metade do século XX que despontam diversos paradigmas do envelhecimento. Na era do capitalismo o envelhecimento tem associado conceitos como o envelhecimento bem-sucedido e o envelhecimento produtivo. Na era do neoliberalismo é conceptualizado como envelhecimento ativo.

Encarando uma perspectiva multidimensional, o processo de envelhecimento é uma experiência inevitável que acarreta a junção dos múltiplos processos de desenvolvimento influenciado pelos fatores biológicos sociais e psicológicos, apresentando interação contínua.

O envelhecimento da população é inevitável, a nível mundial. Tem que haver um acelerado processo de adaptação da sociedade à população idosa, reforçando-se a ideia de que, mais do que a proteção à pessoa idosa, é necessário que a esta população seja associado o *empowerment* e *advocacy* em consonância com o respeito pelos percursos de vida, independência e dignidade e ainda a autorrealização e a participação social, procedendo-se à eliminação de qualquer negligência para com o idoso através da produção e/ou melhoria das políticas públicas de proteção social (Rebelo e Penalva, 2004; Sequeira, 2010; Pocinho, 2014).

Em suma, se pretendemos que o envelhecimento não seja encarado como um problema é necessário unirem-se esforços direcionando-nos para a promoção do envelhecimento saudável e do envelhecimento ativo.

#### 1.1 *Ageism*

No ano de 1980, Butler enunciou três aspectos sobre a discriminação da idade. O primeiro deles são as atitudes negativas dos jovens; o segundo refere-se ao trabalho e



desempenhos sociais; e por fim, as visões institucionais e a legislação. Esta discriminação tem a si associada o conceito *ageism*, que surge de Buttler na década de 60. Este conceito designa o processo social de marginalização e de construção de estereótipos para com a população envelhecida, levando ao surgimento de barreiras de convívio intergeracional (Erikson, Erikson e Kivnick 1986). Nesta linha, Andrade (2002) pensa no termo “idadismo” para traduzir o neologismo para a língua portuguesa. Na língua portuguesa este termo apresenta-se também traduzido por “ancianismo” (Lima, 2006: 20).

## 1.2 Envelhecimento ativo

A discriminação na idade pode ser combatida, adotando-se uma estratégia de envelhecimento ativo, onde a sociedade trabalha para que os anciãos se mantenham inseridos na comunidade. Walker (2006) menciona que o conceito de envelhecimento ativo já remonta ao ano de 1960 nos EUA, e surge em oposição à teoria do *disengagement* que defendia que envelhecer significava entrar num período inevitável de retirada de papéis e relacionamentos. Em 2002, a OMS definiu Envelhecimento Ativo como “o processo pela qual se otimizam as oportunidades de bem-estar físico, social e mental durante toda a vida com o objetivo de aumentar a esperança de vida saudável, a produtividade e a qualidade de vida na velhice” (OMS, 2002:12). Segundo Fernando Ballesteros (2002) e Mariana Almeida (2007), o envelhecimento ativo é um conceito inovador uma vez que o bem-estar está intrinsecamente ligado a atitudes executadas com uma lógica de se adiar, prevenir dificuldades e obstáculos gerados inevitavelmente pelo envelhecimento, tendo sempre em vista fatores psicológicos, de adaptação e sociais.

O período de austeridade que a Europa atravessou em 2012 revelou que o índice de sustentabilidade europeu não se apresentou proporcional ao índice de envelhecimento, uma questão que mereceu atenção. Nesse seguimento, 2012 foi consagrado como o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações. A preocupação principal foi a discriminação assente na idade e a sustentabilidade das distintas gerações, em concomitância com o reforço das perspetivas de emprego tendo em conta as potencialidades individuais e a autonomia (UE, 2012). No documento do Ano Europeu Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações encontra-se ainda referido que:

Uma resposta fundamental a esta rápida mudança na pirâmide etária consiste em promover a criação de uma cultura de envelhecimento ativo ao longo da vida, garantindo assim que a população com perto de sessenta anos ou mais,

em rápido crescimento, que, em geral, é mais saudável e mais instruída do que a de qualquer outro grupo etário precedente do mesmo tipo, tenha boas oportunidades de emprego e de participação ativa na vida social e familiar, nomeadamente através de atividades de voluntariado, da aprendizagem ao longo da vida, da expressão cultural e do desporto (Decisão no 940/2011/UE do Parlamento Europeu e do Conselho de 14 de setembro de 2011:246/5).

Segundo Maria Carvalho (2013), atualmente a inclusão dos idosos em decisões políticas e sociais é crucial em toda a democracia.

Em suma, a investigadora confere que o envelhecimento da população que conduziu à necessidade de se pensar e planejar um envelhecimento ativo, se tornou num fenómeno social a partir do século XX. Este fenómeno constitui-se um desafio transversal a todos os que integram a sociedade moderna. Nesse sentido, o envelhecimento da população deve ser visto de forma positiva uma vez que se poderá direccionar, em larga medida, o trabalho institucional para as práticas intergeracionais, podendo estas ser a base para uma conexão repleta de ensinamentos, aprendizagens, reflexões, existindo a possibilidade de se criar uma sociedade mais justa e menos solitária.

## **2. Relações intergeracionais**

### **2.1 Conceito**

Na sociedade norte americana, o tema das relações intergeracionais começou a ser considerado nos últimos 60 anos apesar de só em fins do século XX se tenham desenvolvido estudos na área, impulso que se deveu à unanimidade gerada quanto à sua relevância na sociedade atual. Na Europa, apenas a partir da última década as relações intergeracionais têm assumido uma crescente importância no campo científico.

Quando se fala em relações intergeracionais é sempre significado de troca de experiências entre gerações num determinado espaço, que despoletam o enriquecimento de ambos. Acontece frequentemente ler-se que a experiência intergeracional traz benefícios acentuados para as crianças e jovens, uma vez que ambas as gerações poderão transmitir conhecimentos, valorização e participação social sendo essa transmissão imprescindível para a vida em sociedade. Assim, as relações intergeracionais são produtoras de frutos significativos na vida de ambos, refletindo-se numa maior coesão social.

Segundo Lúcia França (2009), o primeiro a usar o termo “generatividade”, no seu modelo de desenvolvimento psicossocial ao longo da vida, foi Erikson. O autor introduziu este termo por considerar que as relações intergeracionais são um contraponto à estagnação sentido a partir da faixa etária mais avançada, tornando as pessoas ativas, com sentido de cuidado perante o outro (França, 2009). A sociedade em constantes alterações faz emergir uma necessidade de unir esforços para a integração social de todos os cidadãos. Neste sentido, é imprescindível que sejam criadas oportunidades de reconhecimento e de participação ativa (Pimentel L. Et al 2016) dos mais velhos com os mais novos.

## 2.2 Intergeracionalidade e gerações

O sociólogo Dirceu Magalhães, na sua obra “Intergeracionalidade e Cidadania” expõe a sua visão sobre as gerações referindo que as pessoas não são apenas números, existindo em cada geração particularidades que se complementam. Este, considera que nelas estão envolvidos segmentos sociais, implicando valores, estilos de vida, padrões de comportamento entre outros. As gerações são mais que a demografia porque trazem consigo lendas referências religiosas, memórias entre outros (Magalhães, 2000). Essa união gera a convivência entre pessoas de distintas faixas etárias que é também ela a convivência entre diferentes culturas com diversas experiências socioculturais (Ferrigno, 2003; Lopes, 2006) de costumes, modos de ser e estar diversos.

## 2.3 A criança e o idoso – O mundo individualista

Caminhamos atualmente para um mundo individualista. A evolução tecnológica e o aumento dos níveis de insegurança pelo mundo, fazem com que todos nós sejamos responsáveis pelas crianças e por tentar contrariar o caminho para a “dessocialização” que nos encontramos a percorrer. Existe a necessidade de que a proximidade entre idosos e crianças seja estimulada por todos, ambas as gerações necessitam de se conhecer, bem como conhecer as suas possibilidades e limites. O idoso transcende o hoje, recupera as suas memórias e as crianças abordam a sua existência e aprendem sobre o que um dia poderão vir a ser, de forma desmistificada. Helena Novaes (1997:55), corroborando com a linha de pensamento da investigadora, menciona que “a criança e o idoso talvez se

reúnam numa dimensão intemporal do ser, a qual eles pertencem por direito, um por não haver ainda saído dela e o outro por tê-la reencontrado” (Novaes, 1997:5).

O mundo individualista leva a que as nossas crianças se distanciem de um conhecimento fundamental que só lhes pode ser transmitido pelas gerações mais velhas: ensinar jogos tradicionais e músicas, formas de trabalhar ancestrais, trabalho na agricultura.

A memória dos idosos é em si uma memória coletiva e por isso é necessário que esse tão precioso conhecimento seja passado às novas gerações. Então, as sociedades devem manter o percurso direcionado para a junção de ambas as gerações, uma vez esta junção se torna mais um auxílio para a autoconfiança do idoso pelo sentimento de pertença e para a criação de valores de solidariedade e respeito pelo próximo na criança.

## CAPÍTULO 2 - PRÁTICAS INTERGERACIONAIS

### 1. Contextualização histórica

Uma das alternativas interessantes para promover uma percepção positiva sobre o envelhecimento é a prática intergeracional, pensada para propiciar a existência de relações entre as diversas gerações. As práticas intergeracionais (PI's) são realizadas com base em atividades de constante interação que auxiliam novos e velhos no entendimento da importância da partilha de comportamentos e conhecimento para ambos.

As práticas intergeracionais despontam nos EUA na década de 60. Sally Newman é pioneiro das práticas intergeracionais com o programa “Generations Together”, fundação pioneira na promoção de programas intergeracionais nos EUA. Alguns autores (Newman, 1997; Newman e Sánchez, 2007) identificam três etapas na evolução história das PI's.

A **primeira etapa**, desde finais dos anos 60 até aos anos 80, ficou marcada pelo desenvolvimento de PI's direcionados para o amenizar dos efeitos do distanciamento geográfico que se estava a gerar nos EUA. Neste sentido, as práticas intergeracionais tornaram-se numa forma de se conseguir a conexão entre séniores e crianças, através das mais diversas iniciativas.

Vinte anos depois, na **segunda fase**, de 1980 a 1990, o propósito altera-se: desenvolvem-se PI's que visam atenuar problemáticas específicas que afetavam os mais novos e os mais velhos.

A **terceira etapa**, desde os anos 90 até à atualidade, caracteriza-se pelo uso de PI's como instrumento de desenvolvimento comunitário e, essencialmente, pela tentativa de ampliação do campo das relações intergeracionais em diversas áreas geográficas, para a construção de uma sociedade para todas as idades. No final da década de 90, as PI's apresentaram um crescimento acentuado na Europa devido a questões políticas, o reconhecimento de novos papéis do idoso (Reino Unido) e o interesse no envelhecimento ativo. A criação do Consórcio Internacional para os Programas Intergeracionais é a melhor evidência deste despertar para as PI'S. Durante este período de desenvolvimento e evolução das PI's existiram alguns marcos particularmente importantes que irei redigir na tabela 1.

1960 a 1980	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aparição de novos programas organizados por governos e fundações locais e estaduais;</li> <li>• Publicação de manuais sobre as PI's;</li> <li>• Generations United (EUA) - apoia as iniciativas intergeracionais e apoia a sua legislação;</li> <li>• Generations Together - Universidade de Pittsburgh - organizou o primeiro Certificado Intergeracional</li> <li>• Educação Intergeracional introduzida nas Universidades dos EUA</li> </ul>
1990	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consórcio Internacional para Programas Intergeracionais.</li> </ul>
2000 a 2007	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2001. Criação do Centro de Práticas Intergeracionais da Fundação Beth Johnson, no Reino Unido;</li> <li>• AGE Platform Europa: rede europeia e ONG's;</li> <li>• 2003. Lançamento do <i>Journal of Intergenerational Relationships</i> (JIR);</li> <li>• 2005. Criação da Rede de Relações Intergeracionais do Instituto de Idosos e Serviços Sociais (IMSERSO), Espanha;</li> <li>• 2007. As universidades de Pittsburgh, nos Estados Unidos, e Lampeter, no País de Gales (Reino Unido) criam cursos de treino intergeracional;</li> <li>• Manual "Tried and true: Intergenerational Activities at Shared Site Programs" Generation United</li> </ul>
2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>European Network for Intergenerational</i>: para promover a Aprendizagem Intergeracional (IGL), reunindo profissionais de toda a Europa;</li> <li>• ECIL – com parceria com o Programa DaVinci, ensino à distância de formação na elaboração de PI potencialmente bem-sucedidos.</li> </ul>
2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>• AEEASG, acontece com a parceira de diversas instituições a nível europeu.</li> </ul>
2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conference - <i>Intergenerational Learning Cities Cuenca</i> 16-18 October 2013;</li> <li>• Age-friendly Belfast Intergenerational Toolkit – Guia de apoio para profissionais intergeracionais;</li> <li>• MetLife Foundation e a Generations United apresentaram quatro comunidades com o Prêmio 2013 da MetLife Foundation / Gerações United Best Intergenerational Communities;</li> </ul>
2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conferência - "Local development and intergenerational learning in mountain areas" por The Bigfoot project (Lifelong learning Program) in collaboration with the Committee of the Regions;</li> <li>• Camden Intergenerational week – UK;</li> <li>• Relatório da Comissão ao parlamento europeu, conselho e comité económico e social europeu e ao comité das regiões sobre a implementação, os resultados e a avaliação global do AEEASG - Bruxelas.</li> </ul>
2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Age 2015 Annual Conference;</li> <li>• Eucis-III policy debate "intergenerational learning for inclusive societies".</li> </ul>
2016	<ul style="list-style-type: none"> <li>• The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies* University of Michigan and University of Gen;</li> <li>• Summer Academy 2016: Europe must not fail.</li> </ul>
2017	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Intergenerational Fairness - Barbara Kauffmann: Director of Employment and Social Governance Directorate European Commission DG Employment, Social Affairs and Inclusion;</li> </ul>

2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>• European Map of Intergenerational Learning Newsletter – 28 th edition</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 13ª Conferência “Monitoramento Social e Relatórios na Europa” European Social Reporting Network;</li> <li>• Estudo “<i>Baby Boomers vs Millennials: conflitos retóricos e construção de interesse na nova política de justiça intergeracional. FEPS e Universidade de Sheffield</i>”</li> </ul>

Em suma, é possível verificar-se que a evolução da prática intergeracional se encontra ainda em progressão tanto no que concerne à investigação científica como à sua aplicação na prática. O caminho aparenta ser longo, sendo crucial que as ciências sociais não criem elas próprias a desvalorização destas práticas, através do desinteresse científico que se refletirá no desinteresse da aplicação na prática.

## 2. Concetualização e caracterização das práticas intergeracionais

Antes de mais, é relevante mencionar que todas as práticas intergeracionais devem partir da ideia-base de que todos os integrantes de uma família ou comunidade são cidadãos de pleno direito, independentemente do seu grau de dependência e idade. Assim, segundo Alfredo Costa, “a solidariedade da comunidade local poderá ter um papel particularmente importante, (...) no que (refere) à convivência entre diversas gerações e menos em iniciativas circunscritas apenas a pessoas idosas” (Costa, 1988:88).

Estas práticas foram (década 70) definidas como atividades planeadas que juntam, intencionalmente, distintas gerações para que estas partilhem experiências que sejam mutuamente benéficas. Tipicamente, elas envolveriam interações de aprendizagem e crescimento social entre o idoso e mais jovens (NCOA, 1981). Estas práticas surgem fundamentadas na teoria psicossocial do desenvolvimento de Erik Erikson. Com Erik Erikson aprendemos que existe uma sinergia única da necessidade de desenvolvimento entre ambas as gerações (Erikson, 1963). É através da obtenção da consciencialização desta sinergia especial que se dá origem à noção dos PI’s em que os participantes eram uma geração ignorada: sendo ou mais novos ou mais velhos. Um aspeto crucial para a criação dos PI’s foi a perceção de que a sinergia geracional em ambientes familiares poderia ser transportada para modelos de planeamento social, que levariam à criação de oportunidades para a aprendizagem intergeracional e o desenvolvimento de relações

significativas, independentemente da existência (ou ausência) de laços familiares de ambas as gerações.

Nesta linha de pensamento, Dan Ventura-Merkel e Liddoff (1983) definiram PI's como sendo "Actividades ou programas que aumentam a interação e partilha entre membros de duas gerações, que envolvem a troca de habilidades, conhecimentos e experiências entre jovens e idosos" (Ventura-Merkel e Liddoff, 1983). Como salienta Sally Newman (1997) refere que as PI's surgem para se partilharem experiências entre diferentes gerações, que apresentam carácter positivo no bem-estar psicológico, emocional e social dos participantes (Newman, 1997).

A aproximação de gerações demonstra ser um instrumento eficaz, que traz efeitos ao nível da inclusão social e do desenvolvimento comunitário (UNESCO, 2000). Uma definição ainda atual, de programas intergeracionais foi definida na *First ICIP International Conference* (Keele University, Reino Unido), em 2002, tratando-se de uma abordagem em que as diversas gerações se conectam para promover ideias, atitudes e valores de forma maioritariamente interativa. O objetivo final passa por fomentar o desenvolvimento pessoal e da sociedade envolvida (Hatton-Yeo, 2002: 19).

Teresa Almeida, Alan Hatton-Yeo & Iris Marreel (2009: 20) e Teresa Pinto et al (2009) sustentam também que a prática intergeracional acarreta o objetivo da junção de indivíduos para se obterem benefícios mútuos como o respeito entre as diferentes gerações. Este entendimento relativo aos PI's evidencia a mais-valia de juntar idosos e mais jovens, vendo isto sob um contexto alargado de uma comunidade que é construída a partir das mais diversificadas gerações e que também é construída a partir de instituições onde estão albergadas distintas gerações num mesmo espaço.

Do senso comum, sabe-se que as gerações mais velhas têm uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações, sendo essa imprescindível para a preservação da cultura. Contudo, as gerações mais novas também podem ser transmissoras de conhecimento – tais como as novas tecnologias – e enriquecerem a geração de indivíduos que nunca tiveram acesso a estes equipamentos, devido à cultura, à política e à economia à data. Os programas intergeracionais permitem o envolvimento de políticas sociais e institucionais, de práticas culturais e comunitárias e do empreendedorismo a fim de se promover as relações intergeracionais (Nunes, 2009 referindo Kaplan & al. (2002).

Um dos paradigmas dos programas intergeracionais surge associado ao conceito de capital social. Alguns autores (Boström, 2002; Bourdieu, 1998) mencionam que a



prática da intergeracionalidade pode ser discutida associando-a ao capital social. O capital social é segundo James Coleman (1988) composto por questões como a boa comunicação dentro do grupo de idoso e criança, a partilha de saberes e valores, e a estruturação do trabalho com um objetivo comum, decidido em conjunto. Juntas, as entidades promotoras trarão aumento do capital social de ambas as gerações, eliminando a frustração, ansiedade ou desinteresse. Os programas de aprendizagem entre gerações são uma forma de capital social. Os recursos individuais (gerações distintas) trabalhar dentro de um sistema (escola, organização, hospital) para se atingir um objetivo comum da comunidade: capital social (Newman & Hatton-Yeo, 2008). Estamos em pleno século XXI e os programas intergeracionais estão em destaque na agenda de diversos países, estando a tornar-se um princípio orientador de políticas e reformas a nível educativo e social, começando a ser um instrumento imprescindível para os emergentes desafios que se nos apresentam: envelhecimento demográfico e fracas ligações entre criança e idosos.

Nesse sentido, é importante que se evitem comportamentos de exclusão os que participam nas PI's. O ponto é centrar o programa mais nas qualidades individuais nos participantes, mostrando a irrelevância das diferenças de idades e menos no diferencial de idade dos participantes como sugere a teoria da identidade social (Fletcher, 2007). Se assim for, está-se a promover o sentido de partilha, continuidade cultural e o desenvolvimento da coesão social.

Os programas intergeracionais são cada vez mais relevantes devido a uma série de alterações sociais globais tais como as mudanças demográficas, muito ligadas ao envelhecimento da população bem como a modificação dos padrões a nível social, bem-estar e económicos que automaticamente fazem aumentar as disparidades económicas. Essa modificação de padrões leva também a que estejamos perante sociedades individualizadas e fragmentadas. Este individualismo conduz ao enfraquecimento da estrutura familiar tradicional. Outra das alterações sentidas na contemporaneidade é o crescente isolamento e solidão da população idosa, que é muitas vezes “justificada” pelos ditos “nómadas modernos” (indivíduos que, por necessidade económica, se deslocam da terra natal) que se tornam mesmo que de forma involuntária, os responsáveis pelo isolamento (EAGLE, 2007).

A solidariedade entre gerações, as relações intergeracionais, os programas intergeracionais proporcionam múltiplos benefícios para as sociedades envelhecidas “... *to promoting adult learning as a means of fostering solidarity between different age groups (for example, by means of an "intergenerational pact") and between cultures and*

*people of all backgrounds*” (EU, 2011:9). Este “pacto intergeracional” é direcionado para diversas questões sociais como o fraco desempenho escolar, a pobreza, a solidão, o isolamento, a falta de moradia, o abuso infantil e drogas, a imigração, o meio ambiente e as tecnologias. As práticas intergeracionais desenvolvem-se para promover o crescimento social e aprendizagem entre idosos e criança, bem como uma melhor qualidade de vida na comunidade.

Nesse sentido, apesar da multiplicidade de interpretações deste tipo de programas, existem três componentes irrepreensíveis e fundamentais nos PI's. **O primeiro** - Num mesmo espaço, dá-se a junção de indivíduos de diversas gerações, para a realização de uma mesma atividade; **o segundo** - Acarretam benefícios tanto para os participantes como para a comunidade; **o terceiro** - Têm como meta a inclusão e respeito mútuos (Villas-Boas et al 2015). Verifica-se assim que embora cada autor apresente a sua especificidade relativamente às PI's, todos apresentam consenso quanto a estes três pontos.

A intervenção das práticas intergeracionais pode acontecer em **diversos contextos sociais**, tais como: a educação, a saúde, a habitação, cultura, trabalho, ambiente, inclusão, sociabilidade, tecnologias informáticas e prevenção, etc. A sua implementação é geralmente desenvolvida em Centros Comunitários, Escolas, Centros Culturais, Centros Sociais, Centros de Convívio, Universidades, Centros de Dia, Empresas, Associações, Municípios e Hospitais. Independente do espaço-tempo em que o profissional recorre a uma atividade de cariz intergeracional, existem **quatro modelos distintos** e distinguidos pelo manual da terceira idade para que a sua atuação possa acontecer tendo em conta o benefício de ambas as gerações: (1) Adultos mais idosos - crianças, jovens, adultos jovens, famílias como: cuidadores, mentores, tutores, instrutores, defensores, amigos, confidentes; (2) Crianças, jovens, adultos jovens e outros adultos como: visitas amigáveis, mentores, defensores, tutores; (3) Crianças, jovens, adultos jovens mutuamente em residências compartilhadas, salas de aula, experiências de aprendizagem, creches e casas de repouso; (4) Adultos mais idosos e crianças, jovens, adultos jovens outros como: planejadores, parceiros, consultores, defensores, líderes.

Estes distintos modelos demonstram-nos que o contributo é recíproco nas mais diversas formas de se praticar a troca intergeracional, sendo que a sua tipologia é vasta tal como relembra Alan Hatton-yeo (2008): a nível do desenvolvimento comunitário e da segurança; Educação, formação e aprendizagem, onde se inclui a educação geral e formação, a aprendizagem ao longo da vida, a aprendizagem de línguas, a alfabetização,

alfabetização digital, universidades seniores, intercâmbio de conhecimentos, passatempos; - Monitoramento em apoio intergeracional, serviços e consultoria; - Mediação, incluindo as TIC; - Inclusão / participação social, cidadania ativa; - Empregabilidade; - História e reminiscências, incluindo história oral, preservação do patrimônio cultural, trabalho com testemunhas convenientes; - Saúde; - Artes culturais, teatro, música; - Ambiente e proteção ambiental; - Viagens, excursões e tempo de lazer (Hatton-yeo, 2008).

De entre a vasta panóplia de **objetivos e tipologias** que podem estar associados a cada uma das PI's promovidos pelas mais diversas organizações, estão incluídos o reforço dos sistema de ensino e a redução de mau desempenho escolar, o desenvolvimento do sentimento de pertença, a preservação cautelosa das tradições de cada cultura, a inclusão social de novos e velhos, a melhoria do sistema de apoio à comunidade, a consciencialização para o meio ambientes através das atividades em conjunto, a diminuição ou erradicação do isolamento e solidão da gerações mais envelhecidas e também a ajuda à integração de imigrantes na comunidade em que recentemente se inserem.

### **Benefícios**

No que concerne a benefícios, um relatório publicado por *European Approaches to InterGenerational Lifelong Learning* - EAGLE (2007) acerca das questões intergeracionais na Europa – políticas, atividades, projetos, praticas - são identificados múltiplos benefícios dos programas intergeracionais para a sociedade, indivíduos e comunidade. Dentre eles incluem-se a aproximação de gerações divididas levando a uma melhor aceitação e compreensão entre elas; o incentivo à cidadania ativa e participação social; o incentivo ao trabalho geracional; a partilha de conhecimento, e valores a nível pessoal social e profissional; a manutenção da construção de capital humano e social (EAGLE, 2007).

Certamente, pela diversidade de práticas intergeracionais são muito diversos os benefícios que se podem originar. É então de acentuar que estes são programas que abrangem um grande campo multidisciplinar, tendo um foco intencional na aprendizagem entre gerações, na construção de boas relações e na obtenção de benefícios mútuos para os participantes e comunidade. Então, um programa benéfico para os indivíduos, só o será se existir uma boa planificação, consistência e avaliação.

## Fatores de Sucesso

Quanto aos fatores essenciais para o sucesso das PI's, no geral, poderão ser considerados os fatores-chave da tabela 2:

**TABELA 1 – FATORES DE SUCESSO DAS PRÁTICAS INTERGERACIONAIS**

<b>Sustentabilidade</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Abordagem a longo prazo</b></li><li>• <b>Financiamento;</b></li><li>• <b>Monitorização e avaliação</b></li></ul>
<b>Profissionais</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Habilidades e treino;</li><li>• Compromisso e entusiasmo;</li><li>• Tempo e disponibilidade;</li><li>• Estabilidade;</li></ul>
<b>Atividades</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Variadas e diversificadas</li><li>• Foco no desenvolvimento de relacionamentos;</li></ul>
<b>Participantes</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Características dos mais velhos;</li><li>• Garantia de benefícios mútuos;</li></ul>
<b>Organização</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Definição de horários;</li><li>• Transporte;</li></ul>
<b>Parcerias</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Envolvimento estratégico</li><li>• Relações operações</li></ul>

Fonte: Springate, I., Atkinson, M. and Martin, K. (2008): 17

Não obstante, a literatura destaca que a prática intergeracional tem o potencial de produzir resultados negativos quando existe falta de financiamento uma vez que a obtenção de financiamento a longo prazo é fator vital para a sustentabilidade e, portanto, garantindo o sucesso a longo prazo (Feldman et al., 2003; Pain, 2005; Whitehead et al., 2006). É também arriscado quando existe uma prática menos positiva por parte dos profissionais, levando a uma possível obtenção de resultados potencialmente negativos ou infundados (como discutido no capítulo anterior) para ambos os grupos. Assim, a análise sugeriu que os fatores-chave eram comuns em diferentes tipos de atividade e em diferentes culturas / ambientes.

## **Avaliação**

A avaliação nas práticas intergeracionais é também ela um fator a ter em consideração, sendo inescusável ter que se explicar o potencial da implementação destes programas (Bostrom, Haatton-Yeo, Ohako & Sawana (2000). Algumas das razões para a execução da avaliação são:

1) Explicação do desenvolvimento do trabalho e da modificação de metas; 2) Auxílio na identificação de lacunas; 3) Demonstração de impacto aos financiadores; 4) Motivação dos participantes; 5) Demonstração do que é executado com relatórios responsáveis onde seja visível a eficácia e eficiência do projeto; 6) Manifestação de profissionalismo; 7) Evidência de concretização de objetivos pré-definidos; 8) Garantia de novos financiamentos; 9) Persuasão quanto a políticas e práticas a direcionar (Bernard & Eliis 2004).

Na tabela 3 estão descritos os aspetos que Mariano Martinez e Maria Conde (2009) consideram fundamentais para a avaliação das PI:

**TABELA 2 - ASPECTOS NECESSÁRIOS PARA AVALIAR UMA PRÁTICA INTERGERACIONAL**

<b>Verificar da pertinência da Prática Intergeracional;</b>
<b>Idealizar e propor um processo;</b>
<b>Criteriação das vertentes + relevantes;</b>
<b>Analisar custos da PI;</b>
<b>Criar modelo lógico da PI;</b>
<b>Desenvolver Indicadores;</b>
<b>Debruçar-se sobre tarefa explícita;</b>
<b>Refletir sobre interesses secundários ligados ao programa;</b>
<b>Integrar evidências;</b>
<b>Constatar dos benefícios do PI para participantes (profissionais e comunidade);</b>
<b>Incorporar normas;</b>

### 3. Implicações na prática

#### 3.1 Emergência da Prática Intergeracional

A alteração de várias concepções negativas que existem em relação ao idoso é uma das metas destas práticas. A imagem de sofrimento, debilidade – visão negativista – tem que ser alterada até que se passa a atribuir uma visão positivista (Viegas & Gomes, 2007). Esta temática tem originado diversas reflexões de investigadores e de entidades governamentais pelo mundo. Exemplos disso são a ONU em 1999 com Ano Internacional das Pessoas Idosas- “Sociedade para Todas as Idades” e a Segunda Assembleia Mundial para o Envelhecimento Madrid 2002 – ponto de viragem no entendimento do envelhecimento. As recomendações foram o incentivo a que os governos efetuassem uma revisão das políticas para se assegurar equidade entre gerações, podendo ser a chave para o desenvolvimento social. (Manual de Boas Práticas-Intergeracionalidade, 2004). Diante de uma sociedade cada vez mais envelhecida, é inevitável que sejam tendencialmente mais escassos os recursos promotores de desenvolvimento. A integração de todos os indivíduos na sociedade, através da rentabilização das suas capacidades e habilidades e conhecimentos é uma das formas de contrariar este cenário (*Idem*).

O Wise Together sugere que se faça a distinção entre a “visão prevalecente” e a “visão emergente” como está postulado na tabela 3.

TABELA 3 - VISÃO DOMINANTE VS VISÃO PREVALECENTE

VISÃO PREVALECENTE	VISÃO EMERGENTE
Idealismo, energia, e vitalidade estão ao alcance dos mais novos.	Idealismo, vitalidade e energia pode fazer parte de qualquer estágio da vida.
Sabedoria e experiência estão ao alcance da geração mais velha.	Sabedoria e experiência podem fazer parte em qualquer idade.
Mais velhos são os mentores – mais novos são aprendizes.	Mais velhos e mais novos podem ensinar mutuamente, usufruindo das suas distintas contribuições.
Idade 30-60 são mais produtivos. Idosos e crianças são menos relevantes.	Velhos e novos podem ter um contributo para o enfrentar de desafios.
Categorizar gerações (eg: Millennials) influencia a forma como entendemos e lidamos com a outra geração.	Colaboração e parceria verdadeiras só acontecem com conversas e comprometimento autênticos, relativos a estereótipos.
A minha geração sabe mais.	Compaixão mútua ajudam as gerações a criar juntas possibilidades inovadoras.
A próxima geração terá que resolver os desafios locais e globais. Nós fizemos o nosso trabalho. Agora é o deles.	Os nossos desafios não podem ser resolvidos apenas pelas gerações mais novas. Temos que nos envolver nessa cultura da responsabilidade e investimento no nosso futuro, uma vez que todos integramos o mesmo Círculo de vida”. O futuro das nossas espécies e do planeta dependem do nosso trabalho conjunto, movendo e afastando as barreiras tradicionais de idade e geração.

Fonte: Elaborado apartir do site Wiser Together. <http://www.wiser-together.com/about/guiding-principles/>

Referindo a sugestão da iniciativa *Developing Creative Intergenerational Relations*, podem idealizar-se como veículo que vai permitir aos indivíduos tornarem-se mais ricos de conhecimento através da interação com o mais velho, para além da relevância da simples comunicação entre elementos de faixas etárias diversas.

### 3.2 Estudos, Pesquisas e Reflexões

A visão que o mais novo tem perante os mais velhos sempre foi ao longo dos séculos uma visão maioritariamente negativa, sendo estes associados à inatividade, passividade, arrogância e até ao incómodo. Contudo, foram surgindo pesquisas que serão analisadas no presente ponto da dissertação.

Susan Gordon e Dean Hallauer (1976) fizeram a condução do estudo “*Impact of a Friendly Visiting Program on Attitudes of college Students Toward the Aged*”. Os dados obtidos foram esclarecedores: existiu uma mudança de atitudes dos mais novos em relação aos idosos, bem como um entusiasmo acentuado da parte dos idosos quanto às atividades a desenvolver com jovens. O estudo desenvolvido pelos autores acima descritos foi um impulsionador de programas intergeracionais. Em 1979, Curtis Trent, J. Conrad Glass & Joan Crockett fizeram o estudo “*Changing adolescent 4-H Club Members’ attitudes toward the aged*”, com adolescentes e idosos e concluíram que é possível mudar atitudes dos mais novos perante o envelhecimento através da valorização do contato direto. Nos anos 90, os estudos executados ressaltam a mudança de atitude dos mais novos em relação os idosos, em programas com contato físico. Em 1993, o estudo “*Impacto of an intergenerational program on Black adolescents’ attitudes toward the elderly*” apontou através de uma análise qualitativa aos comentários dos envolvidos, que existe um impacto positivo tanto nos jovens como nos idosos (Aday, McDuffie e Sims, 1993).

Um estudo exploratório realizado com crianças entre os 6 e 10 anos, revela que há estereótipos a nível da aparência física, a nível da atividade profissional, namoros. Achando que os idosos devem manter-se ativos (De Sousa et al 2010:12-14).

No distrito de Porto e Braga foram estudadas 463 crianças entre os 9 e 10 anos. Cristina Palmeirão e Isabel Menezes (2012:131) pretendiam identificar atitudes ligadas à pessoa idosa. As conclusões apresentadas dizem que existe uma tendência para o bom humor, e que devem conviver com todas as gerações e não só com a sua faixa etária.

No seu estudo “*Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*”, Sacha Vieira (2010) refere a importância que as trocas entre as distintas gerações têm de forma bidirecional, surgindo múltiplos papéis em ambos os lados: o cuidado com a criança, participação e educação das crianças pelos mais velhos, que faz com que surge um maior bem-estar, inclusão social e mais qualidade de vida nos idosos.



Porém, se existe uma vasta panóplia de estudo relativos às atitudes que as crianças têm sobre os idosos, contudo são menos frequentes os estudos que analisam as atitudes dos mais velhos com as crianças e os seus benefícios. O estudo “*Elderly Peoples’ Perception of Young People – A Preliminary Study*” realizado na Polónia, juntou 140 idosos da *University of the Third Age* concluindo que 85% dos participantes responderam de forma positiva à questão “Do you enjoy contact with young people?”, referindo, no entanto, que esse é um contato limitado, circunscrito a alguns contactos anuais. No geral, os idosos mostram acreditar na necessidade da integração das gerações, para benefício mútuo.

Em 2017 foi desenvolvido um estudo no Brasil, que visou perceber as “atitudes dos idosos e dos profissionais em relação às trocas intergeracionais. O objetivo era efetuar a descrição e comparação das respostas dadas por idosos e por profissionais que participavam em programas de educação em São Paulo (Brasil) em relação a trocas intergeracionais. A amostra foi de 148 idosos e 52 profissionais. As conclusões demonstraram que em relação aos profissionais, os idosos tinham uma visão mais negativa das atitudes das crianças em relação à pessoa idosa, e pelo contrário consideram mais positivas as atitudes do idoso com a criança. Relativamente aos profissionais que trabalham com grupos intergeracionais e os que trabalham só com idosos, os primeiros expressam de forma mais positiva a questão da interação entre idoso e criança. Relativamente às atitudes relativas às trocas intergeracionais, os idosos apresentam uma visão mais positiva em relação às atitudes do idoso com a criança. Este estudo conclui ainda que a atitude é uma questão socialmente aprendida, podendo ser modificada ao longo da vida tendo em conta as oportunidades e contacto que nos são dadas.

Um estudo de grande importância e pioneiro em Portugal é o contributo de Carlos Andrade (2002), no qual o autor analisou os contributos, a nível pessoal e social, de uma experiência de solidariedade entre jovens e idosos (institucionalizados em lares) numa escola secundária, discutindo também a pertinência destes projetos.

É possível retirar diversas conclusões com os estudos apresentados anteriormente. As crianças descrevem os idosos segundo o que conseguem observar (aspetos físicos) e nessa descrição apresentam estereótipos – doentes e frágeis, diminuição da beleza física visão etc. Por outro lado, consideram a velhice um ciclo natural e irreversível, achando-os também bons contadores de histórias e que por isso é importante o convívio entre as gerações. Ou seja, existe uma dualidade de perceções associadas à velhice. Por fim, as crianças demonstram receio em relação ao facto de se

virem a tornar velhos, ou não se conseguem sequer imaginar como tal. Os idosos consideram estes encontros importantes para ambas as gerações, ressaltando a necessidade de que este contacto aconteça regularmente. No caso dos profissionais é de salientar que consideram que as trocas intergeracionais não são vistas de forma muito positiva pela sociedade.

Os diversos estudos apresentam múltiplas perspetivas e conclusões relativamente as práticas intergeracionais, contudo a aplicação de programas desse cariz será importante para o aprofundar do entendimento concreto relativamente a esta “nova era intergeracional” e torna-se importante aprofundar a visão dos profissionais que se encontram inseridos neste projetos, para assim se enraizarem formas de planear, executar e avaliar estes programas bem como se perceber se estas práticas se apresentam verdadeiramente relevantes para o participante, a sociedade, o profissional e o mundo envelhecido.

### **3.3 Políticas Intergeracionais e Práticas Intergeracionais**

#### **3.3.1 Políticas Intergeracionais**

Têm surgido um conjunto de políticas sociais potenciadoras da integração social dos idosos na comunidade. A promoção de espaços Intergeracionais que auxiliem na socialização e educação de gerações, é uma estratégia preponderante associada ao envelhecimento ativo. Todos juntos, podemos combater a discriminação e o preconceito em torno do envelhecimento no Ocidente (Ferreira et al, 2012).

Segundo Sally Newman e Mariano Sánchez (2007), inspiradas por Michael Bernard (2006), há no campo intergeracional uma formação de um quebra-cabeças, a nível das pesquisas, teorias e políticas. Toda a prática intergeracionais deve ser executada em consonância com o quadro político vigente no país onde é aplicada, independentemente do conhecimento de práticas intergeracionais diferenciadas noutras partes do mundo, uma vez que só assim será mais provável que produzam mudança cultural e social a nível sistémico. O que se pretende é fazer renascer das cinzas uma sociedade de relações com uma cultura intergeracional.

Em Portugal, a promoção das práticas intergeracionais surge intrinsecamente ligada ao envelhecimento ativo. Um dos programas deste âmbito é o programa PAII desenvolvido pelos Ministérios da Saúde, do Emprego e da Segurança Social a 1 de Julho

de 1994. Este pretende a criação de acções inovadoras com projetos que entre outros objetivos, contribuam para a solidariedade entre gerações. Esta foi uma temática que se tornou impactante em Portugal, apenas no ano de 2012, com o AEEASG. Tendo este sido o motor para o despoletar de diversificadas ações, atividades, programas e projetos no âmbito da intergeracionalidade. Em 2016, o Parlamento europeu, relança a “Parceria Europeia de Inovação para um Envelhecimento ativo Saudável”, tendo diversos pilares, entre os quais o do envelhecimento ativo e autonomia. Nas questões horizontais é referido que é importante proporcionar formação informal às gerações mais jovens, a fim de prestar serviços de cuidados habituais a pessoas idosas. Em 2017, Os Parceiros Sociais Europeus – BusinessEurope, UEAPME, CEEP e a ETUC, concordaram em criar o grupo de trabalho para negociar a questão da autonomia no trabalho associado ao envelhecimento ativo e o aproximar de gerações denominado por “*European Social Partners*”. Estes parceiros referiram de antemão que o sucesso não dependeria só deles, apresentando-se como “fio condutor” na promoção e encorajamento do envelhecimento ativo e da aproximação entre gerações.

No que respeita à verdadeira implementação de políticas intergeracionais nos mais diversos países da união europeia, é na Dinamarca e no Reino Unido que as práticas intergeracionais são realmente uma prioridade política dos países. Surgindo de forma intermedia a França e a Alemanha, que parecem estar tendencialmente a consolidar cada vez mais medidas no campo intergeracional.

Em 2012 foi criado em Portugal o grupo “*Advocacy* para Políticas Intergeracionais”, com 9 membros de diversas instituições. A missão é a de contribuir para as políticas neste tema (Gonçalves, 2013) através da promoção de boas práticas, organizando publicações na área intergeracional.

Em suma, até esta altura, percorrendo toda a informação o mais possível, percebemos que há uma tentativa de alteração de certos paradigmas: A velhice começa a ser apresentada como uma parcela de população que tem contributos a nível social e cultural e que devem ser aproveitados. Esta alteração de visões demonstra o aprofundamento do conhecimento sobre o envelhecimento: notando-se um esforço comunitários para o debate das questões do envelhecimento sob diversas dimensões, passando o prisma cultural e o prisma social a serem uma das grandes preocupações comunitárias.

O avanço existente também nos mostra que ainda há muito por avançar. Caminhar por esta legislação é um concluir-se do longo caminho ainda a ser construído no campo intergeracional.

### 3.3.2 Práticas Intergeracionais pelo mundo

Foi no ano de 1963 que se introduziu o contacto intergeracional nos EUA, através do “*Foster Grandparent Program*”, promovendo tipologias de PI’s distintas: de apoio, recreativos e educativos (Wacker, Roberto & Piper, 2002). Na realidade, todos os programas de contacto intergeracional devem proporcionar o desenvolvimento de competências psicossociais, motoras, físicas e mentais tanto a idosos como a crianças.

A análise das práticas intergeracionais será considerada a três níveis: Internacional, Europeu e Nacional.

#### **Nível internacional**

A primeira delas em 2001 - Philadelphia USA, em o projeto “*FIVE & FIT*”. Este envolve idosos para ajudar a prevenir a obesidade da primeira infância, apoiando crianças, pais, professores e cuidadores.

No ano de 2005, em Curitiba Brasil, denominada de Instituto História Viva com o projeto “Ouvir e Contar”. A População alvo são idosos em lares e crianças em hospitais ou casas abrigo. Os objetivos do projeto foram possibilitar a transformação de ambientes de dor, sentimento de inutilidade em ambientes positivos através do incentivo à leitura. O projeto faz o treino de voluntários, posteriormente os voluntários vão aos lares ouvir as histórias dos idosos, por conseguinte estes transformam as histórias em contos infantis, contando de seguida as histórias às crianças. Nessa altura é pedido às crianças que façam um desenho que depois é devolvido ao idoso que contou a história. Este é um projeto que já chegou a mais de quinze mil pessoas, tendo sido reconhecido diversas vezes e citado em diversos órgãos de comunicação social no Brasil.

Em 2011, inicia-se o programa *Walk n’ Roll: SRTS* - na cidade de La Mesa, San Diego. A estratégia visa o aumento do número de crianças e adultos na prática de atividade física: caminhar e bicicleta, a fim de melhorar a saúde, meio ambiente e segurança. O programa encoraja crianças do jardim de infância até ao 5º ano a caminhar e/ou ir de bicicleta para a escola com segurança. O papel dos mais velhos é fundamental: Eles são os “vigilantes de rua”, auxiliando e vigiando os trajetos das crianças até à escola.

O *Speaking Exchange* inicia-se no ano de 2013 numa parceria entre a agência FCB Brasil e casas de repouso em Chicago, USA. Este programa coloca alunos do CNA em contacto (via Skype) com idosos dos EUA. Evidenciando a questão de que as tecnologias de informação e comunicação são cada vez mais transversais às gerações, idosos ensinam inglês aos jovens brasileiros, de uma forma informal: ambos partilham o seu quotidiano com conversas divertidas que vão surgindo naturalmente. Este programa foi um dos mais premiados no Festival Cannes Lions 2014 e já conta com mais de 30 prémios nacionais e internacionais.

Já em 2014, nasceu em Canadá um projeto que une gerações: *o iGen – Intergenerational Classroom*. Este surge de uma parceria entre o um Centro Comunitário e uma escola pública através da ideia da professora, Keri Albert. A população abrangida trata-se de população sénior (alguns com deficiências físicas e motoras) do Centro Comunitário e crianças do 5º ano. É um projeto que junta dois problemas sociais: os fracos níveis de confiança e desempenho escolar de algumas crianças e a estigmatização e isolamento sentidos pelos anciãos. O projeto junta duas gerações num mesmo espaço diário durante um ano letivo, proporcionando atividades diversas.

### **Nível europeu**

É criado em 1999 o Projecto TIO (Terceira Idade Online) que tinha como objetivos: fomentar o conhecimento intergeracionais; reforçar a participação atividade e qualidade de vida do idoso.

No ano de 2001 surge o Projeto Viver (*DeVeloping Creative Intergenerational Relations*) desenvolvido em diversos países europeus. Foi criada a Associação VIDA tendo em conta entre projeto, tendo como objetivo essencial a promoção de actividades que favorecem a troca de conhecimento, habilidades e valores entre as gerações. Esta iniciativa teve grande impacto, levando à elaboração do “*Manual de Boas Práticas- Intergeracionalidade*”, com a colaboração de parceiros nacionais - Centro de Assistência Social à Terceira Idade e Infância de Sanguedo, Safos – Consultores de Gestão, Empresa de Formação e Informática-Bebe e Associação pelo Prazer de Viver. Este projeto teve também como objetivo a formação de Animadores Intergeracionais, “profissionais com competências para desenhar e desenvolver actividades que impliquem crianças, jovens e idosos, e que contribuam para a conciliação do tempo de trabalho com a vida familiar social” (*Manual de Boas Práticas- Intergeracionalidade*, 2004, pp.22). Devido ao seu êxito este foi selecionado pela Comissão Europeia como uma “Boa prática” por ter participado na construção do Novo Modelo Europeu de Igualdade de Oportunidades.

Um projeto que tal como o projeto viver decorreu no âmbito nacional e europeu, é o TOY project - Juntos Novos e Mais Velhos, entre o ano de 2001 e 2014, financiado pela Comissão Europeia através do Programa Aprendizagem ao Longo da Vida – Grundtvig e foi implementado por nove organizações de sete países europeus. Este propôs a junção de crianças entre os 9 e os 10 anos com idosos, fomentando aprendizagem, convívio e diversão. Este foi um projeto com grande impacto positivo nos participantes. As visões dos profissionais demonstraram que este é um trabalho enriquecedor e de gratificação para técnicos, diretores coordenadores das diversas instituições,

### **Nível nacional**

O “*Vovóteca - Portugal*” é um projeto realizado em Famalicão. O objetivo é a criação de espaços onde os idosos partilha sabedoria, tradições – jogos, canções, brinquedos – com os mais novos. Essa partilha é feita de diversas formas: debates, reuniões, workshops, ateliers, espetáculos, exposições (Marques & Pereira, 2009).

Outro dos projetos é o projeto “*100GERAÇÕES*” desenvolvido na AFA em 2013. Este projeto incluía a realização de atividades diversas com o objetivo de proporcionar momentos de interação positiva entre diferentes gerações, trabalhando o sentido de pertença ao grupo, através do fomento do espírito de solidariedade. Auxilia no desenvolvimento de competências socio-emocionais e pessoais, no trabalho da sensibilidade ao outro e sua condição e ainda no que respeita ao maior contacto entre utentes e colaboradores.

Na cidade de Coimbra, no ano de 2014, acontece a iniciativa intergeracional chamada PROJETO *REALidades*, promovido pela CEIFAC, visando estimular o contacto entre jovens universitários e idosos residentes na Alta de Coimbra, através da metodologia *Photovoice*. Durante cinco meses, idosos e jovens capturam imagens, partilhar saberes e experiências de vida, experiência individual e comunitária na Alta de Coimbra. No final, foi realizada uma exposição itinerante na Alta de Coimbra com as imagens captadas. O objetivo foi incentivar o respeito e solidariedade de gerações, através da cooperação.

O projeto “Gerações que Comunicam” em 2017 do Centro de Dia do Centro Social de Lourosa no qual culminou a criação de um livro com Histórias de Vida transformadas em Poesia.

Concluindo, todos estes projetos surgem pela iminente necessidade de se unir duas gerações tão presentes na sociedade e tão menosprezadas – ao nível das suas

capacidades - estando-se assim a chegar áquilo que Gerden e Gergem (2000) referem como sendo a “Nova Era do Envelhecimento” (in Viegas & Gomes, 2007, pp. 36).

#### **4. Profissionais com intervenção na área social e profissionais intergeracionais**

Os profissionais entrevistados pertencem a diversas áreas das ciências sociais, nesse sentido a investigadora decidiu denominá-los por Profissionais com intervenção na área social de modo a facilitar a leitura do texto.

Contudo, no momento presente importa aclarar quais as formações dos distintos profissionais que foram entrevistados, sendo elas: Serviço Social, Psicologia, Educação de infância, Educação Social, Animação Sociocultural e Animação Socioeducativa, Gerontologia e ainda Técnico não superior de animação sociocultural. Os Profissionais com intervenção na área social por mim entrevistados são maioritariamente profissionais com formação superior, contudo uma das profissionais tem formação não superior.

Todos estes profissionais, apesar de apresentarem funções distintas tendo em conta a sua formação, têm papéis de relevo no trabalho relacionado com as práticas intergeracionais. Os profissionais com intervenção na área social trabalham com questões relacionadas com os direitos humanos, o respeito pelos mesmos e pelo próximo, essa é uma questão transversal.

Numa tentativa de explicitar as funções de cada um dos profissionais entrevistados, seguem-se breves definições das respetivas áreas de trabalho: o Técnico Superior de Serviço Social é licenciado em Serviço Social, sendo que através da utilização de metodologia científica atenta à resolução de problemas relacionados com exclusão social, saúde, abandono, pobreza, habitação, educação entre outros. O profissional planifica e elabora projetos segundo as linhas orientadoras do Serviço Social, elaborando trabalho multidisciplinar com regularidade como forma de complementar o seu trabalho, diagnóstico e solução pensados.

O Técnico Superior de Serviço Social exerce a sua função tendo em conta o tipo de políticas sociais, a nível nacional ou internacional, o que pode tornar-se uma condicionante ou vantagem para o exercício da sua função. Por lidarem de perto com os setores mais vulneráveis da sociedade, os trabalhadores sociais são particularmente uteis na criação, formulação e execução de políticas sociais.

Temos assistido, em Portugal, ao crescente número de disrupções sociais que levam a sentimentos de fúria, afastamentos entre os indivíduos e até atos bárbaros. Nesse sentido, o Técnico Superior de Serviço Social tem uma função de “reconstrução da solidariedade e das aflições” (Amaro, 2015:149). Encontramo-nos numa bolha de individualismo entre as gerações, sendo função do trabalhador social fazer um “recozimento de laços” (Guerra et al, 2008) que implicam um reinventar de sentimentos de pertença e reforço dos laços entre os indivíduos.

Quanto ao Educador de Infância, este apresenta curso específico e estágio no qual orienta uma classe da faixa etária da infância. Este profissional exerce funções aplicando técnicas que contribuam de forma positiva para o desenvolvimento global da criança. A par da aplicação das técnicas no contacto direto com a criança, este profissional também estabelece contacto com os progenitores, elaborando assim uma acção educativa integrada.

O Psicólogo apresenta habilitação académica reconhecida e nesse sentido estuda o comportamento mental humano por meio da investigação do problema psicológico, recorrendo a técnicas específicas que verificam problemas estruturais a nível individual, institucional e grupal. Este trabalhador também investiga fatores ambientais, pessoais e biológicos que possam interferir no desenvolvimento humano.

O Técnico Superior em Animação Sociocultural e Socioeducativa, tem formação superior sendo responsável pela criação, planeamento, execução, organização de processos relacionados com o diagnóstico sociocultural bem como a avaliação dos projetos, atividade e programas de âmbito Sociocultural. Pode coordenar equipas nas quais estejam inseridos técnicos superior de Animação Sociocultural e Socioeducativa e também Técnicos não Superior der Animação Sociocultural.

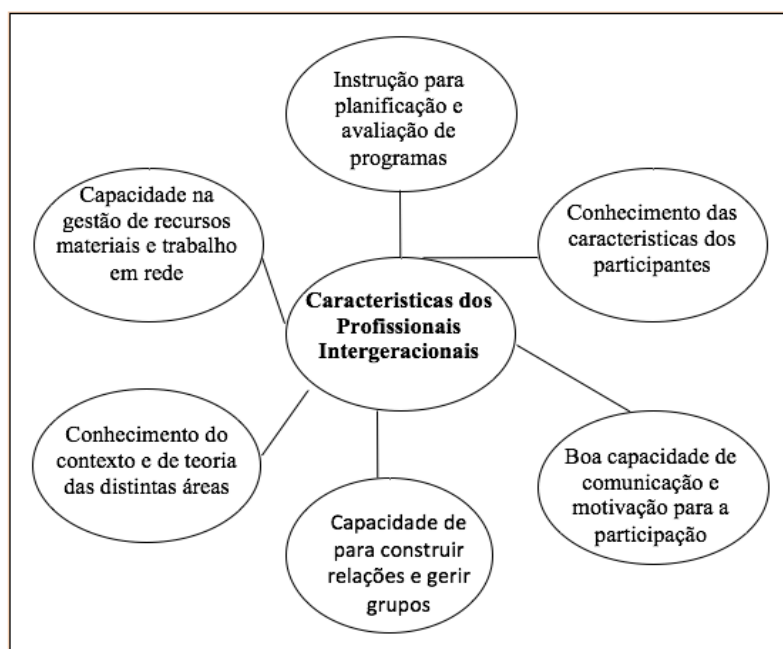
O Gerontólogo é o profissional que se apresenta como responsável pelo estudo do envelhecimento, pela intervenção, gestão, prevenção das questões sociais associadas à velhice. O idoso é o objeto da intervenção deste profissional com intervenção na área social.

Todos os profissionais acima descritos são ilegíveis para a atuação em práticas intergeracionais. Nesse sentido, na última década foram criados alguns programas e cursos que promovem a especialização para a atuação na área intergeracional tais como o curso online “Introduction to intergenerational programs” (University of Pittsburgh, 2013), o European Certificate in Intergenerational Learning – ECIL (2012-2014) e o projeto “GoAct” onde foi criado um Plano de Educação Intergeracional com um guia



fornecido às forças políticas onde se incentivava e estimulava o pensamento e reflexão sobre a temática. É fundamental que os profissionais intergeracionais tenham as suas competências aprimoradas, consciencializados da natureza particularmente heterógena das PI's. Na figura 1 estão descritas as características dos profissionais intergeracionais.

**FIGURA 1 - CARACTERÍSTICAS DOS PROFISSIONAIS**



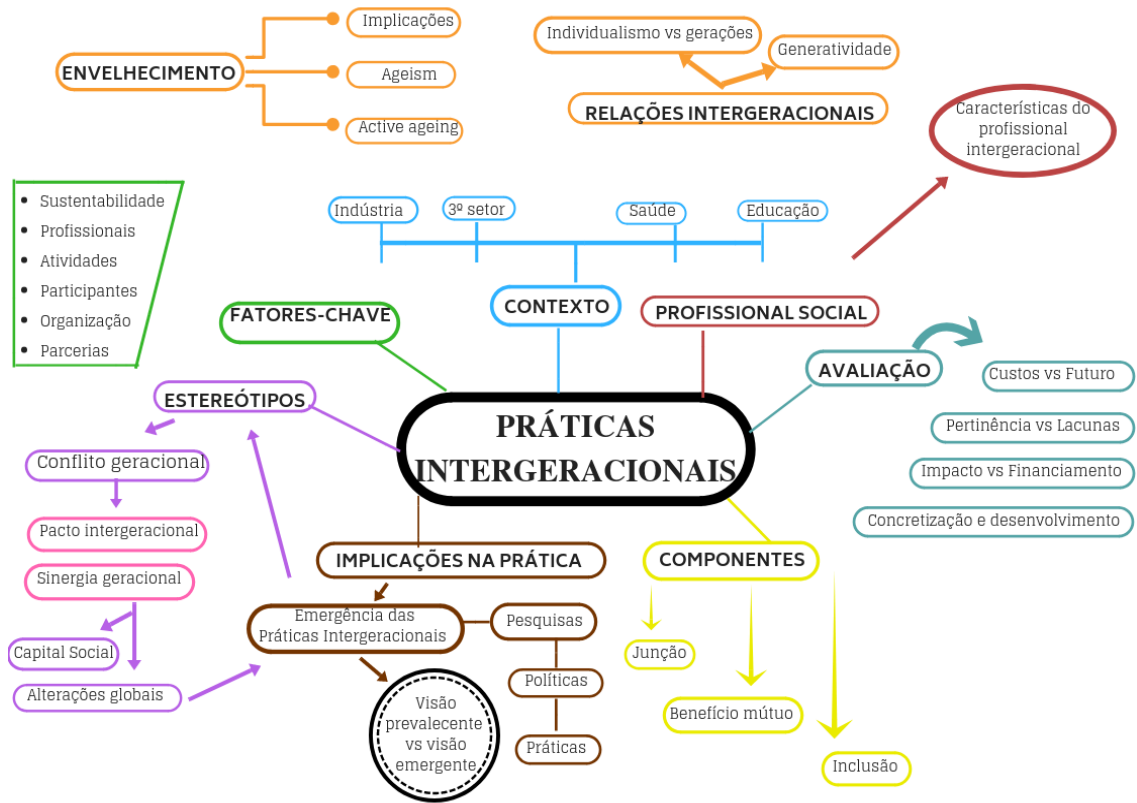
Fonte: Sáez et al., 2009: 4

Como nos indica a figura 1, um gestor de um PI deve possuir competências sociais e pessoais para o desenvolvimento das suas tarefas, ou seja, deve ter características que facilitem o contacto e interação com outras pessoas (Sáez, 2007).

A prática intergeracional demonstrará frutos nas mais diversas vertentes: como recursos para o desenvolvimento humano; criação de cidadãos mais criativos e inovadores; construindo um importante elemento para o desenvolvimento socioeconómico a nível mundial e europeu. Finalmente, é imperativo moral e responsabilidade de todos os cidadãos tornarem a PI presença assídua na sociedade.

De todo o conjunto de informação anteriormente referida, surge a necessidade de sintetizar essa informação para que, de forma mais rápida, se possa compreender as Práticas Intergeracionais e tudo estas incluem. Assim, seguidamente apresenta-se o mapa concetual (Figura 2) relativo às práticas intergeracionais:

FIGURA 2 – MAPA CONCETUAL



Fonte: elaboração da autora

## **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**

## **CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA**

### **1. Problema de pesquisa**

Na contemporaneidade encontramos-nos perante sociedades envelhecidas. Deparamo-nos com a diminuição da proporção de pessoas em idade ativa na UE-28 e com o número de pessoas reformadas a aumentar. Por seu lado, a proporção das pessoas idosas irá aumentar de forma significativa nas próximas décadas. Segundo as projeções demográficas do Eurostat (2015-2080) a população da UE-28 irá continuar a envelhecer. Em 2080, as pessoas com 65 anos ou mais irão representar 29,1% da população da UE-28, relevando um aumento significativo em comparação a 2016, que era cerca de 19,2%. Em Portugal, no ano de 2080 o índice de envelhecimento passa de 147 para 317 idosos por cada 100 jovens. Esta realidade demonstra-nos que são necessárias medidas inovadoras para se suportar as despesas sociais bem como a promoção do bem-estar e inserção desta crescente população na sociedade.

Podemos apresentar como causas subjacentes ao envelhecimento a baixa natalidade e os avanços da medicina, aumentando assim a esperança de vida da população. Esta constatação traz problemas, já identificados por políticos e economistas, relativos ao aumento da fragilidade do sistema de proteção social uma vez que se verifica no presente e se irá verificar no futuro, com maior destaque, um aumento de despesas com serviços de saúde e pensões (Fonseca, 2005).

É no atual contexto de alterações demográficas que, gradualmente, se constata a necessidade de se idealizarem e melhorarem as práticas intergeracionais. No passado, as práticas intergeracionais surgiam de forma espontânea facilitando a integração de todas as gerações na sociedade. Atualmente, essa espontaneidade é substituída pela necessidade de se promoverem os encontros, uma vez que a sociedade vive em “contrarrelógio” levando à indisponibilidade para se pensar e incrementar o relacionamento entre as gerações. Estas práticas ajudam a que se possam evitar conflitos ou afastamentos radicais entre gerações.

Desde o início do século XXI, a esfera política tem vindo a revelar interesse nas práticas intergeracionais como forma de melhorias das relações entre diferentes gerações. É crucial que, progressivamente, os órgãos políticos económicos e sociais se inteirem do quão fundamental é este “cultivar relações harmoniosas e produtivas entre as gerações, especialmente para favorecer a dignidade humana, a paz e a justiça social” (Quebec,

1999:1). Quando a vontade institucional, civil e governamental acredita na conduta de valores de respeito, solidariedade e valorização das potencialidades de cada indivíduo, iremos poder verificar o surgir de relações espontâneas entre gerações. Até lá, existe um vasto trabalho a ser concretizado passando pela criação de programas intergeracionais consistentes e fundamentados que englobem as diversas faixas etárias (Palmeirão, 2007).

Como referido anteriormente, o *boom* das práticas intergeracionais, pela Europa, acontece em 2012 com o AEEASG, tendo sido criada uma cultura de envelhecimento ativo a braços com o cooperativismo entre gerações. Mesmo que nos deparemos ainda com a dificuldade de obter informação científica válida no que diz respeito ao desenvolvimento das práticas intergeracionais, esta conscientização para as PI's levou à proliferação de estudos sobre o impacto das práticas intergeracionais nos idosos e nas crianças. Contudo, são ainda escassas as informações, com ênfase para a União Europeia, sobre o impacto destes programas nos profissionais e comunidade que deles fazem parte (Kuehne, 2005).

Assim, impõe-se o questionamento sobre as percepções que os profissionais da área sociais arrecadam à medida que executam PI's, quanto aos seus limites e possíveis constrangimentos, benefícios para todos os participantes e aspetos marcantes para o profissional a nível pessoal e a nível do seu exercício das suas funções. Foi esta a grande questão que precipitou o interesse da investigadora pela problemática.

## **2. Objetivos do estudo**

O presente estudo pretende que se obtenha um conhecimento aprofundado acerca do fenómeno do envelhecimento e das relações sociais intergeracionais nas sociedades contemporâneas, bem como compreender o impacto destes nos diversos atores envolvidos. No sentido de saber se a inserção em práticas intergeracionais por parte dos profissionais acarreta “amores e desamores” e se a participação dos idosos e crianças promove o respeito mútuo, o envelhecimento ativo e se traz vantagens a nível profissional e pessoal para os trabalhadores sociais. Esta análise será efetuada em instituições do terceiro setor do distrito de Aveiro, definindo-se assim os seguintes objetivos gerais e específicos (Tabela 5):

**TABELA 4 - OBJETIVO GERAL, QUESTÃO DE PESQUISA E OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Objetivo geral	Questão de pesquisa	Objetivos específicos
Identificar a percepção dos profissionais de instituições sociais perante as práticas intergeracionais.	Quais as vantagens e limites das práticas intergeracionais, identificadas pelos profissionais ?	<p>Identificar e caracterizar práticas intergeracionais no município;</p> <p>Perceber a importância que os profissionais atribuem aos projetos intergeracionais no âmbito do apoio aos idosos e crianças;</p> <p>Compreender a importância atribuída às PI's na prática quotidiana e na vida de todos os atores envolvidos;</p> <p>Perceber os possíveis constrangimentos ao desenvolvimento das práticas intergeracionais;</p> <p>Aprofundar estratégias utilizadas e trabalho multidisciplinar;</p> <p>Verificar modos de execução e avaliação das PI;</p> <p>Identificar percepções sobre benefícios para idosos, crianças, famílias e comunidade bem como o retorno para os profissionais e instituição;</p>

Fonte: elaboração da autora

Da pergunta inicial decorrem outras questões associadas:

- Em que medida é que as PI's enriquecem idosos, crianças?
- Há trabalho multidisciplinar na preparação, execução e avaliação destas práticas?  
Qual a sua relevância?
- O volume de recursos humanos e materiais existente para a PI, é suficiente e eficaz?
- Qual o contributo da sua participação nestas práticas?
- Como são percebidas as PI's pelos indivíduos próximos/ comunidade?
- Estas práticas trazem retorno para os profissionais e instituição no seu todo?
- Como é que a integração, de idosos e crianças nestas práticas, pode ser um dos meios de redução de estigmas entre gerações?
- A avaliação elaborada para as PI é relevante?

A hipótese geral para o presente estudo é a de que as práticas intergeracionais são promotoras de relações de proximidade e respeito entre as diversas gerações bem como entre a equipa multidisciplinar de cada organização. Os profissionais atuam com os participantes com o objetivo de fomentar um envelhecimento mais ativo e menos

estigmatizado e ainda, atuando também para que se altere o paradigma associado as sociedades crescentemente individualistas e solitárias.

### **3. Opções metodológicas**

Tendo em conta a complexidade do fenómeno em estudo, as relações intergeracionais, aliado aos objetivos que a investigadora delineou, optou-se pela pesquisa qualitativa.

#### **3.1 Pesquisa Qualitativa**

A pesquisa qualitativa é baseada no método indutivo “...porque o investigador pretende desvendar a intenção, (...) (que) tem um valor enquanto inserido nesse contexto” (Pacheco, 1993, p.28), sendo adotada uma postura de tentar “...compreender a situação sem impor expectativas prévias ao fenómeno estudado” (Mertens, 1998.p160). Neste tipo de pesquisa, não se uniformizam os comportamentos, mas sim o valor da diversidade individual, uma vez que a relevância dos significados é mais importante que o rigor (Pacheco, 1993).

Esta é uma pesquisa orientada pelo paradigma socio-crítico, uma vez que as contribuições obtidas surgem “de los estudios comunitários y de la investigación participante” (Arnal 1992 p.98) tendo como objetivo originar transformações sociais, respondendo a problemas específicos da sociedade, incluindo nessa resposta a participação dos membros da sociedade. Este tem o princípio de propor a integração de todos os participantes, incluindo o investigador no processo de autorreflexão (Popkewitz, 1988).

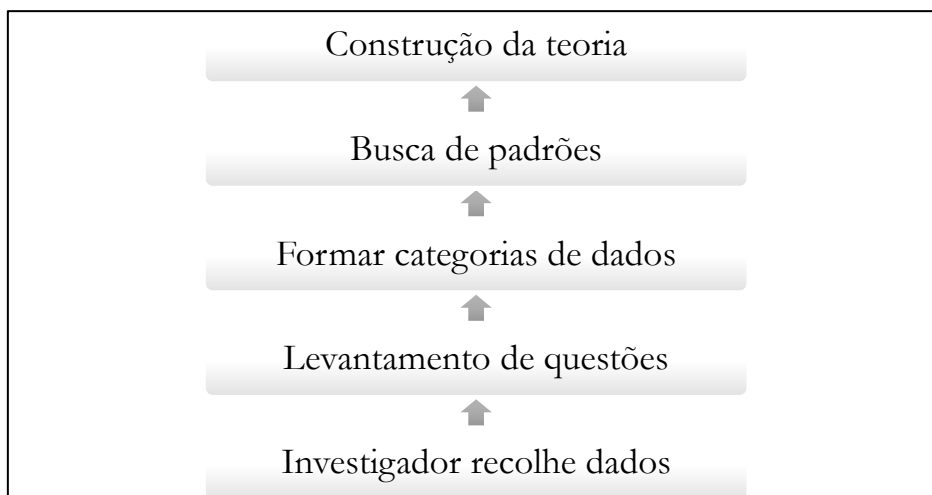
Neste estudo optou-se por uma investigação qualitativa de carácter exploratório, visto que procura compreender o “como” e o “porquê” de um dos lados existentes na prática intergeracional, ainda pouco estudado, em Portugal e no mundo.

Sendo assim, a metodologia tornou-se a mais adequada, uma vez que se trata de “investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos atores intervenientes no processo” (Coutinho, 2015: 28). Nesta forma de investigar, pretende-se desvendar o propósito da ação. Para isso adota-se a postura de quem “... tenta compreender a situação sem impor expectativas prévias ao

fenómeno estudado” (Mertens, 1998: 160) São os significados que se sobrepõe aos factos neste tipo de investigação (Shaw, 1999).

Existe uma inter-relação entre o investigação e a realidade que se encontra a estudar, isto faz com que a construção da teoria se forme apartir do terreno, com a ocorrência de novos dados empíricos, sendo um processo “inverso” (se o comparássemos à metodologia quantitativa) como demonstra a Figura 3:

**FIGURA 3 - METODOLOGIA QUALITATIVA**



Coutinho, 2015: 29

A presente metodologia transformou-se num importante auxílio para a elaboração de estratégias de investigação adequadas e facilitadoras para a investigadora.

#### **4. Participantes na pesquisa**

No presente estudo consideraram-se pessoas com formação na área social, desde psicólogos(as), assistentes sociais, animadores(as) socioculturais (com formação superior e não superior) a gerontólogos(as) e educadores, a exercer funções em organizações de carácter social ou educativo ou político.

Os participantes selecionados teriam que participar ou ter participado na construção e execução de práticas intergeracionais no distrito de Aveiro, com preferência para a atual organização onde exerce funções. Foram entrevistados 29 profissionais (ver breve descrição dos profissionais – apêndice 8) em 16 organizações.



## 5. Modelo de Análise

À investigação interessa efetuar uma análise relativa à temática das “Práticas Intergeracionais” na perspetiva dos profissionais com intervenção na área social e /ou profissionais intergeracionais. Assim, procurou-se analisar, dentro das distintas fases da prática intergeracional, os efeitos destas práticas para os envolvidos diretamente e indiretamente, como vantagens, constrangimentos, limites, assim como o retorno, as mudanças emergentes e o ceticismo. A investigadora tencionou relacionar as “práticas intergeracionais” com a visão dos profissionais nelas integrados, ambicionando vir a perceber a relevância dada a estas práticas bem como a importância destas práticas na vida profissional e pessoal dos entrevistados. A análise de conteúdo será efetuada com recurso à divisão da informação nos seguintes quatro eixos, sendo que, para uma maior consistência e viabilidade dos resultados, se irá proceder ao número de ocorrências de cada uma das subcategorias.

### Eixos de desenvolvimento da pesquisa

Para se elaborar uma efetiva e coerente análise das Perceções dos profissionais quanto às Práticas Intergeracionais, optou-se pelo recurso a quatro distintos eixos:

“Vivências na instituição e trabalho multidisciplinar”;

“Nível de envolvimento, influência e limites – o eu e o outro”;

“Avaliar: fundamental ou dispensável?”;

"O sentimento de retorno, o ceticismo e a esperança".

A construção dos eixos tornou-se pertinente por ser um complemento para a adequada recolha de informação necessária tendo em conta os objetivos do estudo e ainda tendo em conta as peculiaridades de cada entrevistado.

#### **Eixo 1 – “Vivências na instituição e trabalho multidisciplinar”**

Este eixo refere-se *as experiências de equipa multidisciplinar e formas de elaboração/executar dentro da instituição*. Aqui, o objetivo é a identificação das opiniões e ideias do profissional quanto aos profissionais de áreas distintas, quanto à forma como as distintas sub-áreas da área social encaram as práticas intergeracionais e trabalham em

parceria. Inclui-se no presente eixo a tentativa de perceber quais os procedimentos seguidos para as práticas, dentro das Organizações.

### **Eixo 2 – “Nível de envolvimento e influência – o eu e o outro”**

O presente eixo centra-se *na forma como os profissionais integrados em PI percebem a influência das práticas intergeracionais – no próprio, no idoso e crianças*. O eixo 2 engloba ainda a opinião sobre aspetos de constrangimentos gerais e também relativos à *durabilidade das Práticas Intergeracionais*, questões de logística, o número de participantes mais favorável e os recursos materiais.

### **Eixo 3 – “A avaliação: fundamental ou dispensável?”**

Este eixo de análise engloba as *dimensões da avaliação*, por exemplo, avaliação apenas por contacto verbal, escrita de forma breve ou relatório de avaliação. Procurando compreender as ideias associadas à forma como a avaliação é elaborada na instituição e como deveria ser ou como outrora aconteceu. Neste eixo é pedido ao profissional que demonstre a sua visão pessoal quanto à importância da avaliação das PI na sua progressão e sucesso junto dos participantes.

### **Eixo 4 – “O Sentimento de Retorno, ceticismo e esperança dos profissionais”**

Neste eixo são privilegiados os contributos que as PI, para os profissionais, trazem para o próprio a nível profissional - identificando aspetos positivos e negativos - e a nível pessoal - direcionado para os relacionamentos do núcleo familiar e da família alargada – bem como para a instituição – tais como a visibilidade, credibilidade, qualidade dos serviços - e para o mundo atual envelhecido. Englobam-se neste eixo o parecer das famílias relativo a estas atividades (visto pelo olhar dos profissionais) – aqui estão inseridos tópicos como: PI como ponto de referência para a escolha do local, nível de participação entre PI e outras atividades.

Através do recurso ao presente modelo de análise, a fiabilidade das conclusões poderá tornar-se superior.

## 6. Técnicas de recolha de dados

A recolha de dados desenvolveu-se em duas etapas, a saber:

A **primeira etapa**, uma fase exploratória individual, na qual se elaborou uma lista de contactos de instituições do Distrito de Aveiro, tendo sido posteriormente incluídos contactos de Camaras Municipais, Agrupamentos de Escolas e Escolas Profissionais e Empresas. De salientar o apoio da Junta de freguesia de Tamengos e da Rede Social Anadia que prontamente me indicaram contactos com visto à obtenção de uma listagem de IPSS. Posto isto, procedeu-se às tentativas de contacto via e-mail, por contacto telefónico e presencialmente.

A **segunda etapa**, que se caracterizou pela realização de entrevistas narrativas e semiestruturadas a profissionais da área social integrados em Práticas Intergeracionais nas diversas Organizações do Distrito de Aveiro.

### Entrevistas narrativas e semiestruturadas

Inicialmente, a investigadora optou por realizar entrevistas narrativas. Assim, foi elaborada apenas uma questão inicial de abertura a mais ampla e introdutória possível: *“Gostaria que me falasse sobre o papel das PI e quando começaram na organização...”* uma vez que neste tipo de entrevista a influência do investigador deve ser mínima, para assim possibilitar ao participante reconstruir os acontecimentos sociais dos quais pretende falar. As entrevistas narrativas caracterizam-se por serem de carácter colaborativo, uma vez que a entrevista parte da interação, do diálogo com o ente investigador e participantes (Creswell, 2014).

No entanto, em fase embrionária da investigação, a investigadora optou por alterar a técnica de recolha de dados para entrevistas semiestruturadas. A investigadora considerou que esta alteração não iria interferir negativamente na obtenção dos dados. Estas são entrevistas que auxiliam na obtenção de informação “focada, fidedigna e valida de um certo ato social” (Goode; Hatt 1969, apud Marconi; Lakatos, 2007: 92).

## **Notas de campo**

No dia da entrevista, a investigadora tinha, na maioria das vezes, acesso aos diversos espaços da organização o que permitia observar o tipo de espaços existentes, as dinâmicas entre profissionais e utentes e ainda as dinâmicas entre os utentes das diversas gerações. Essas observações foram registadas como notas de campo servindo ao investigador como termo de análise e comparação entre os dados obtidos em entrevista e os elementos por ele recolhidos e transformados em notas de campo.

No decurso da investigação, a investigadora adotou uma postura de observador, nalgumas organizações. Em concomitância com o momento da entrevista e com os momentos anteriores e posteriores em que o investigador se encontrava nas instalações da organização, executou-se informalmente observação das instalações, dos utentes (com os quais partilhou pequenos momentos) e da área envolvente. De seguida, era feito o registo dessa informação nas notas de campo.

## **Análise documental**

Outra das técnicas utilizadas para a recolha de dados foi a análise documental, acompanhando toda a investigação, permitindo um entendimento mais fácil em frases expressas no discurso do participante (e.g., alguns entrevistados referem o tempo da atividade como fator relevante, permitindo-me fazer essa associação com diversos estudos que mencionam esse fator) que foram um forte complemento do meu conhecimento sobre o problema em estudo. As fontes documentais surgem de pesquisas online de material relevante, das quais plataformas como o RCAAP, bibliografia. Este material analisado tornou-se pertinente visto que se percebeu com relativa rapidez da escassez de estudos direcionados para a temática a investigar.

## **7. Questões éticas na investigação do campo intergeracional**

A ética trata-se de um sistema de valores e normas no qual são distinguidos os comportamentos positivos e os comportamentos negativos dos seres humanos nas mais diversas situações, inclusive na investigação efetuada com seres humanos.

## **Confidencialidade dos dados**

Desde o início deste estudo empírico que a confidencialidade dos dados foi garantida através dos seguintes atos: foram atribuídos nomes fictícios a todos os participantes, os quais foram utilizados ao longo da dissertação; as gravações áudio mantiveram-se propriedade apenas da investigadora; todos os dados pessoais não são suscetíveis de ser associados ao entrevistado em questão.

## **Consentimento informado**

Foi disponibilizada, para cada um dos participantes na presente investigação, uma Declaração de Consentimento Informado.

Desde a primeira entrevista que todos os participantes foram esclarecidos do procedimento da entrevista para que a sua participação ocorresse de forma leal e sem surpresas. A investigadora disponibilizou-se a esclarecer quaisquer dúvidas que surgissem, antes durante e depois da realização da entrevista.

## **Linguagem clara e sem enviesamentos**

No decurso da investigação, a investigadora teve sempre em atenção o uso de linguagem clara e sem juízos de valor ou interpelações que pudessem influenciar o entrevistado a seguir outro tipo de discurso e/ou rumo durante a entrevista. Para isso, a investigadora elaborou um guião como auxílio para que ao longo da entrevista pudesse ir revendo alguns pontos importantes.

E ainda, sempre que um entrevistado demonstrava incompreensão da questão, a investigadora explicitava a questão ou repetia se se mostrasse necessário. O investigador deve estar ciente da melhor forma de colocar as questões, bem como as questões que não devem ser colocadas ao entrevistado (Christensen & James, 2005)

## **8. Recolha, tratamento e análise dos dados**

A opção por entrevistas narrativas e posteriormente por entrevistas

semiestruturadas revelou ter sido uma técnica útil para a organização de ideias sobre o tema e para focar as questões relevantes e necessárias para atingir os objetivos definidos. É importante salientar que o guião de entrevista serviu apenas para uma orientação, quando assim se apresentava necessário, do entrevistado. Por esse motivo, foram diversos os momentos em que surgiram questões diferentes das do guião uma vez que cada entrevistado tem as suas convicções e algumas muito particulares.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, exceto duas, que foram posteriormente transcritas e analisadas. No decorrer das entrevistas, a investigadora fez um esforço redobrado para não condicionar o discurso dos entrevistados. As entrevistas tiveram uma duração média de 1h15.

Após a recolha dos dados em cada uma das organizações selecionados segundo o processo de amostragem anteriormente referido, e sua transcrição, procedeu-se à análise de conteúdo das entrevistas, que foi dividida em três momentos distintos: pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados pela inferência e participação (Bardin, 1997; cit. por Coutinho, 2011).

No momento de pré análise, procedeu-se à leitura de das transcrições, considerando 4 grandes eixos de análise já expostos e descritos anteriormente: Eixo 1 - “Vivências na instituição e trabalho multidisciplinar”; Eixo 2 - “Nível de envolvimento, influência e limites – o eu e o outro”; Eixo 3 - “Avaliar: fundamental ou dispensável?”; Eixo 4 - "O sentimento de retorno, o ceticismo e a esperança".

Na revisão da transcrição foram sublinhados excertos do texto com diversas cores, de acordo com as categorias previamente identificadas facilitando a análise dos dados.

O 2º momento - A exploração do material – Aqui foram criadas as categorias e subcategorias que surgiram a partir daquilo que os entrevistados expuseram, permitindo assim organizar a informação por unidades de análise pertinentes para a discussão dos resultados (Apêndice 4 a 7).

Por último, o tratamento dos resultados, consistiu na interpretação dos dados obtidos fundamentando com a revisão da literatura, que serviu para aprofundar a informação obtidas de parte dos entrevistados.

No presente estudo, são identificadas algumas limitações tais como a consistência da investigação e a transferibilidade. A consistência é referente à precisão existente nos instrumentos utilizados e à capacidade para replicar o estudo noutras circunstâncias. A transferibilidade direciona-se para a possibilidade de aplicar os resultados obtidos noutra contexto a outro.

Assim, tendo em conta o contexto particular da recolha de dados, a sua aplicação noutros contextos é limitada. Contudo a investigadora tenta fazer uma descrição compacta, mas que ilustre na totalidade as perspetivas dos participantes, com o objetivo de facultar informação relevante a quem pretenda aplicar ou replicar o estudo para aferir da sua semelhança ou pertinência. Para além disso a investigadora efetuou triangulação de fontes de dados tais como as entrevistas narrativas e semiestruturadas, os documentos de referência para o entendimento do problema de estudo e a os autores mais relevantes na temática (Newman, Sanchez, Andrade entre outros).

## **9. Analogia: a Árvore e as Práticas Intergeracionais**

A presente analogia foi criada pela investigadora como forma de chegar aos nomes fictícios que eram necessários ser criados pela investigadora.

Assim, a investigadora encontrou semelhanças no nascimento, desenvolvimento e conclusão das práticas intergeracionais com esses mesmos estádios nas árvores. Encontradas as semelhanças através da elaboração da presente analogia, tornou-se facilitado o trabalho de atribuição de nomes aos 29 entrevistados. (ver tabela 6).

Assim, segue a analogia:

Atualmente, as relações entre gerações necessitam de ser precipitadas por encontros intergeracionais, tal como é necessário em pleno século XXI plantarem-se arvores em todo o mundo para tentar garantir a continuidade da humanidade.

Antes de se plantar uma árvore, precisamos de saber as características geográficas e meteorológicas do território para que sejam vastas as possibilidades de vermos a árvore crescer de forma saudável. Nas relações intergeracionais é semelhante: é necessário que o profissional (raiz) projete uma prática que seja minuciosamente idealizada, a priori, para aquele público-alvo específico.

Chegada a fase de plantação da árvore: é necessário ter-se o devido cuidado com ao tipo de arvore (publico –avo) aquando da escolha do local (á escala micro) pensando

ainda, por exemplo, no tamanho da árvore, prevenindo assim o insucesso desta plantação. Nas PI, a fase de execução é uma fase na qual os técnicos precisam de agir segundo o público-alvo com interesses particulares, mantendo-se firmes nos seus objetivos, uma vez que dependendo do tempo e do nº de participantes, a tendência é surgirem algumas dificuldades e que os benefícios para os envolvidos se esvançam.

Na fase de crescimento inicial, sabemos que uma árvore necessita de ser regada, fertilizada para que se desenvolva. As Práticas Intergeracionais sustentam-se da criatividade, perseverança e persistência dos técnicos, tendo em pensamento de segunda linha a exclusão de estigmas e normalização da velhice e da infância.

A fase da manutenção: ao longo do tempo, a árvore carece de alguns produtos anti pragas e/ou de ser podada para que ela se mantenha sã. Nas PI, ao longo do tempo, o técnico precisa de incentivar idosos e crianças a valorizarem-se, precisa de demonstrar que ambos têm o seu valor, capacidade e importância na sociedade e que cada ser humano tem uma posição de relevância a ocupar nesta sociedade. fortalecendo assim os vínculos e criando gradualmente proximidade entre gerações. O profissional fá-lo aprimorando os seus conhecimentos sobre os melhores e mais eficazes métodos e técnicas de criar relações entre as gerações.

A fase do fruto: esta é a fase na qual a árvore nos dá os resultados pelo bom tratamento que teve, podemos aí colhe-lo e alimentar-nos e alimentar os outros. Nas práticas intergeracionais esta é aquela fase em que o técnico tem a satisfação de poder vivenciar e observar a criação de afetos entre as gerações, observando muitas vezes os abraços apertados, a vontade de querer e repetir atividades em conjunto, o reconhecimento do nome de cada um.

Quando nos alimentá-los do fruto, fazemos uma análise do estado do sabor procurando identificar possíveis falhas que o possam ter prejudicado ou possíveis ações positivas que o possam ter melhorado. E só assim o fruto se pode chegar ao seu estado de excelência. Nas PI, a avaliação, após aplicação de uma atividade entre gerações, é um ponto relevante para a progressão e melhoria do fazer de se fazer “intergeracionalidade”.

Finda esta analogia, é pertinente mencionar que tal como a árvore, as relações intergeracionais precisam de ser cultivadas a longo prazo pelos profissionais, para daí advirem os resultados tão esperados.



## 10. Processo de amostragem e Amostra

A seleção dos projetos considerados neste estudo foi ao critério de amostra não probabilística criterial uma vez que não se pretende especificar “a probabilidade de um sujeito pertencer a uma dada população” (Coutinho 2015, p.95) até porque sempre que o investigador identifica novas informações, pode escolher novos elementos (Schutt, 1999).

Os critérios de seleção utilizados para as organizações foram: a existencia de PI à pelo menos um ano para garantir que a informação a obter seria o mais fiável possível. Por outro lado, as organizações deveriam ter pelo menos um profissional em exercicio de funções há pelo menos um ano, não comprometendo assim a obtenção de informação consistente. Outro critério refere-se ao número de entrevistados numa mesma instituição, que era indefinido à partida, por se desconhecer o número necessário à saturação de informação. Um outro critério foi a organização existir antes de 2014, garantindo assim a efetividade das práticas.

As entrevistas foram dirigidas aos *frontline professionals*, por seres aqueles que trabalham diretamente com idosos e/ou crianças. Contudo, à medida que ia efetuando contacto foram diversos os momentos em que era referida a possibilidade de se efetuar entrevista à direção técnica ou pedagógica. Nesse sentido, a este critério foi somada a entrevista a direção técnica e/ou pedagógica.

Os profissionais entrevistados pertencem a diversas áreas das ciências sociais. Nesse sentido, a investigadora decidiu denominá-los por Profissionais com intervenção na área social como forma de facilitar a leitura. No apendice 8 deste trabalho as funções inter-institucionais dos entrevistados encontram-se descritas.

O estudo integrou 16 organizações com 29 entrevistados. As tabelas 6 e 7 apresentam, pois, a composição da amostra:

**TABELA 5 - COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA: CARÁTER RESTRITO**

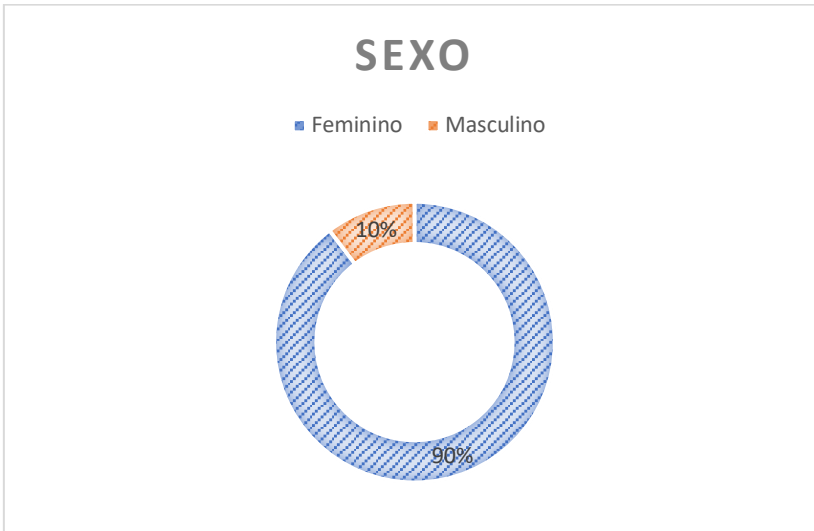
<b>Organização</b>	<b>Nome fictício</b>	<b>Sexo</b>	<b>Localização</b>
Org. 1	Angelonia	Masculino	Gafanha do Carmo
	Sunflower	Feminino	
Org. 2	Tulip	Feminino	Salreu
	Magnolia		
Org. 3	Diascia	Feminino	Fermentelos
	Mimosa		
	Jasmine		
Org. 4	Açacu	Feminino	Vila Nova de Monsarros
	Clover		
Org. 5	Rose	Feminino	Sanguêdo
Org. 6	Tithonia	Feminino	Silveiro
	Lotus		
Org. 7	Jonquil	Masculino	Outeiro
	Moonflower	Feminino	
Org. 8	Dietes	Feminino	Lourosa
Org. 9	Baru	Masculino	Ílhavo
	Castanea	Feminino	
Org.10	Macadamia	Feminino	Torreira
	Guava		
Org. 11	Ficus	Feminino	Oiã
Org. 12	Salix	Feminino	Aveiro
	Alder		
Org. 13	Palmtree	Masculino	Cacia
Org. 14	Acacia	Feminino	Aveiro
	Annona		
Org. 15	Rowan	Feminino	Oliveira do Bairro
	Lilac		
Org. 16	Ash	Feminino	Murtosa

	Aspen		
--	-------	--	--

Fonte: elaboração da autora

Efetuada a análise da tabela 6 há uma conclusão interessante, contudo, não surpreendente quanto ao sexo dos participantes no estudo. Veja-se o seguinte gráfico 1:

**GRÁFICO 1 - SEXO DOS PARTICIPANTES**



Fonte: elaboração da autora

É perfeitamente perceptível qual o sexo prevalecente nos profissionais entrevistados, sendo o sexo feminino com 90%, contra 10% do sexo masculino.

Esta é uma realidade representada no Relatório “O progresso da igualdade entre mulheres e homens no trabalho, no emprego e na formação profissional – 2016” pela CITE (Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego), onde é referido que as melhorias na qualificação das mulheres têm auxiliado numa certa melhoria da sua posição no mercado de trabalho. No entanto, existem áreas tradicionalmente femininas como a educação com 76,7% dos profissionais do sexo feminino e o apoio social com 82,4% dos profissionais do sexo feminino. Este último valor não se encontra, portanto, muito distante dos valores obtidos no presente estudo.

Relativamente à composição da amostra em sentido lato, analisemos a tabela 7:

**TABELA 6 - COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA: CARÁTER LATO**

Organização	Nº Ent rev.	Função	Ano Cons tit.	Áreas intervenção	Município
Org. 1	2;	FP <sup>1</sup>	2000	Terceira idade	Ílhavo
Org. 2	2	D <sup>2</sup> e FP	1992	Infância e Terceira Idade	Estarreja
Org. 3	3	FP e D	1980	Infância e Terceira Idade	Águeda
Org. 4	2	FP	1940	Infância e Terceira Idade	Aveiro
Org. 5	2	D	1991	Infância e Terceira Idade	Oliveira do Bairro
Org. 6	2	FP	1899	Infância e Terceira Idade	Murtosa
Org. 7	1	FP	1958	Infância e Terceira Idade	Oliveira do Bairro
Org. 8	2	FP	1983	Terceira Idade	OAZ <sup>3</sup>
Org. 9	1	FP	1987	Infância e Terceira Idade	S. M. Feira
Org. 10	2	FP e D	1992	Infância e Juventude	Aveiro
Org. 11	2	FP	1990	Terceira Idade	Ílhavo
Org. 12	2	FP	2003	Infância e Terceira Idade	Anadia
Org. 13	2	D	2011	Infância e terceira Idade	Oliveira do Bairro
Org. 14	1	D	1995	Terceira Idade	Aveiro
Org. 15	1	FP	2005	Terceira Idade	S. M. Feira
Org. 16	1	FP	1957	Terceira Idade	Lourosa

Fonte: Elaboração da autora

Num **primeiro ponto** procedeu-se à elaboração da média de entrevistas por organização. Dividiu-se o número de entrevistas pelo número de organizações, tendo resultado numa média de 1.6, sendo arredondada para dois. Assim a média de entrevistados por organização é de **dois** profissionais. O sexo feminino apresenta-se com grande destaque entre os entrevistados.

<sup>1</sup> Frontline Professionals

<sup>2</sup> Direction

<sup>3</sup> Oliveira de Azeméis

Num **segundo momento**, tentou-se elaborar uma breve análise das datas de constituição das organizações. Conclui-se assim que, no distrito de Aveiro, a primeira organização surge no ano de 1040. Contudo, é no fim da segunda metade do século XX que o surge “boom” das organizações sociais, na área da Infância e/ou Terceira Idade, com a criação de quatro instituições nos anos 80 e cinco organizações nos anos 90. A mudança de século não se traduziu num abrandamento da criação de organizações sociais de Infância e/ou Terceira Idade. Foi na primeira metade do século XXI que as restantes organizações foram constituídas, num total de quatro.

É interessante verificarmos estes dados comparando-os com os dados (por exemplo) da evolução da população sénior, dos censos 2011 do Instituto Nacional de Estatística. Veja-se a tabela 8:

**TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO COM + 65 ANOS - DISTRITO DE AVEIRO**

Faixa etária	65+		
Anos	1960	1981	2001
Distrito de Aveiro	23.990	35.071	56.237

Fonte: Pordata - <https://www.pordata.pt/>

O boom das organizações sociais no distrito de Aveiro acontece no fim do século XX e inícios do século XXI, como referido anteriormente, podendo este fator dever-se ao crescente aumento do número da população idosa entre 1981 e 2001 no referido distrito.

Num **terceiro momento**, procedeu-se a análise do número de entrevistas por tipologia de profissional (utilizando a tabela 6 e a tabela 8). Assim, procedeu-se à contagem do número de *frontline professionals* entrevistados bem como à contagem do número de profissionais com funções de *direction*. Com essa contagem, concluiu-se que foram entrevistados dezanove (19) *frontline professionals* e oito (8) profissionais com funções de *direction*.

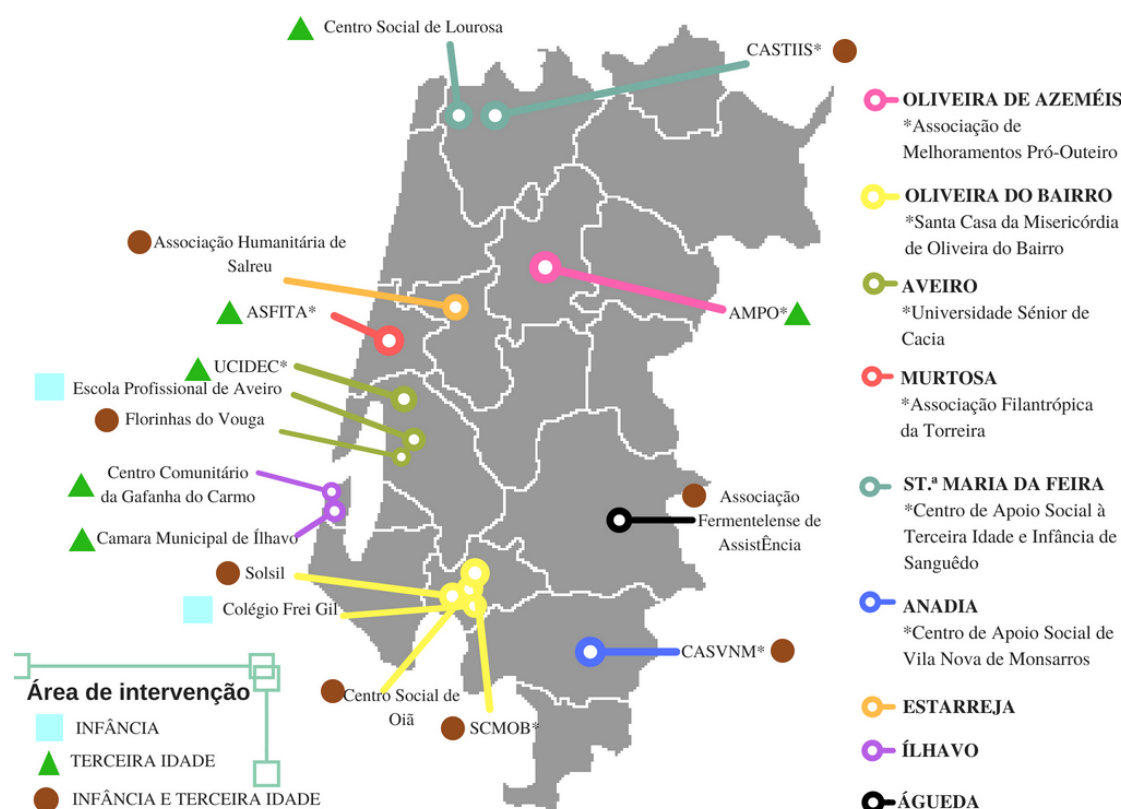
O **quarto momento** foi direcionado para a análise das áreas de intervenção associadas aos concelhos do distrito. Para melhor se proceder a esta identificação, segue o seguinte mapa (figura 4):

**FIGURA 4 - MAPA DAS ORGANIZAÇÕES POR CONCELHO E ÁREA DE INTERVENÇÃO**

Fonte: elaboração da autora

O Distrito de Aveiro é constituído por dezoito municípios, sendo que, para a presente investigação foram nove os municípios participantes.

Analisando a figura 5 retiram-se algumas conclusões.



O município no qual a investigadora conseguiu um maior número de respostas por parte das organizações foi no concelho de Oliveira do Bairro (4), seguido do concelho de Aveiro (3).

Quanto às áreas de intervenção existentes nestas organizações do distrito de Aveiro, prevalecem as organizações que intervêm simultaneamente nas áreas de Infância e Juventude (8), precedida pela área da Terceira Idade (6).

Em suma, o distrito de Aveiro, segundo as organizações em estudo, tem um maior número de organizações sociais (nas áreas de Infância e/ou Terceira Idade) na zona do litoral, contrastando com uma escassez de organizações na zona do interior. Oliveira do Bairro, mesmo sendo um dos municípios mais pequenos a nível territorial, apresenta

o maior número de organizações sociais, com a Terceira Idade como área de intervenção prevalente.

## CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

### 1. Contexto socio-institucional de investigação

A investigadora delineou numa fase inicial do mestrado que, o seu estudo se centraria na zona centro de Portugal, encontrando-se em dúvida entre 2 distritos: Aveiro e Coimbra. Após alguma pesquisa, a dúvida entre Coimbra e Aveiro esvaneceu-se e o distrito escolhido tratou-se do Distrito de Aveiro, pela elevada quantidade de organizações com práticas intergeracionais e pela proximidade geográfica da sua terra natal.

O contexto de pesquisa constitui-se por 16 organizações sociais, camaras municipais e escolas, situadas nos distintos municípios do Distrito de Aveiro, recolhidas através busca online de listas, redes sociais, em visitas informais a alguns municípios e a informação fornecida por outras organizações.

Para que a sua participação no estudo se tornasse viável, havia uma condição: A participação e/ou elaboração de Práticas Intergeracionais na Organização. Neste contexto, Sunflower (2017: Aveiro) (uma das entrevistadas da presente investigação) por exemplo, referiu que as práticas intergeracionais estão presentes “desde a criação da instituição. e começou exatamente porque trabalhamos com base nessa abordagem multidimensional”. A investigadora tomou conhecimento, no decurso da investigação que, é o único Pelouro da Maioridade do país se situa no Distrito de Aveiro, mais concretamente no Município de Ílhavo. Este Pelouro Surge segundo Castanea (2018: Aveiro) pela *“importância que o executivo da altura dava e entendeu a importância que a população sénior tem na dinâmica do município e, portanto, da vontade de se fazer atividades para idosos. Até hoje o pelouro está no terreno”*.

Todas as instituições estudadas foram criadas antes do ano de 2014 e têm ao seu serviço um ou mais trabalhadores sociais que trabalham.

Prosseguindo, o primeiro contacto com a generalidade das organizações foi feito através do contacto via-email, seguindo-se de um contacto telefónico para agendamento da visita ou demonstração detalhada do estudo. Perdeu-se alguma da noção do número de organizações para as quais se mandou e-mail, uma vez que as tentativas foram mais de 500 com e-mails reenviados para diversas organizações, havendo um vasto número de organizações que apenas devolveu resposta aquando da receção do 2º e-mail.



Em Setembro de 2017 deu-se início à criação de uma lista de organizações, que foi crescendo à medida que o estudo se desenvolvia. Para obter esses contactos houve o apoio pontual de algumas organizações (Camara municipal de Anadia e EPA por exemplo). Contudo, tratou-se de uma pesquisa maioritariamente online em sites como o PAI, redes sociais, listas de IPSS dos diversos concelhos (disponíveis online) entre outros.

A primeira entrevista aconteceu no mesmo de Novembro de 2017. Foram efetuadas 29 entrevistas, sendo que duas delas não foram gravadas. Os participantes optaram pela não assinatura de termos de consentimento informado, que fazia parte do protocolo e do contacto prévio, uma vez que desde o primeiro momento não surgiram entraves das instituições dispostas a participar no estudo.

### 1.1 O contexto institucional

A tabela 9 apresenta as principais características das organizações sociais inseridas no estudo.

**TABELA 8 - ORGANIZAÇÕES: CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES**

<b>ORGANIZAÇÕES</b>	<b>Nº IDOSOS</b>	<b>Nº CRIANÇAS</b>
<b>ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE SALREU</b>	38 idosos - Lar e CD	38 crianças - Creche e Pré-escolar
<b>ASSOCIAÇÃO FILANTRÓPICA DA TORREIRA</b>	CD 21 idosos; SAD 9 idosos.	
<b>ASSOCIAÇÃO DE MELHORAMENTO PRÓ-OUTEIRO</b>	90 idosos – CD e SAD	
<b>CAMARA MUNICIPAL DE ÍLHAVO</b>	sem número definido.	sem número definido.
<b>CENTRO COMUNITÁRIO DA GAFANHA DO CARMO</b>	39 idosos - CD	
<b>CENTRO DE APOIO SOCIAL DE VILA NOVA DE MONSARROS</b>	30 idosos -CD; 13 idosos - SAD	13 crianças – CATL; 12 crianças Creche
<b>CENTRO SOCIAL DE LOUROSA</b>	46 utentes/idosos.	

<b>CENTRO DE APOIO SOCIAL À TERCEIRA IDADE E INFÂNCIA DE SANGUÊDO</b>	21 idosos Lar; 10 idosos – CD; 10 idosos - SAD	63 crianças – Creche; 72 crianças pré-escolar; 20 crianças - CAT
<b>ESCOLA PROFISSIONAL DE AVEIRO</b>		700 alunos
<b>FLORINHAS DO VOUGA</b>	13 idosos – CD	
<b>SOLSIL SILVEIRO</b>	22 idosos – Lar; 15 idosos – CD; 13 idosos – CC; 18 idosos - SAD	59 crianças - creche; 43 crianças - pré-escolar; 35 crianças - ATL
<b>UNIVERSIDADE SÊNIOR DE CACIA</b>	35 idosos	
<b>SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE OLIVEIRA DO BAIRRO</b>	60 idosos - Lar; 30 idosos – CD; n/s – SAD.	53 crianças – creche; 68 crianças - pré-escolar; 50 crianças - CATL; 20 crianças - CAO
<b>SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA MURTOSA</b>	78 Idosos – 10 idosos - SAD	

Fonte: elaboração da autora

Foi a área de intervenção da faixa etária sénior aquela que apresentou maior prevalência nas organizações sociais onde se efetuaram entrevistas, sendo que os serviços que mis sobressaem são o Lar, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário.

Com este estudo espera-se recolher um conjunto de pistas e argumentos para investigações futuras que permitam aprofundar o conhecimento sobre o trabalho dos profissionais das organizações do Terceiro Setor, com particular enfoque nas práticas intergeracionais, nomeadamente: as vantagens da aplicação destes projetos para o idoso, criança e profissional; a sintonia de opinião ou não dos diversos profissionais; os limites encontrados; a relevância que as práticas têm no quotidiano, na organização, na comunidade e finalmente na população envelhecida.

## **2. Análise das Entrevistas aos Profissionais da Área Social**

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos na análise das entrevistas efetuadas que dão resposta aos objetivos através da discussão apresentada no texto, no qual serão expostos pequenos excertos de texto para uma melhor compreensão e análise do leitor. Com o intuito de se conseguirem obter dados viáveis, os resultados da pesquisa serão também apresentando recorrendo ao número de vezes que os entrevistados de cada

instituição mencionaram uma determinada dimensão, todavia é dado grande enfoque às questões controversas que mais sobressaíram no que refere às PI.

## 2.1 Práticas Intergeracionais no Distrito de Aveiro

Ao longo do estudo empírico, a investigadora tomou conhecimento das distintas práticas intergeracionais executadas pelos entrevistados nas respetivas organizações. Dada a sua diversidade, a investigadora decidiu elaborar um resumo da sua tipologia geral. Concluiu-se que as práticas intergeracionais eram na sua maioria atividades intergeracionais, tendo-se deparado com escassos Projetos Intergeracionais a longo prazo. As atividades intergeracionais comuns à maioria das organizações são a celebração do Carnaval, do Halloween, do Natal e dos S. Martinho em conjunto.

Algumas práticas particularmente interessantes no entendimento da investigadora foram:

- **“Jogos de Mesa”** - Idosos constroem os jogos manualmente para que depois possam jogar com as crianças que se dirigem à associação (Centro Social de Lourosa);
- **“Jogos do Hélder”** - são jogos elaborados por um profissional da região de Aveiro que é contratado pela associação. Estes jogos são direcionados para a terceira idade, contudo na organização eles são frequentemente realizados em conjunto com a infância com o objetivo de se promover a proximidade entre gerações (Associação Solsil)
- **“Trocac de Correio”** - Durante o ano letivo, crianças e idosos trocam cartas nas quais se pretende que partilhem aquilo que mais gostam de fazer, o que os aborrece, as suas pessoas preferidas etc. No final do ano letivo, têm um encontro para se conhecerem e tornam-se padrinho ou afilhado para o resto da vida (Centro Social de Oiã);
- **“Ser velho é mau”** – criado em 2017. Neste projeto os séniores dirigem-se às escolas de Ílhavo para desconstruir estereótipos à volta dos idosos através de “palestras” (Camara Municipal de Ílhavo), o
- **“Projeto VIVER”** - projeto a nível europeu no qual o Centro de Apoio Social à Terceira Idade e Infância de Sanguêdo participou;
- **“De livro na mão, partilho uma história e uma canção”** - Ambas as gerações contam a sua história, mensalmente, à outra geração tendo em conta o tema de

cada mês, podendo ser contada em forma de canção, poema e/ou peça de teatro (Associação Filantrópica da Torreira).

Quanto a um Plano Intergeracional distinto do Plano anual de atividades, foram identificadas apenas duas organizações no total de 15 organizações.

A descrição das práticas intergeracionais é o mote para se dar início à análise das percepções dos profissionais entrevistado.

## **2.2 Da Planificação das PI: ponto de situação**

### **Eixo 1 – Vivências na instituição e trabalho multidisciplinar**

Este primeiro eixo da investigação reporta-se às “Vivências na execução e trabalho multidisciplinar” (dimensão). Para a análise de dados este primeiro eixo tem uma categoria (A) subdividido em 5 categorias

A categoria A “Percepções quanto à envolvente das práticas intergeracionais” (Tabela 10) visa reconhecer os aspetos que os trabalhadores sociais integrados em PI consideram quanto à execução das PI. Apresenta 46 ocorrências. A sub-categoria “envolvimento, partilha e coerência)” (A1. A) (aquilo que para o profissional é fundamental na planificação e implementação das Práticas Intergeracionais) obteve 13 ocorrências tendo sido referida o mesmo numero de vezes que a sub-categoria “Falta de metodologia específica e pensamento estratégico” (A1, B) (questões relativas a acontecimentos sobre os quais o profissional não tem controlo), 5 ocorrências. Assim, verifica-se que os entrevistados reconhecem e clarificam quais os aspetos a salientar na prática intergeracional ao mesmo tempo que lhes surgem diversas inquietações e entraves. Ainda relativamente a este primeiro tema (A) é de salientar a subcategoria “Trabalho Multidisciplinar” (A1. C) (dados sobre a sua existencia e em que modos acontece), com 15 ocorrências, em contrapartida com a subcategoria “relevância da multidisciplinariedade” (A1.E) (referente à importância dada pelo profissional a esta vertente do seu trabalho), com 7 ocorrências. Aqui, compreende-se que os profissionais reconhecem o papel da multidisciplinariedade, não considerando esta uma necessidade preliminar para a sobrevivência das PI.

**TABELA 9 - EIXO 1 – “VIVÊNCIAS NA INSTITUIÇÃO E TRABALHO MULTIDISCIPLINAR”**

Dimensão	Categorias	Subcategorias	N
----------	------------	---------------	---

1. “Vivências na execução e trabalho multidisciplinar”	Planeamento e implementação	A1. Envolvimento, partilha e coerência	13
		A1. B Falta de metodologia específica e pensamento estratégico	5
		A1. C Trabalho Multidisciplinar	15
		A1. D Entraves/Inquietações	13
		A1. E Relevância da multidisciplinarietà	7

Fonte: Elaboração da autora

Através da análise deste primeiro eixo tirar-se-ão conclusões relativas à visão dos profissionais aquando da planificação e orientação das PI.

Quanto às vivências na planificação e trabalho multidisciplinar, os dados obtidos sugerem que quanto às práticas intergeracionais o mais relevante é a planificação adequada e rigorosa:

#### A1. B Falta de metodologia específica e pensamento estratégico

**Rose** - *Uma PI tem que apresentar princípio meio e fim, para que realmente se possa retirar a máxima vantagem para idosas crianças e para nós enquanto profissionais.*

As palavras de Rose evidenciam que esta considera que uma prática intergeracional só é suscetível de resultados positivos quando existe planificação e implementação de fatores que definam à priori o caminho que a atividade terá que percorrer, tal como mencionam Carreras e Murcia (2007) quando defendem que é crucial planificar corretamente uma PI, ressaltando que deve ser desenhado de forma serena, credível, rigorosa com critérios previamente definidos, corroborando MacCallum et al., 2006 quando este refere que a planificação tem que determinar as fases da PI e aquilo que se irá desenvolver nessas mesmas fases (MacCallum et al., 2006). Verificamos que, nestas práticas, são diversas as situações em que a planificação não é rigorosamente executada:

**Tulip**- *Talvez devesse ser uma atividade estrategicamente definida, mas não o é.*

**Tulip**- *Planeamos as atividades conforme o que consideramos pertinente sem nenhum modelo.*

As palavras de Tulip quando refere que “talvez devesse ser uma atividade estrategicamente definida, mas não o é”, demonstram que estas atividades são maioritariamente executadas sem identificação do contexto, do tipo de participantes, do espaço, dos recursos etc. Independentemente dos motivos apresentados, esta falha de planificação compromete desde logo o sucesso da PI.

**Jasmine**- *Anteriormente havia muito mais dificuldade em implementar, muito embora existisse sempre o plano intergeracional, na prática não era intergeracional.*

Estas palavras proferidas pela entrevistada Jasmine demonstram que, pela falta de planificação, a implementação da atividade não apresentava um objetivo intergeracional concreto, acabando por se perder.

#### A1. A Envolvimento, partilha e coerência

A planificação deve ocorrer tendo em conta o elemento “Envolvimento” e relação” de ambas as gerações que participam na atividade:

**Baru** – (...) *trabalhamos na base do cultivo da “relação”, do envolver...*

**Castanea** – (...) *porque o devemos aos nossos idosos: eles são ávidos de conhecimento e de partilha.”.*

Ao profissional incumbe planificar tendo em consideração o seu envolvimento na sua tarefa uma vez que só assim poderão surgir relações vigorosas entre os distintos envolvidos.

Algumas das dificuldades na planificação e vivencia das PI, tornam-se frequentemente determinantes para o atraso na implementação e mais ainda, a uma menor periodicidade das PI nas organizações.

#### A1. D Entraves/Inquietações

A Prática Intergeracional experimenta regulamente situações de divergências de opiniões entre profissionais no que concerne às PI entre elas estão as disputas de lugares, a incompreensão da necessidade da aplicação da PI aliada à maior vocação para uma área do que para outra, diferentes gerações de profissionais que leva a diferentes formas de se envolver na organização, o reduzido número de técnicos nas instituições sociais e ainda o tempo dispensado para este tipo de práticas.

No que refere à disputa de lugares entre os profissionais de uma mesma instituição e à incompreensão (por parte de algumas profissionais) da necessidade de aplicação das práticas intergeracionais os testemunhos são diversos. Contudo, Diascia foi a entrevistada que ao longo da entrevista demonstrou maior indignação quanto a esta dificuldade, referindo sentir que “...às vezes... *eu vou ser muito honesta, é como se me estivessem a fazer um favor (por estarem a participar na PI)*”. Assim, as inquietações dos profissionais das organizações que participam no presente estudo, centram-se na falta de convergência de opiniões em relação às PI entre profissionais sociais das diferentes valências (terceira idade e infância) e a falta de técnicos especializados nas instituições sociais como veremos mais adiante.

Quanto à falta de convergência de opiniões, esta ocorre pelo facto de a área social abranger um vasto leque de profissionais e frequentemente essas diversas disciplinas são integradas numa mesma instituição, desde o Serviço Social, Animação Sociocultural, Educação, Psicologia, Educação Social e Gerontologia. Estes entraves advêm com principal enfoque da valência da infância, isto é, correntemente os educadores demonstram pouco interesse em efetuar Práticas Intergeracionais:

*Diascia - Principalmente a parte da infância! Tenho a sensação... elas colaboram... mas às vezes tenho quase que implorar. Quando eu sinto que se eu fosse educadora fazia-me todo o sentido passar esses valores do respeito, compreensão. Assim, qual é a minha predisposição? Parece mesmo que me estão a fazer um favor, eu gostava muito que aparecessem para a atividade espontaneamente. E pode perguntar noutras entrevistas, até podem dizer-lhe que corre tudo bem por questão do politicamente correto, mas a reação espontânea deve ser como a minha! E eu gostava de saber porquê.*

Diascia referiu ainda que quando se chega a um consenso, os educadores tentam a que estas práticas se implementem o menor número de vezes possível, revelando ausência de entusiasmo, demonstrando não conseguir compreender as atitudes por parte dos colegas.

A investigadora considera que estas divergências de opinião se poderão dever às características inatas e culturais de cada indivíduo (que se forma por si só com características individuais, que o faz ser distinto de todos os outros) e por outro lado, as diferentes perspetivas da importância das práticas intergeracionais poderão também dever-se à formação profissional. Cada profissional dispõe de ângulos particulares na interpretação das questões sociais e detém competências e visões distintas para a execução de tarefas. Estas diferenças decorrem devido a diversos fatores entre eles a formação profissional, a capacitação teórico-metodológica e ainda a habilidade pessoal para elaborar atividades (Aquin, 2009; Cazzaniga, 2005).

Impõe-se que se faça uma questão: cada profissional com a sua especialidade dentro da área social, contudo não será suposto todos os profissionais se alinharem num mesmo objetivo? Neste caso, o objetivo de promover o respeito mútuo, o afeto e a criação de valores culturais e sociais em ambas as gerações?

Outra das inquietações que importou ressaltar prende-se com uma temática que se encontra na vanguarda das notícias ao nível da área social: a falta de técnicos nas instituições sociais:

**Dietes** - *Dentro da instituição, não há trabalho multidisciplinar... eu sou a única da área social para mais de 45 idosos... algo que devia ser mudado. como é lógico eu faço o mais que posso no trabalho com as escolas e depois nas atividades internas, mas sozinha é muito menos enriquecedor.*

Os profissionais relatam que a sobrecarga de trabalho faz com que não lhes seja viável produzir PI regularmente, já que a sua preparação e execução se torna mais demorada. Assim, por acontecerem com menos frequências influenciam diretamente uma mais morosa diminuição de concepções negativas e estereótipos entre gerações.

Fernanda Rodrigues, presidente da APSS, já em 2015 referiu que a “grande contenção” na contratação de profissionais (...) tem consequências na qualidade da resposta aos problemas sociais.” Acrescentando ainda que “Tem havido uma grande contenção por parte das instituições públicas e privadas em admitir profissionais (...) e isso tem como consequência muitos profissionais estarem com cargas de trabalho acima não só das suas possibilidades, mas acima do que seria aceitável para garantir boa qualidade de trabalho”. Por fim, “sublinhando que, apesar do caminho feito no sentido de fortalecer os recursos, em circunstâncias como a atual há um grande desequilíbrio entre o que seria necessário e aquilo que existe em relação aos problemas” (DN, 16 de Março 2015).

#### A1. C Trabalho Multidisciplinar

No que concerne à **multidisciplinariedade** os pontos que se destacam reiteram que as instituições estão cada vez mais abertas a novas formas de solucionar as questões sociais, encarando, gradualmente, o trabalho multidisciplinar como parte dessa solução. Um desses exemplos é o relato seguinte:

**Jasmine** - *Já notei maiores barreiras quer por parte dos educadores quer por parte das auxiliares e das próprias crianças, até dos idosos e principalmente da própria estrutura da organização. neste momento tudo tem melhorado muito.*

Sabemos que as instituições de caráter social foram durante muitos anos fechadas à sociedade, e ainda hoje se sente essa dificuldade em aceder às mesmas. Contudo, começa a notar-se uma abertura maior a receber pessoas, ideias, inovações... Na visão de Klein (2004), foi a procura por soluções para os novos problemas complexos que levou as instituições à necessidade de se abrirem mais a novas abordagens, novas formas de estar em trabalho. Para o estudioso, as atividades interdisciplinares têm uma



base de ideias com unidade, buscando resolver os problemas complexos, explorar as relações entre profissionais e suas diferentes disciplinas e solucionar problemas que seriam muito dificilmente resolvidos apenas com o acesso a uma disciplina e por fim, obter-se dentro da instituição o maior conhecimento geral (Klein, 2004).

#### A1. E Relevância da multidisciplinariedade

No sentido das palavras proferidas por Jonquil quando este refere que *participam os variados técnicos da instituição: animadores, gerontologa social, psicomotricista, terapeuta da fala ... é toda uma equipa que se reúne para desenvolver as atividades. Porque sempre que as desenvolvemos ela engloba várias dimensões da pessoa... é importante para nós!! eu sou Animador Sociocultural, mas eu tenho limites em várias áreas*. Peduzzi considera que o trabalho multiprofissional é um tipo de trabalho que cria relações recíprocas e interação dos agentes das diferentes áreas, através da comunicação, articulação de acções através da cooperação (Peduzzi, 10 1998).

### **2.3 Para os envolvidos: uma solução e/ou um quebra-cabeças**

#### **Eixo 2 – Nivel de envolvimento, influência e limites – o eu e o outro**

O segundo eixo de investigação foi definido como “Nível de influência e limites – o eu e o outro”. A análise dos dados produzidos é efetuada através da seleção de duas categorias, (B) (C). A primeira categoria (B) dividida em duas subcategorias com distintos elementos temáticos, nomeados entre número romana minúscula. A segunda categoria tema (C) subdividida em seis subcategorias. Apresenta 94 ocorrências, 33 na categoria B e 61 na categoria C.

#### **Categoria B**

A categoria B que se refere à “Perceção sobre a influência das PI” (tabela 11) pretende que os entrevistados mencionam qual a ação das PI no idoso B1.A e nas crianças (B1.B). No que refere à primeira categoria, nela estão distinguidos os seguintes elementos temáticos: i) Mudanças de humor; ii) Sentimento de utilidade; iii) Bem-estar geral. Quanto a categoria das crianças (B1.B), os elementos temáticos distinguidos são os seguintes: iv) Apreço e respeito; v) Desmistificação da velhice; vi) Valores e Aprendizagens. Quanto a estas dois categorias constata-se unanimidade de ocorrências,

sendo que a subcategoria “idoso” (B1.A) obteve apenas mais uma ocorrência (17) relativamente à subcategoria “criança” (B1.B) (16). Assim sendo, auferese que os profissionais sociais encontram influência (quase) equivalente das PI nas duas gerações.

A Categoria (B) relativa à percepção dos profissionais sobre a influência das PI, é dividida em 2 subcategorias “B1.A Idoso” e “B1.B Crianças”. Veja-se a tabela 11.

**TABELA 10 - EIXO 2 - “NÍVEL DE ENVOLVIMENTO, INFLUÊNCIA E LIMITES – O EU E O OUTRO”**

Dimensão	Categorias	Subcategorias	N
<b>2- “Influência e limites – o eu e o outro”</b>	B. Percepção sobre a influência das PI	B1. A) Idosos	20
		i) Mudanças de humor	7
		ii) Sentimento de utilidade	4
		iii) Bem-estar geral	9
		B1.B) Crianças	16
		iv) Apreço e respeito	6
	v) Desmistificação da velhice	5	
	vi) Valores e Aprendizagens	5	
	C. Percepção dos Constrangimentos aliados às PI	C1. A) Limitações	30
		C1. C) Nº de Participantes	17
C1. D) Durabilidade da PI;		8	
C1. E) Logística		6	
C1) F) Recursos Materiais;		4	

Fonte: Elaboração da autora

Através da análise de ambas as subcategorias obtêm-se conclusões referentes à visão dos profissionais no que tange aos ganhos para ambas as gerações que se envolvem nesta troca intergeracional.

#### B1. A) Idosos

Estes encontros entre gerações provocam alterações significativas no estado de espírito dos idosos, as dinâmicas quotidianas melhoram significativamente, denotando-se que também os profissionais sentem mais vitalidade e movimento na instituição. Os profissionais mencionam ainda que ao observar as reações positivas da terceira idade vivenciam sentimentos de dever cumprido.

No geral, a partilha intergeracional reúne benefícios para ambas as gerações. Quanto aos idosos (B1.A), a participação em Práticas Intergeracionais provoca reações

extraordinárias a **nível do humor (i)**, segundo relataram diversos profissionais, entre eles Tithonia:

Tithonia: *“Alegria, alegria, alegria. É isso que traz aos idosos. Puxa por eles a vários níveis, mas na minha visão a principal vantagem é a alegria que se vê no sorriso, no olhar, na reação positiva imediata sempre que vem as crianças.”*

Outra das entrevistadas (Rose) contou-nos que quando o seu filho vai tocar piano para a organização, muitos dos idosos que nunca demonstram interesse por realizar atividades, aproximam-se e ficam em silêncio a ouvir, acreditando que esta é uma reação positiva, da ligação entre um adolescente a música e o idoso.

Os profissionais relatam que quando as pessoas mais velhas são inseridas em práticas intergeracionais acontece uma melhoria a **nível do bem-estar geral(iii)**:

**Diascia** - *Sinto que é um impulsionador do seu bem-estar emocional, social com a interação positiva... os sorrisos... A nível do humor há aqui uma vantagem muito grande...(..). sinto q a nível da socialização é fenomenal, existe também uma diminuição de certa sintomatologia como a redução de ansiedade e depressão... (...) e também a nível das memórias, do funcionamento cognitivo.*

Segundo A-La Park (2014) as práticas intergeracionais tornam mais ativos pela sua influência na pessoa com destaque para as dimensões emocional e social, à parte de uma melhoria no desempenho cognitivo (Park, 2014). A participação nestas atividades são uma forma de **inclusão social (ii)**, segundo alguns relatado como o seguinte:

**Moonflower** - *(...) vamos criar um workshop em escolas dinamizado pelos utentes (fazê-los obter) sentimento de utilidade. (...) as pessoas precisam de partilhar o que sabem e a sociedade precisa de saber isso. Isso traz-lhes vontade de viver.*

As palavras de Moonflower quando diz que “as pessoas precisam de partilhar o que sabem” foram associadas pela própria à redução de sentimento de inutilidade e de isolamento, frequentemente presentes nas pessoas com mais idade, levando esta faixa etária a permanecer feliz e ativa na sua comunidade (Carlson M, 2000). Veja-se que esta análise já não é recente nos estudos de Newman et al 1985 os idosos que participaram em atividades intergeracionais de voluntariado sénior já referiam estas atividades como sendo recompensadoras e vitais para a sua qualidade de vida.

## B1.B) Crianças

No que concerne às crianças, o estudo demonstra que os profissionais encontram influência a nível da desmistificação da velhice e extinção e barreiras, do apreço e respeito mútuo e no enriquecimento dos valores e aprendizagens. Quando falamos em atividades entre crianças e idosos é de o senso comum termos a perceção que as crianças poderão

sentir algum tipo de desconforto na partilha com o idoso, isto porque a própria sociedade lhes impõe essas ideias negativas.

Os profissionais entrevistados referiram que as práticas intergeracionais auxiliam nesta **desmistificação (v)**:

**Lotus** - *As crianças que nunca tiveram convívio com idosos (...) inicialmente ficam desconfiadas..., mas a partir do momento em que vão participando nas partilhas, todas as crianças até hoje passam a gerar uma boa relação, querem repetir as atividades. são diversos os meninos que chamam “Avó”.*

Este relato demonstra que apesar das ideias iniciais já pré-definidas pelo meio, família e/ou cultura, as práticas intergeracionais conseguem alterar, de alguma forma, as ideias das crianças. Prosseguindo esta mesma visão Ficus (v) considera que após algum tempo de partilha com a geração mais velha, as crianças “perceberem a velhice como algo normal... algumas crianças têm medo ou afastam-se no início porque eu acredito que vem com ideias pré formadas do exterior... (...) vão-se aproximando... e sim, um dia quando forem adultos acredito que serão adultos mais normalizadores da velhice. (...)”. Aqui compreende-se, objetivamente, que a profissional acredita no potencial das práticas intergeracionais como “normalizador da velhice”.

Contudo, esta ideia de desmistificação da velhice encontra-se crescentemente presente nas prioridades das instituições sociais.

E tal como Sally Newman (1997) refere, as PI são uma forma eficaz para se incentivar a uma diminuição de estigmas sobre o envelhecimento nas crianças e nos jovens. Defendendo a mesma conceção surge Pinazo e Kaplan (2007) que consideram os PI ótimos para se chegar a uma perceção positiva da geração sénior, isto porque são diversas as crianças que não têm possibilidade de estar com os idosos, e com os PI é possível ser-lhes transmitida uma imagem da pessoa mais velha, mas com participação ativa na sociedade e com habilidades relevantes (Pinazo & Kaplan, 2007).

Os profissionais referiram que têm a convicção de que estas crianças beneficiam desta troca intergeracional mesmo **a nível do valores e aprendizagens**, como é possível comprovar-se nos seguintes relatos:

**Diascia** - *(...) permitir contacto com geração diferente com saberes diferentes, estimular-lhes a curiosidade. esta ligação humana é importante.*

**Castanea** - *Estamos a falar basicamente de uma questão de educação. é importante que haja uma formação para que haja respeito por cada pessoa independente de faixas etárias. É então determinante que ... 1º a família a educar a criança para a coexistência de várias gerações. (...). Em 2º a escola e as autarquias... e aí entram estes projetos intergeracionais numa perspetiva educativa.*

**Dietes** - *Estes convívios benéficos para as crianças aprenderem brincadeiras antigas, não ficando só com tecnologias (...) sem estas atividades, não aprendem nada dos antepassados.*

As palavras proferidas pelos profissionais demonstram que práticas intergeracionais são muito mais do que meras atividades, elas são educativas. Segundo Vicki Rosebrook (2002) as crianças que interajam com os mais velhos de forma regular e num mesmo local, adquirem maior desenvolvimento pessoal e social comparando com crianças que não têm experiências intergeracionais contínuas. Este maior desenvolvimento conduz também a uma melhoria nos desempenhos acadêmicos, a uma melhoria de comportamento geral (Rebok, *et al.* 2004).

É uma realidade que todos os indivíduos constroem a sua personalidade e forma de estar na vida segundo as suas aprendizagens e cultura, diante disso, segundo os entrevistados é necessário que não deixemos essas passagens de testemunho extinguírem-se para que estas crianças sejam dotadas de **sentimentos de valorização e respeito pelo mais velho (iv)**. Vejamos as seguintes palavras:

*Jonquil - As crianças adoram estar com os idosos. elas adoram, agarram-se a eles, fartam-se de dar beijos (...) elas têm muito apreço pelo idoso.*

*Moonflower - Há muito respeito. tratam-nos as vezes por avós. existe muita entre ajuda... as crianças vêm logo para os ajudar a sair da carrinha. Para as crianças torna-se algo super normal. Os utentes idosos ficam supercontentes. há uma ligação.*

Compreende-se que este “elas têm muito apreço pelo idoso” e está “há uma ligação” corresponde a uma atribuição extremamente positiva dada pela entrevistada à influência das práticas intergeracionais nas crianças. Para João Paulo II (2002) “os idosos são os verdadeiros “guardiãs da memória coletiva”, portanto são os responsáveis pela transmissão dos “ideias e valores humanos” (in Rodrigues, M. 2012). Que os nossos anciãos sejam cada vez mais incluídos no quotidiano da sociedade, para que daí avenham benefícios mútuos.

### **Categoria C – Perceção dos Constrangimentos aliados às PI**

Apesar dos muitos benefícios destas práticas para as diferentes gerações, também se torna pertinente compreender-se os limites e dificuldades dos profissionais aquando da colocação em prática. A categoria C identifica a “perceção dos constrangimentos aliados às PI”. As subcategorias subjacentes a esta categoria são a “C1.A Limitações”, (14) a “C1.B) Dificuldades para os profissionais”, a “C1.C Nº de

participantes”(16), a “C1.D Durabilidade das PI” (tabela 12), a “C1.E Logística” e a “C1.F Recursos materiais”.

Neste segundo núcleo onde surgem maior número de ocorrências é no elemento temático C1.C (Nº de participantes e suas ações) com 16 ocorrências, sendo logo seguido pelo elemento temático C1.B que se refere às dificuldades para os profissionais, algo que se torna interessante de poder observar uma vez que o número de participantes desde logo poderia não apresentar todo este relevo numa atividade desde género quando se questiona sobre constrangimento nas práticas intergeracionais. Não muito distante surge também o elemento C1.A (limitações prosseguidas do elemento C1.D (Durabilidade da PI), depois o C1.E (Logística) e por fim (C1.F) recursos materiais.

**TABELA 11 - EIXO 2 - “NÍVEL DE ENVOLVIMENTO, INFLUÊNCIA E LIMITES – O EU E O OUTRO”**

Dimensão	Categorias	Subcategorias	N
<b>2- “Influência e limites – o eu e o outro”</b>	C. Perceção dos Constrangimentos aliados às PI	C1. A) Limitações diversas;	30
		C1. B) Nº de Participantes;	17
		C1. C) Duração da atividade;	7
		C1. D) Logística;	6
		C1. E) Recursos Materiais.	4

Fonte: Elaboração da autora

#### C1. A) Limitações diversas

No presente eixo “nível de envolvimento, influência e limites – o eu e o outro, os técnicos voltam a referir a escassez de técnicos, como demonstra o seguinte exemplo:

**Baru** - *Às vezes temos receio de(não) ter tempo para fazer bem! Será que nos conseguimos agarrar a todos os projetos?*

**Dietes** - *A avaliação não é feita de forma pormenorizada porque existe falta de técnicos (...).*

A falta de técnicos e as dificuldades de gestão de tempo levam a uma sobrecarga de trabalhos dos que se encontram em funções perfazendo com que as atividades não sejam tão frequentemente quanto pretendiam implementadas. Em Março de 2018, Ricardo Pocinho, fundador e presidente da ANGES (Associação Nacional de Gerontologia Social) mencionou que “a sobrecarga de trabalho e os baixos salários estão na origem de um problema que pode vir a afetar o funcionamento das Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas”, aprofundando que “as respostas sociais para idosos como as conhecemos, e o tempo de ter 100 candidatos a concorrer a uma vaga de auxiliar para um lar, já pertence ao passado. Ou mudamos de perspectiva ou todos os que têm mais

idade poderão não ter acesso aos serviços assistenciais de qualidade a que têm direito”, salienta Ricardo Pocinho, em comunicado enviado à agência Lusa.”

A investigadora compreende que esta escassez de técnicos leva a um desânimo e/ou falta de entrega dos profissionais, relatado também pela entrevistada Diascia quando esta refere que existe a falta de “*predisposição dos profissionais*”, podendo-se estar a correr o risco de se entrar numa “bola-de-neve” na qual se comece a normalizar como outrora a falta de dinâmica nas organizações sociais.

**A segunda limitação mais vezes descrita prende-se com a apreensão e/ou o desinteresse dos participantes.** Alguns desses exemplos são as palavras dos entrevistados seguintes:

**Magnolia** - (...) *as crianças dispersam com qualquer coisa(...) é uma tarefa difícil.*

Compreende-se que este “é uma tarefa difícil” traz sentimentos de um maior desgaste da profissional aquando da execução das práticas intergeracionais comparando com uma atividade executada apenas com uma geração de pessoas.

O desinteresse dos participantes surge em algumas atividades tendo o profissional que alterar a sua agenda de atividades, se assim for necessário. Alguns idosos não se mostram dispostos a participar em algumas atividades como nos demonstra o seguinte relato:

**Annona** - *Por exemplo eles (idosos) não participam em atividade de Halloween. (...) estas poderiam ser atividades mais fáceis para esta trocas intergeracional, mas não acontecessem porque respeitamos a vontade deles.*

**Açacu** - *Tem que haver muito cuidado. é que com esta questão do intergeracional tem que se ter muito cuidado, tem que se pensar tudo, não pode ser feito às três pancadas... eles próprios (idosos) no início dizem “lá vem os barulhentos”.*

Percebe-se com estas palavras que para o profissional o respeito pela “vontade” dos utentes se encontra acima de toda e qualquer planificação.

O cansaço ou apreensão de ambas as gerações, leva muitas vezes a que todo o tempo em que o técnico destinou à PI pareça “em vão”, o que é, inevitavelmente motivo de desmotivação, pelo menos momentânea. Os profissionais relevam que a essa desmotivação dá, geralmente, lugar uma intenção de fazer diferente, testando e tentando de novo.

Quanto à apreensão sentida pelas crianças os profissionais tecem algumas considerações entre elas a seguinte:

**Diascia** - *“muitos evitam olhar, causa-lhes impressão. mas ao longo do tempo as crianças tendem a normalizar, porque vai da naturalidade com que nós explicamos- o nosso estigma influencia a percepção deles. Nós somos modelos em tudo, se eu explico isto de forma normal, tudo corre bem.*

Estas palavras levam-nos a compreender que na generalidade as crianças ficam reticentes perante a presença dos mais velhos, podendo-se verificar isso tendo em conta Cristiane Mazutti e Helenice Scortegagna (2006) quando estes concluíram que a percepção da velhice é associada às doenças, à fragilidade e fraqueza, e por esse motivo as crianças têm receio de se tornarem velhos (Rodrigues, 2014) e questionam a velhice. Estes questionamentos serão contrariados pelo profissional quando este normaliza a velhice. Por fim, é necessário e fundamental exercer-se uma preparação prévia, segundo Gillian Grandville (2002) de ambos os participantes. Uma vez preparados, poderão tirar o máximo partido da experiência intergeracional, na qual todos os atores podem sair enriquecidos.

#### C1. B) Nº de Participantes

Os dados obtidos demonstram-nos paulatinamente que os profissionais consideram que para que as práticas intergeracionais possam decorrer sem limitações, é imprescindível trabalhar-se com **grupos de pequena dimensão e com crianças com idades iguais ou superior a 8 anos**, tal como nos demonstram os seguintes excertos das entrevistas executadas:

**Annona** - *Hoje em dia tentamos que o número de crianças seja mais reduzido para se igualar ao número de idosos, mas isso nem sempre é possível.*

**Annona**- *Pequenos grupos são sempre melhores neste tipo de atividade para que se possam criar realmente ligações.*

**Açacu** - *Quanto maior o número de crianças mais difícil fica conseguirmos controlar... com as crianças que já estão em ATL é muito mais fácil, os pequeninos perdem-se muito.*

Estes dados demonstram que os profissionais consideram que com grandes grupos torna-se muitas vezes desgastante, uma vez que a atividade acaba por se perder e todo o tempo investido na planificação e preparação da atividade se transforma em tempo perdido, mesmo que se transforme também em aprendizagem para as próximas atividades com PI. não permitindo que exista tanta dispersão de atenções de ambos os lados.

#### C1. C) Duração da atividade



Após análise da informação da subcategoria C1.C referente ao tempo considerados necessário para uma prática intergeracional obter bons resultados, é-nos permitido referir que existe consenso quanto ao **tempo máximo em que os idosos e as crianças deverão estar em partilha, ou seja entre os 45 min e 1h30 min**. Existindo a possibilidade de se exceder esse tempo sob preparação previa de ambos os participantes para essa questão. Tithonia relata-nos um exemplo que corrobora esta perceção geral dos entrevistados.

**Tithonia** - *Uma altura, juntávamos crianças e idosos para ver um filme, eram quatro horas juntos... as crianças no iniciam gostaram, mas depois a meio do filme já estava distraída. e os idosos chateavam-se porque não conseguiam ouvir.*” Este tipo de situações devem ser, por isso, revistas pela equipa envolvidas nas práticas intergeracionais uma vez que não está a ser benefício para nenhuma das gerações.

#### C1. D) Logística

Surgem dois grandes aspetos a ressaltar: **as dimensões do espaço e o transporte**. Contudo, uma vez que as limitações logísticas ultrapassam a ação dos frontline professionals, é feito um esforço redobrado para que as PI aconteçam ocasionalmente

As informações fornecidas pelos profissionais levam-nos a constatar que as dimensões do espaço limitam a acção e execução das atividades. Vejamos as palavras seguintes:

**Diascia** - *Se eu tenho 15/20 pessoas em cadeiras de rodas. como vou conseguir levar os idosos todos para um salão de dimensão média e depois traze-los, sozinha? Não é fácil gerir esse trabalho.*

Com estas palavras percebe-se que o profissional intergeracional necessita de espaço adaptados e adequadas a esta atividade que se pretende que seja realizada de forma confortável apra crianças e idosos para que o impacto da atividade intergeracional seja realmente positivo.

O transporte é um dos limites mais frequentemente referidos. De seguida, ficam expostos alguns exemplos com excertos das entrevistas:

**Macadamia** - *O transporte limita-nos... Por exemplo esta semana é a nossa vez de nos deslocarmos à escola. e não temos capacidade para levar todos os idosos.*

**Moonflower** - *O fato de não ser um espaço único. isso dificulta sim..., mas fazemos na mesma. Às vezes vêm cá as crianças da escolinha, outra vezes vamos lá nós com os idosos.*

**Guava** - *Não termos crianças na instituição limita muito as nossas acções conjuntas... (...) têm que se deslocar cá sempre (...) os nossos idosos são muito dependentes.*

Depreende-se que o facto de as valências serem em espaços distintos dificulta esta criação de relações de afeto entre crianças e idosos, sendo muitas vezes motivo para a não realizam das mesmas.

#### C1) E) Recursos Materiais

A **escassez de materiais** continua a ser uma realidade nas instituições sociais em Portugal, tendo sido referida por alguns profissionais entre eles os seguintes:

**Acacia** - *A escassez de materiais para a realização de atividades é um verdadeiro entrave para nós*". A entrevistada demonstra que estas atividades são prejudicadas por não conseguirem obter mais apoios materiais da parte da instituição.

**Dietes** - *O nosso grande limite são os recursos: os recursos materiais e financeiros porque por tudo tem custos... o livro que fizemos com as crianças e os idosos teve custos, foi feito por profissionais do museu da imprensa. que vieram cá fazer a demonstração e ficaram cá 2 dias, depois o custo da impressão de todos os livros. isso tudo tem custos que nem sempre se conseguem suportar.*

Terminando com a perspectiva de Açacu que nos relata o seguinte:

**Açacu** - Para já temos poucos recursos, e por esse motivo somos obrigados a ser criatividades. é por isso que envolvemos tanto todos os idosos. temos que inventar e criar, costurar e criar para que as atividades aconteçam.

Esta escassez leva a que os profissionais não possam tão facilmente atuar em conformidade com a sua criatividade e capacidade de encontrar soluções uma vez que depois os recursos não lhes são fornecidos. Na conceção de Sónia Sousa *et al* (2012) são as instituições sociais que sofrem com a evolução que a história e a realidade atual patenteiam, levando-as a uma situação de recursos escassíssimos. Esta escassez de recursos não é novidade trazia pela recente crise pela qual passamos. Ela sempre acompanhou a história da estrutura social em Portugal, sendo visível principalmente no incomensurável número de situações que são atendidas de forma inconveniente ou sem a real resolução dos problemas.

Por conhecermos esta realidade, é importante guardar a visão de Açacu (C1.E) que partilhou com a investigadora, tal como já foi referido anteriormente, que na sua instituição explora-se ao máximo os recursos dentro da instituição, utilizando todos os técnicos, todos os materiais, todos os utentes, toda a comunidade. como forma de suprir a escassez de recursos, acabando assim por integrar e tornar útil todo o meu envolvente não só no interior da instituição como no seu exterior.

## 2.4 Avaliar: fundamental ou dispensável?

### Eixo 3 – “A avaliação: fundamental ou dispensável?”

No que concerne ao Categoria D, que está relacionado com os “as dimensões da avaliação nas PI”, são identificados 5 elementos temáticos, os quais serão pautados de seguida: D1.A Avaliação verbal (3); D1.B Avaliação escrita mas breve – 2 D1.C Relatório de avaliação (3); D1.D Avaliação Quantitativa (2); D1.E Reunião intergeracional (1) e D1.F Avaliações em situações pontuais. O terceiro nucleo em análise pretende compreender qual o papel da avaliação das PI para cada profissional.

TABELA 12 - EIXO 3 – “A AVALIAÇÃO: FUNDAMENTAL OU DISPENSÁVEL?”

Dimensão	Categoria	Subcategoria	N
<b>3- “Avaliar: fundamental ou dispensável?”</b>	D. Dimensões de Avaliação	D1. A) Avaliação verbal	3
		D1. B) Avaliação escrita, mas breve	3
		D1. C) Relatório de avaliação	3
		D1. D) Quantitativa	1
		D1. E) Reuniões intergeracionais	1
		D1.F) Avaliação em situações pontuais	2

Fonte: Elaboração da autora

É necessário salientar desde já que foram diversas as entrevistas em que os técnicos colocaram de parte a abordagem da “Avaliação” ao longo da entrevista, demonstrando de forma indireta que esse não é um fator que, na perspetiva dos técnicos, tenha grande destaque ou que seja ponto essencial nas Práticas Intergeracionais.

No decorrer das entrevistas, concluiu-se que a avaliação dos programas intergeracionais ainda é subvalorizado pelas instituições, sendo muitas vezes um tema do qual os profissionais falam o mínimo possível, demonstrando algum desconforto quanto à questão.

As avaliações verbais e os relatórios de avaliação são mencionados na mesma quantidade pelos entrevistados que fizeram alusão a esta questão. Em contrapartida as avaliações breves, a avaliação quantitativa e as avaliações em situações pontuais

apresentam-se de seguida com o mesmo número de ocorrências. As formas de avaliação menos mencionadas prendem-se com a avaliação por reuniões intergeracionais.

Ainda identificamos no distrito de Aveiro entrevistados que elaboram uma avaliação quantitativa maioritariamente. Este fator prende-se com o facto de ser integrada em órgãos políticos. No entanto, os técnicos desta estrutura identificaram essa falha a nível qualitativo.

As instituições que elaboram relatórios de avaliação demonstraram-nos que a relevância dada a esta fase de uma PI é de particular relevância uma vez que define o que se pode continuar a fazer, aquilo que se deve aprimorar ou repensar e refazer. O relato de Rose explicita-nos como funcionam estas reuniões:

*Rose - (...) reuniões intergeracionais com idosos e crianças: estas reuniões acontecem em setembro. É lógico que antes a equipa reúne para alinhar essa reunião com as duas gerações..., mas isso não é sabido por ambos... ou seja chegamos lá perguntamos os gostos, as sugestões. as atividades são muitas vezes realizadas com base nessas sugestões dos idosos e das crianças. A meio de Fevereiro voltamos a reunir com eles para saber como acham que tem sido de setembro até agora e fazemos uma avaliação descrita de tudo o que os participantes partilharam connosco com vista a tentarmos sempre melhorar a nossa intervenção.*

As **reuniões intergeracionais (D1.E)** foram uma surpresa para a investigadora pela sua pertinência e inovação, fazendo-nos acreditar que esta forma de avaliação das PI's poderá ser uma das melhores formas de se chegar ao sucesso.

As avaliações pontuais são as análises que apenas se elaboram em atividade que envolvem um grande número de indivíduos e que nesse caso os técnicos já consideraram ser crucial a avaliação das atividades.

A análise deste eixo e desta dimensão levou a investigadora a perceber que a avaliação das PI's ainda é subvalorizada no distrito de Aveiro. Num primeiro momento devido ao facto de terem sido escassos os profissionais que referiram a avaliação como parte integrante de tudo o que engloba as PI's, percebendo-se algum desconforto ao falar-se deste ponto das PI's.

E num segundo momento porque apesar de alguns dos profissionais executarem **relatórios de avaliação (D1.C)**, tal como os seguintes exemplos nos mostram:

**Jonquil:** *“Todas as atividades são avaliadas... Nem que seja jogo de dominó (...) são necessários vários técnicos (...) reunimos sobre isso, adaptando as atividades a esses resultados (...)”*

**Clover:** *“Temos parâmetros de avaliação próprios para as atividades intergeracionais... a avaliação é feita pelos técnicos com o feedback de cada um (...)”*

A maioria dos profissionais faz outros tipos de análise. Alguns executam uma **análise verbal (D1.A)**, vejam-se as seguintes palavras:

*Baru: (...) falamos muito entre nós, mas não registamos – se calhar é um erro da nossa parte. Falamos daquilo que correu bem e o que correu mal., mas só entre nós falando no fim das atividades.*

Outros executam uma **avaliação quantitativa (D1.D)**, como nos descreve o seguinte exemplo:

*Castanea: É uma avaliação mais quantitativa como por exemplo os participantes nas PI, os custos da atividade etc. Aqui pedem-nos para avaliarmos a parte quantitativa, a nível mensal... e ainda a nível da execução financeira, temos que ir norteando esses valores tendo em conta o orçamento anual.*

Por seu lado, alguns entrevistados realizar apenas **uma breve descrição dos resultados da avaliação (D1.B)**, como referiu o seguinte entrevistado:

**Macadamia:** *Fazemos avaliação escrita das atividades realizadas em conjunto.*

Por fim, alguns profissionais executam a **avaliação em situações pontuais (D1.F)**, isto é, quando as são atividades de maior envergadura. Exemplo disso são as seguintes informações:

**Baru:** *em ações maiores já fazemos uma avaliação onde vemos os pontos forte, os pontos fracos e o que melhorar...”.*

Estes são fatos particularmente relevantes uma vez que uma avaliação não executada ou executada de forma muito leviana pode levar a escassez de resultados positivos das PI em ambas as gerações. Apesar de ter, a investigadora, encarado esta realidade com alguma surpresa menos feliz, a investigadora ficou positivamente surpreendida com o trabalho exercido na instituição de Rose onde existe a realização de reuniões intergeracionais de preparação e avaliação, onde os idosos se juntam aos técnicos para partilha de ideias, de inquietações e realizações.

Outra das conclusões que a investigadora retirou é a de que as instituições que se juntam para a execução da atividade intergeracionais, frequentemente não se voltam a unir para a efetuação de uma avaliação de todo o trabalho colocado nesta PI.

Esta falha generalizada de uma avaliação eficaz, permanente e vista como um dos motores das práticas intergeracionais, é um dos problemas a salientar, uma vez que em nada favorecem o desenvolvimento no campo intergeracional. É crucial avaliar-se a qualidade do que foi executado, retirando os focos de atenção apenas da quantidade daquilo que é posto em prática. O anteriormente referido é corroborado por Valerie

Kuehne (2005) referindo que *“There are at least two critical problems associated with the state of research and evaluation in this field. First, there is simply not enough of it in any area of intergenerational programming, and we need more of it, even small-scale evaluations that diligently and systematically record program development, intervention, and outcome information”* (Kuehne, 2005: 10).

## 2.5 O retorno, o ceticismo e a esperança

### Eixo 4 – “O Sentimento de Retorno, o ceticismo e a esperança”

A interpretação do Eixo 4 foi dividida em três categorias, subdivididas em quatro, dois e quatro subcategorias respetivamente.

#### Categoria E - “Perceção do profissional sobre o retorno das PI’s

A categoria E. é subdividida nas seguintes subcategorias: o “E1.A gratificação e o enriquecimento” (onde se procura identificar os sentimentos dos profissionais pela realização desta prática e o progresso sentido pela integração nas PI) (40) , o “E1.B Indiferença, normalização e reserva” (aqui identificam-se as respostas dos profissionais que não vêm nas PI um grande retorno e necessidade), o “E1.C Mudanças Emergentes” (referente às alterações necessárias pela visão dos profissionais) e por fim o elemento temático E1.D “Malfazer PI” (que se refere às formas erradas de trabalhar PI, pela visão dos técnico).

TABELA 13 – EIXO 4 – “O SENTIMENTO DE RETORNO, O CETICISMO E A ESPERANÇA”

Dimensão	Categoria	Subcategoria	N
<b>4- O retorno, o ceticismo e a esperança</b>	E. Profissionais no quotidiano	E1. A) Gratificação e enriquecimento	45
		E1. B) Indiferença, normalização e reserva	2
		E1.C Mudanças emergentes	13
		E1. D) Mal fazer PI	4

Fonte: Elaboração da autora

Os profissionais demonstraram que a gratificação sentida neste trabalho é uma fonte de energia para continuar a aplicar estas atividades conjuntas. São diversos os testemunhos dos profissionais onde é salientada satisfação que sentem por fazerem parte destas atividades, sendo diversos aqueles que mencionam trabalhar todos os dias com a convicção que vale a pena trazer sentimentos de pertença e felicidade aos utentes.

#### E1. A) Gratificação e enriquecimento

O enriquecimento é sentido pela generalidade dos profissionais mesmo que, para alguns, estas práticas possam ser mais desgastantes. Exemplo disso são as palavras de Diascia e de Rose:

**Diascia** - *Uma senhora que nunca reage às atividades, sorrio para uma criança.... Isto são ganhos momentâneos, mas que me mostra que isto faz todo o sentido.*

**Rose** - *O retorno é saber que estamos a criar cidadãos melhores, crianças com mais valores e por outro lado idosos mais felizes.*

#### E1. B) Indiferença, normalização e reserva

Contudo, obtiveram-se dados dos quais se retirou que as PI não são uma opinião unânime quanto aos seus múltiplos benefícios, tais como as seguintes informações:

**Angelonia** - *Sinceramente? Não vejo tantas vantagens nas atividades intergeracionais... apenas nos dificultam o trabalho no dia-a-dia... não as considero assim tão vantajosas para nenhuma das partes.*

**Palmtree** - *É natural que a generalidade das pessoas se sintam bem com crianças... para projetar coisas, para ensinar algo, talvez. Apenas isso.*

Estes profissionais demonstraram que as PI não têm o impacto que frequentemente tende a ser-lhes atribuído, sendo ou uma dificuldade para o quotidiano profissional ou sendo algo natural dos indivíduos, essa intergeracionalidade que ocorre ao longo da vida.

#### E1.C Mudanças emergentes

Os profissionais apresentaram ainda múltiplas mudanças emergentes quanto às PI e relativamente à sociedade envelhecida para a qual caminhamos a passos largos. Essas mudanças passam por se desmistificar a velhice junto das crianças e da sociedade em geral. Veja-se as palavras seguintes:

**Magnolia** - *Os idosos são mais do que doenças, as crianças só se tornam bons seres humanos se os valores de respeito, compaixão e partilha lhes forem transmitidos.*

*Rose - Eu acredito que estes tipos de projetos são essenciais para que se transmitam valores de cidadania às crianças. Porque as crianças de hoje vão ser os homens do mundo, das empresas, dos negócios... e é fundamental ensinarmo-lhes o respeito pelo outro.*

Compreende-se com as palavras de Magnolia e Rose que ambas acreditam no poder das práticas intergeracionais na transmissão de valores de afeto e respeito pelo outro, independentemente de faixa etária.

Uma das entrevistadas menciona o seguinte:

*Rose - Precisamos de eliminar esta gerontofobia persistente.*

Este é um termo perfeitamente pertinente uma vez que ela traduz a necessidade de se reduzir atos e pensamento de desvalor e desprezo perante os mais idosos com o objetivo de levar todo o ser humano a afastar o medo excessivo de envelhecer.

As palavras de Tulip traduzem e sustentam a ideia exposta por Rose quando refere o seguinte:

*Tulip - Eliminar a ideia do idoso inválido.*

A investigadora percebe que estas profissionais se encontram verdadeiramente conscientes das dificuldades de compreensão e aceitação, da sociedade em geral, associadas à terceira idade, pretendendo tornarem-se profissionais ativas no auxílio à eliminação dessas perceções.

Portanto, fala-se também, no entendimento da investigadora de questões como a redução do individualismo/egoísmo e a dificuldade cada vez mais notória das gerações vindouras manterem relacionamentos sociais reais e saudáveis. E por outro lado, uma resistência que tem que ser contrariada, dos idosos em aceitar as novas questões atuais da sociedade, com a homofobia. Quanto a esta questão o entrevistado Baru relata-nos o seu trabalho no que à homofobia concerne:

**Baru** - Tentamos trabalhar certos temas com a população sénior para desmistificar, como a homossexualidade, para que eles se insiram na realidade atual do mundo.

Estes entrevistados como profissionais intergeracionais conseguem já perspetivar que uma das grandes soluções para minimizar os efeitos das mudanças societárias é mesmo a prática intergeracional em instituições, escolas e municípios.

Para se conseguir conviver com o envelhecimento de forma saudável e para que os idosos passem a ser parte da comunidade com sentimento de utilidade há um ponto que pode ser utilizado: a **questão da responsabilidade social das empresas** que vai dando pequenos passos no quotidiano do nosso país. Aqui os idosos passam a tornar-se ativos através de voluntariado sénior, nas escolas por exemplo. Estas práticas foram-nos



relatadas por Açacu, como já presentes em algumas organizações do distrito de Aveiro. Vejamos as suas palavras:

*Aster - Numa empresa uma pessoa que trabalhou lá a vida toda, numa determinada máquina, vai para casa de um dia para outro levando consigo todo o conhecimento prático sobre o funcionamento daquela máquina. Assim, essa pessoa pode voltar para a empresa, com voluntariado sénior por exemplo e partilhar o seu conhecimento. Todos ganhávamos!*

E1. D) Mal fazer PI

Os idosos são uma realidade, os números do envelhecimento e da natalidade não enganam e é necessário começarmos já a prevenir. No entanto, este o trabalho intergeracional não pode ser uma questão de “exibicionismos” e competição não saudável entre instruções do distrito e do país que aconteça. Isto é a forma errada de se fazer práticas intergeracionais, alguns desses relatos foram os seguintes:

*Jonquil - Tiram-se fotos e mete-se no facebook. Isto não trás nada para ambos!*

*Cedrela - Vejo que há projetos que são feitos porque é bonito fazer- não porque é realmente valorizar as crianças e idosos.*

*Açacu - Muitos deles são fictícios, mas são documentados e passam para fora! E se calhar com objetivos alcançados. bem, não sei se havia objetivo. o objetivo deles não deve ser envolver realmente aquelas pessoas.*

*Rose - O contacto intergeracional é importante, mas também temos que saber respeitar a personalidade individual de cada individuo.*

Estes profissionais consideram que esta competição pode levar a que as vontades individuais seja subvalorizar em favor da obrigação de se executarem PI's. Em suma, os entrevistados demonstraram que as reações positivas dos seus utentes em conjunto com o enriquecimento profissional sentido na participam das PI, os motiva a continuarem empenhados no desenvolvimento destas práticas, mesmo que apresentem algumas reserva e ceticismo quanto à forma como estas práticas decorrem nas demais organizações.

### **Categoria F – “PI e a Organização”**

A categoria F. Relativo ao retorno para a “Organização” é subdividido nos seguintes elementos temáticos: o “F1.A Questão intrínseca” (As PI praticam-se desde os primórdios da instituição), o “F1.B Ganhos” (aqui identificam-se as respostas dos profissionais que identificam as vantagens que as PI trazem para a instituição).

TABELA 14 – EIXO 4 – “O SENTIMENTO DE RETORNO, O CETICISMO E A ESPERANÇA”

Dimensão	Categoria	Subcategoria	N
4- O retorno, o ceticismo e a esperança	F. Organização	F1. A) Questão intrínseca	3
		F1. B) Ganhos	4

Fonte: Elaboração da autora

#### F1. A) Questão intrínseca

Nesta categoria, os profissionais referiram que estas atividades trazem retorno para a organização uma vez que elas foram pensadas como parte integrante da instituição desde os seus primórdios, já por essas muitas das instituições apresentam ambas as valências num espaço único mesmo que em edifícios separados nalguns casos.

Estas conclusões foram retiradas dos seguintes exemplos:

**Tulip** - *No fundo quem pensou a associação, pensou que ia ser só uma boa imagem estando a juntas as crianças e os idosos. Mas é e foi muito mais do que isso. Hoje somos valorizados por todos, crescemos e é gratificante fazer parte desta evolução e equipa que é uma família. aqui trabalhamos em família!*

**Tithonia** - *Desde que chegam cá (...) essa junção sempre foi acontecendo na instituição visto termos as duas valências no mesmo espaço físico muito próximo do pré-escolar e lar/centro dia centro convívio.*

As perceções destes profissionais levam-nos a reter que para as organizações onde se inserem, as PI sempre fizeram parte do quotidiano naquele estabelecimento e que por isso a organização só se imagina a funcionar em plenitude se as práticas intergeracionais fizeram parte das práticas quotidianas.

#### F1. B) Ganhos

Fazendo um balanço das informações obtidas, seguem-se os relatos de Rose e Tulip:

**Rose** - *A instituição já é conhecida por este modo de trabalhar... todos os anos fazemos inquéritos de satisfação e este ano incluímos as AI. Ouve pais que recomendaram o centro exatamente por ter estas atividades... tivemos cá um diretor de um colégio privado no porto que nos diz que a sua grande desvantagem para connosco é exatamente não terem a oportunidade tão facilitada de ter resta partilha diária entre criança e idosos. “*

**Tulip** - *“A comunidade percebe que a instituição tem movimento a dedicação pelos seus idosos e pelas suas crianças, levando a que sejamos bem vistos por todos. Isto faz com que uns chamem outros e a instituição cresce.”*

Assim, torna-se congruente concluirmos que os profissionais creem que as PI são impulsionadoras do desenvolvimento e crescimento da instituição, uma vez que existe uma “passagem de palavra” que decorre muitas vezes da admiração que a comunidade tem para com o trabalho realizados com idosos e crianças em conjunto.

### **Categoria G – Indivíduos próximos**

Por fim, a categoria G, relativa aos indivíduos próximos, ou seja familiares dos utentes, amigos e comunidade, diz respeito à visão dos profissionais sobre os olhares desses grupos de pessoas perante as PI's, estando subdividido em quatro subcategorias, sendo eles: G1.A Feedback positivo (boas avaliações vindas dos indivíduos próximos); G1.B pouco feedback (pouco conhecimento quanto a opinião destes); G1.C Questionamentos (incompreensões dos indivíduos) e G1.D Redes Sociais (papel dos meus de comunicação como facebook).

**TABELA 15 - EIXO 4 - "O RETORNO, O Ceticismo E A ESPERANÇA**

Dimensão	Categoria	Subcategoria	N
<b>4- O retorno, o ceticismo e a esperança</b>	G. Indivíduos próximos	G1. A) Feedback positivo	7
		G1. B) pouco feedback	3
		G1.C) Questionamento	4
		G1.D) Redes Sociais	2

Fonte: Elaboração da autora

Analisando de uma forma global o último tema deste estudo, a investigadora pode concluir que, na sua maioria, existe uma boa aceitação das PI por parte dos indivíduos próximos dos participantes.

#### G1. A) Feedback positivo

Os familiares participam de forma espontanea ou quando lhes é solicitado nas atividades como refere o seguinte entrevistado:

**Tulip** - *Por cá os pais sempre estão de acordo (...) Até temos pais que ajudam a preparar as atividades intergeracionais. Não colocando qualquer entrave, mostram-se até satisfeitos.*

Esta participação só acontece quando existe um estímulo anterior vindo do interior da organização e é esse o caminho a ser percorrido pelas organizações sociais, a partilha e abertura para que sociedade e familiares possam interagir e auxiliar nas diversas necessidades das organizações.

#### G1.D) Redes Sociais

Por outro lado, as reações nas redes sociais são também elas uma demonstração do quanto os indivíduos próximos demonstram agrado pelas práticas intergeracionais. Exemplo disso é o relato de Jonquil:

**Jonquil** - *A única percepção que tenho é nos comentários no facebook. por exemplo AI têm mais gostos e comentários do que as outras. os pais comentam dão os parabéns. nunca aconteceu critica. aumentam os likes e comentários... o feedback é positivo.*

As redes sociais têm ganho u papel relevante nas diferentes faixas etárias. Se há 10 anos, os utilizadores das redes sociais, em Portugal, eram maioritariamente os jovens, actualmente, os progenitores e os avós desses jovens já se encontram também eles inseridos no mundo virtual, mais concretamente na rede social Facebook. Isto potencia que seja notada pela organização uma maior demonstração de satisfação perante as publicações novas, que não existia anteriormente. Contudo, se essa satisfação aumenta aquando da publicação de conteúdo relativo às práticas intergeracionais, aí poderá significar que estas práticas parecem ser relevantes na perspetiva da sociedade.

#### G1.C) Questionamento

No entanto, ainda se vão mantendo algumas resistências desses indivíduos como podemos confirmar pelo testemunho de Fiscus:

**Fiscus** - *Outra dificuldade para nós é mesmo a relutância dos progenitores. é um caminho que temos vindo a traçar, dia apos dia. e atualmente já sinto que valorizam mais e entendem melhor o objetivo deste trabalho. Esses entraves deverão sempre ser contornados pelos técnicos em conjunto com a direção e os indivíduos que se encontram reticentes.*

A entrevistada disse-nos ainda que estes progenitores vão aceitando as práticas intergeracionais à medida que vão tomando conhecimento efetivo e presencial da forma como este trabalho é executado e do real e importante objetivo por detrás destas práticas.

## **NOTAS CONCLUSIVAS - A EMERGENTE REINTERPRETAÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE**

Antes de mais é pertinente efetuar uma retrospectiva das linhas que guiaram a presente investigação. Esta teve como ponto de partida o compreender de que modo os profissionais da área social entendem as PI. A abordagem concetual das relações

intergeracionais, do envelhecimento ativo e das PI's foram condutoras do estudo sendo paralelamente direcionadas pela aplicação de instrumento de análise qualitativos e participativos, tais como a entrevista narrativa. A entrevista narrativa bem como a entrevista semi-estruturada viabilizaram que se alcançasse uma visão tanto profissional quanto pessoal acerca do tema num contexto profissional, transposto, em simultâneo, para as convicções pessoais do entrevistado.

À medida que a investigação avançava as ideias convergiam para uma interligação entre os conceitos. A abordagem sobre as Práticas Intergeracionais implica uma análise sobre as implicações do envelhecimento associando ao conceito de *ageism*, o qual tem actualmente um firme opositor, o envelhecimento ativo. O Envelhecimento ativo estabelece-se em consonância com as Relações Intergeracionais, uma vez que ambos são promotores da Intergeracionalidade e da redução deste flagelo crescente denominado de “individualismo”. Procedendo-se à implementação de Práticas Intergeracionais diversificadas, legisladas pelos órgãos de poder chegar-se-á às conclusões quanto à dita “emergência” da Prática Intergeracional. Actualmente, os profissionais com intervenção na área social, enquanto Profissionais Intergeracionais detêm um papel crucial na disseminação das Práticas Intergeracionais sendo que incumbe a este profissional constatar da (in)viabilidade destas acções.

Os profissionais que participam em práticas intergeracionais compatibilizam-se quanto aos pontos a ter-se em particular atenção aquando da elaboração de práticas intergeracionais. Para os entrevistados, estas práticas devem ser refletidas tendo em linha de conta que se torna fulcral, em primeiro lugar, **uma planificação exaustiva** que inclua uma pré-análise de possíveis situações imprevisíveis. Mariano Sánchez (2007) dá-nos conta de que é importante refletir sobre a intencionalidade do programa, visto que este pretende satisfazer as necessidades da sociedade atuando de acordo com a realidade, os recursos, as pessoas e as organizações.

Em segundo lugar, encontra-se concordância quanto à noção fundamental que deve guiar todas as fases de uma PI: **o envolvimento e as relações**. Os entrevistados consideram que este se torna num dos pontos que pode ditar o sucesso de uma PI, uma vez que sem esta noção sempre em plano de fundo, o próprio técnico se pode perder relativamente àquilo que realmente deve acontecer naquele momento de interação entre duas gerações distintas. Franco Seminerio (1991) enfatiza-o quando considera que devem existir canais abertos para que dessa forma as trocas entre gerações contribuíssem realmente

para a adaptação de ciclos de vida distintos, sendo que um desses canais aberto poderá ser a predisposição do profissional para se dedicar verdadeiramente à criação de relações próximas entre os participantes.

Em terceiro lugar, os técnicos **convergem quanto à relevância da multidisciplinariedade** e quanto à maior predisposição das instituições para integração de equipas multidisciplinares. Esta tornou-se, actualmente, encarada como que algo fundamental para a sobrevivência das PI pela generalidade dos técnicos e direcções em estudo, sendo referida não só como uma forma de evolução enquanto pessoa e profissional, mas também como um aspeto condutor e facilitador da realização das Práticas intergeracionais. Juan Ramos *et al* (2015) corrobora esta questão uma vez que considera que a o trabalho multidisciplinar procura que se elaborem coletivamente atualizadas formas de atuar, e pensar que potenciem um ambiente sustentável. Este autor considera que existe aqui um grande desafio para o pensamento humano: o profissional deve esforçar-se para encontrar um novo método de abordar os relacionamentos pessoa-natureza, nos diversos níveis da sociedade (económico, político, ecológico e social) (Ramos et al 2015). Este desafio que propõe uma mudança de atitude deve ser cada vez mais direcionado para o pensamento sobre o envelhecimento crescente e sobre como apoiar e tirar partido desse elevado número de indivíduos da terceira idade, tirando também partido do contributo que podemos receber de outras áreas e também dar o nosso contributo ao outro, sem entraves e sem medos.

Estes profissionais identificam algumas divergências de opiniões bem como entraves quanto às PI. Nos últimos dois parágrafos identificamos a relevância da multidisciplinariedade sentida pelos profissionais. No entanto, a multidisciplinariedade traz também alguma discordância. Os profissionais relatam que de entre todos os profissionais da área social envolvidos nas PI das organizações **é na valência da infância (Educadores) que decorre a insuficiente dedicação e/ou entusiasmo para a realizar de PI**. Segundo Marilda Iammamoto (2002) estas situações ocorrem uma vez que “a identidade das equipas profissionais em torno de coordenadas comuns não dilui as particularidades profissionais”. Se a divergência de opiniões se apresenta como uma das inquietações dois profissionais, um outro entrave para a execução destas práticas prende-se com **a escassez de técnicos nas instituições sociais**. Este restrito número de técnicos traz consequências a nível global naquilo que é a forma como as necessidades físicas e essencialmente emocionais são satisfeitas. Assim, os entrevistados mencionaram-nos que a regularidade de implementação de práticas intergeracionais é também afetada pela

insuficiência de técnicos qualificados, transpondo-se um trabalho acrescido para o baixo número de técnicos em funções. Neste sentido, o investigador e presidente da ANGES, Ricardo Pocinho (2018) alerta que “a sobrecarga de trabalho e os baixos salários estão na origem de um problema que pode vir a afetar o funcionamento” das organizações. O investigador refere que ou “mudamos de perspectiva ou todos os que têm mais idade poderão não ter acesso aos serviços (...) que têm direito” (Comunicado enviado à agência lusa em 22 Março de 2018).

No presente estudo, os profissionais entrevistados indicaram que têm sempre observado mudanças significativas ao **nível do bem-estar psicológico, emocional e social** nas pessoas mais velhas. Os profissionais mostraram que estas práticas, contribuem para a **participação e inclusão social do sénior**, prevenindo assim as situações de isolamento e solidão destes. Outra das evidências expostas por estes profissionais são as **alterações de humor e o aumento da vitalidade**. São diversos os autores que fazem alusão aos impactos positivos da participação dos idosos nestas práticas, tais como Glenn Ostir, Kenneth Ottenbacher & Kyriakos Markides (2004) que aludiram para o impacto que este relacionamento tem na melhoria das capacidades físicas e mentais do indivíduo. MacCallum et al., 2006, também menciona que ao estabelecerem estas relações intergeracionais, os idosos aumentam o senso de valor pessoal, alterando o seu humor e a sua vitalidade (MacCallum et al., 2006). E por fim, Mariano Sanchez et al., (2008) corroboram que existe um sentimento de melhoria generalizado, tendo um desejo progressivo de participar na sociedade.

Relativamente às crianças e jovens, os profissionais entrevistados identificam dois pontos fulcrais. Num primeiro momento, transmitiram que as PI apresentam eficácia na **alteração da imagem** que os mais jovens têm da velhice, levando assim a uma **desmistificação da velhice que reduz os estereótipos e comentários depreciativos** comumente associados aos anciãos. Relativamente a este ponto é de ressaltar que são múltiplas as investigações que o demonstram (Foster, 1997; Rebok et al., 2004; Rosebrook, 2006; Sánchez et al., 2008). Num segundo momento, estes profissionais exteriorizaram que estas práticas são importantes para os mais jovens uma vez que lhes são trazidos novos conhecimentos que **influenciam os seus valores e a sua aprendizagem cultural**. Nesta questão os autores referem que estas práticas apoiam na transmissão de cultural aos mais jovens (Bostrum et al., 2001), enriquecendo a aprendizagem tanto escolar como na vida no seu todo (Hatton-Yeo, Kley, Ohsako e Newman, 2001).



Estes profissionais salientaram, no presente estudo, algumas limitações distintas. Na fase da implementação (que requer envolvimento) os profissionais entrevistados demonstram de novo que os **poucos recursos humanos** (qualificados) são uma limitação para que estas práticas decorram com o seu nível máximo de eficácia, visto que estes indivíduos não se encontram mentalmente disponíveis para se entregarem e envolverem na execução da PI. O **marasmo** (frequente em ambas as gerações) e o **receio** (mais frequente na infância) **da parte dos participantes** foram frequentemente referidos pelos entrevistados como elementos que dificultam o sucesso da prática em questão. A desmotivação dos participantes conduz à instantânea necessidade de modificar o que se planejou a priori e por vezes não se torna viável a finalização da atividade. **O receio das crianças** é, segundo os profissionais, muito frequente e, nesse sentido, é a atitude dos profissionais que poderá auxiliar na desmistificação da velhice levando as crianças a normalizar as diferenças que observa no idoso. Contudo, para estes profissionais a normalização da velhice deve ser posta em prática desde o seio familiar, se assim não for, todo o empenho do profissional pode ser insuficiente. Na conceção de Cristiane Mazutti (2006, citado por Júnior et al, sd:3) a percepção das crianças sobre o envelhecimento está diretamente relacionada com o contexto em que está inserida. É principalmente no contexto familiar que a criança constrói as suas ideias sobre a velhice.

No presente estudo, os profissionais demonstraram que, aquando da execução, **a atividade obtém resultados mais positivos quanto menor for o número de participantes**. Justificando que controlar um grande grupo no qual estão inseridas duas gerações com grandes distinções físicas e psicológicas, torna-se muitas frequentemente incomportável. Estes profissionais consideraram também que, na sua generalidade, **estas práticas não devem exceder os 60 minutos**.

Posto isto, é pertinente expor duas questões expostas pelos profissionais, que se tornam num dos entraves para a execução das PI: **a logística e os recursos materiais**. Quanto à logística, os profissionais dividem-se, ou seja, alguns profissionais relatam dificuldades na execução das PI uma vez que **o espaço disponibilizado para esta prática é reduzido**, dificultando a atividade a ponto de os resultados da PI não serem os desejados. Já no caso de outro grupo de profissionais, **a necessidade de transporte para deslocação** à outra estrutura (onde se encontra a distinta geração) diminui sobejamente a quantidade de vezes nas quais existe disponibilidade para se juntarem ambas as gerações.

Por fim, a **escassez de materiais** foi sendo referida pelos profissionais, mesmo que algumas vezes de forma indireta ou em fases pré/pós gravação. Estes profissionais

relevaram que a escassez de materiais dificulta também o avançar com este tipo de práticas. Um dos autores que fala desta temática é Sónia Sousa et al (2012) e Fernando Tenório (2008:142) que identifica formas de se exercer a “Captação de recursos” para que as atividades possam avançar, quando refere que

“(…) Pode se afirmar que, atualmente, a maioria das organizações sem fins lucrativos é vulnerável, possui poucos recursos e, em geral, uma única fonte de apoio. A captação e a mobilização, quando planejadas, contribuem para que a comunidade diversifique a origem dos seus recursos e diminua o grau de vulnerabilidade ao qual está exposta como, por exemplo, a mudança de prioridades ou políticas de financiadores locais, nacionais ou internacionais” (Tenório, 2008:142).

**A fase da avaliação das PI tornou-se numa das grandes surpresas neste estudo.** Infelizmente, os entrevistados partilharam com a investigadora que muitas destas práticas, por ocorrerem de forma inesperada, não são sujeitas a qualquer avaliação, outras das práticas são avaliadas de forma leviana e quando é executada uma avaliação ela acaba por não ser fundamentada, apontando-se apenas os objetivos atingidos e as falhas, sem qualquer procura pela fundamentação e análise aprofundada. Contudo, os profissionais apresentam os seus motivos para **a existência desta lacuna na avaliação rigorosa, prendendo-se mais uma vez com a insuficiência de técnicos qualificados nas organizações.** Esta insuficiência de técnicos leva ainda a que tenha sido diversos os técnicos que relataram que cada valência (criança e idoso) elabora a sua avaliação, sendo que é regular essa “avaliação” não ser partilha com a valência oposta. Alguns dos profissionais demonstram estar consciencializados de que esta falta de avaliação das PI traz grandes desvantagens quanto à progressão deste tipo de práticas a nível nacional, uma vez que estes profissionais poderão cair no erro de elaborar, executar e concluir, progressivamente, práticas intergeracionais inadequadas. Essa inadequação das práticas intergeracionais, poderá trazer, no entendimento da investigadora, condicionamento ao progresso da forma como se pensam e executam as práticas intergeracionais. A nível internacional, Hatton-Yeo, Klerq, Ohsako e Newman (2000) consideraram que são diversos os países que relatam a necessidade da existência de uma melhorada avaliação de programas intergeracionais. Essa avaliação melhorada incluiria aspetos como a crua eficácia da atividade que colocaram em prática, através da demonstração da sua visão e principalmente dos participantes na PI. Segundo Sanchez (2007) a avaliação é parte do método intergeracional e deve estar presente desde o início ao fim da PI, uma vez que

assim se poderá definir e alterar as estratégias a seguir. Por fim a avaliação apresenta-se como crucial uma vez que é com ela que os profissionais irão concluir da eficácia do programa, levando assim ao sucesso dos demais PI (Newman e Larkin, 2006). Existe um trabalho a fazer-se, a nível dos profissionais integrados no campo intergeracional quanto à avaliação destas práticas. É necessário que os técnicos interiorizem que tal com a fase de planificação, a fase de avaliação é fundamental para uma PI. Esse trabalho trará certamente resultados acrescidos, para os participantes e para a prática intergeracional em si.

O retorno sentido pelos profissionais pela participação nas PI é notório. Os participantes no presente estudo demonstraram convictamente que estas práticas lhes trazem sentimentos de gratificação, satisfação aos quais se acumula o sentimento de compreender que, apesar das adversidades e entraves, é compensador ser-se recompensado com a melhoria significativa do bem-estar geral nos idosos e no crescente respeito pelo idoso vindo da criança. Por outro lado, os entrevistados mencionam que estas práticas lhes trazem enriquecimento pessoal e acima de tudo profissional, uma vez que desenvolvem trabalho multidisciplinar, aprendendo e partilhando conteúdos e conhecimento.

Os profissionais entrevistados mostraram a sua inquietação quanto àquelas que pensam ser as mudanças emergentes na sociedade, tais como a desmistificação da velhice junto das crianças e na sociedade no teu todo, uma vez que vivemos num mundo tendencialmente envelhecido. Estes profissionais consideram que as PI se apresentam pertinentes e eficazes para se proceder à eliminação desta “gerontofobia” (Rose, 2018) de estereótipos e de exclusão social na velhice, promovendo relações de respeito mútuo e partilha de habilidades. A responsabilidade social perante o idoso e a criança, deve incluir as PI, e ser alargada às diversas áreas influentes do país. Conquanto, partilharam com a investigadora que a aplicação das PI não pode acontecer devido a exibicionismo e “competições” entre instituições, em virtude de se cair no erro de sem menosprezar as vontades individuais de cada participante.

Para Mariano Sanchez (2009) na década de 1990, a intergeracionalidade tornou-se elemento chave para o desenvolvimento comunitário uma vez que auxilia particularmente na promoção de uma cidadania ativa, na sustentabilidade das comunidades e na sua coesão. A **família** exerce, ao longo da nossa vida, um dos primeiros e principais papéis como agentes de socialização na vida de cada indivíduo. Segundo Pier Donati (1999) para se falar (sociologicamente) de família tem que se falar

obrigatoriamente de gerações, uma vez que estes estão interligados e interdependentes. As famílias dos participantes, segundo os entrevistados, encontram-se cada vez mais recetivas e participativa nas PI, sendo este um fator facilitador para a sua continuidade e progressão. Por seu lado, os profissionais apresentam a crença de que as PI têm um caráter impulsor na instituição onde exercer funções, devolvendo admiração geral pelo trabalho executado a nível interno.

O presente estudo, não obstante todas as evidências, por ser de carácter qualitativo, encontra-se limitado, sugerindo-se, portanto, que se prossigam as investigações na área intergeracional com particular direccionamento para a questão do trabalho elaborado pelos profissionais quanto a estas práticas.

Para a evolução das práticas intergeracionais no que concerne à pesquisa e avaliação, a investigadora canadiana Valeria Kuehne (Kuehne, 2003b) identificou no ano de 2003, os quatro desafios cruciais que, no presente estudo, se considera serem ainda atuais, relevantes e necessários.

Os desafios são que em primeiro lugar, se devem fortalecer as bases teóricas onde as práticas intergeracionais são elaboradas.

Com o segundo desafio, a investigadora sugere que se realizem análises comparativas de práticas intergeracionais que ocorram em distintos lugares a nível mundial.

O terceiro desafio anseiam que os estudos de impacto das práticas intergeracionais vão além da questão das mudanças nas atitudes. Este terceiro desafio é aquele que de 2003 até aos dias de hoje, consideramos que tem sido mais tido em conta, sendo já vários os estudos direccionados para a planificação e formas de execução por exemplo.

O quarto desafio está relacionado com a necessidade de se promover a aplicação de metodologias de pesquisas fiáveis e válidas que possam facilitar a replicação e melhoria de conclusões e avanços.

Em modo de conclusão, sugere-se que este estudo possa abrir portas para que novas pesquisas, respeitantes à percepção dos profissionais sobre as práticas intergeracionais, sejam elaboradas a nível nacional e internacional, de modo a que esta vertente do campo intergeracional ganhe bases de dados sólidas com as quais se possam obter informações confiáveis para a continuidade destas práticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento* (2011) “Seminário Encontro de Gerações” 22(50) 13. SESC: São Paulo

Aday, Ronald; McDuffie, Wini; Sims, Cyndee. (1993). *Impact of an intergenerational program on Black adolescents' attitudes toward the elderly*. *Educational Gerontology*, 19(7), 663-673. <http://pages.stern.nyu.edu/~kbrabazo/Eval-repository/Repository-Articles/impact%20on%20black%20adolescents.pdf> [25 fevereiro 2018]

Almeida, Mariana. (2007). *Envelhecimento: Activo? Bem-sucedido? Saudável? Possíveis coordenadas de análise*. in Forum Sociológico, 2ª série, nº 17: 17-24.

Almeida, T.; Hatton-Yeo, A.; Marreel, I. (2009). *Guide of Ideas for Planning and Implementing Intergenerational Projects. Together: yesterday, today and tomorrow*. Portugal: Intergenerational Valorisation and Active Development Association

Amaro, Inês M. (2015) *Urgências e Emergências do Serviço Social: Fundamentos da profissão na contemporaneidade*. 2ªed.Lisboa: Universidade Católica Editora

Andrade, F. (2002). *Uma experiência de solidariedade entre gerações: Contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Arnal, J.; Del Ricon, Delio; António, Latorre (1992). *Investigación educativa. Fundamentos y metodología*. Barcelona: Labor.

Aquin, Nora. (2009) “El Trabajo Social en la institucionalidad de las políticas públicas. Comprender los limites, potenciar las posibilidades.” in Aquin, Nora; Caro, Rúben. (eds.). *Políticas Públicas, derechos y Trabajo Social en el Mercosul*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2009, 151-166.

Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural (2010) *Estatuto do Animador Sociocultural (Proposta da APDASC)*. Aveiro

Bernard, M.; Ellis, S. (2004). *How do you know that intergenerational practice works?* The Beth Johnson Foundation.

Bourdieu, Pierre. (1998). *The State Nobility: Elite Schools in the Field of Power*. Cambridge: Polity Press.

Boström, Ann-Kristin. (2002). “Informal Learning in a formal context: Problematizing the concept of social capital in a contemporary Swedish context.”. *International Journal of Lifelong Education*. (21), 510-524.

Boström, A., Hatton-Yeo, A., Ohsako, T., & Sawano, Y. (2000). “A general assessment of Intergenerational Practices in the countries involved.” in A. Hatton-Yeo y T. Ohsako,

(eds.). *Intergenerational programmes: public policy and research implications. An international perspective*. (3-8). Stoke-on-Trent: UNESCO.

Butler, Robert N. (1980). "Ageism: A Foreword." *Journal of Social Issues*, 36(2), 8-11.

Carvalho, Maria I.; Martins A.; Garcia, A. P.; Gil, A. P.; Pinto, C.; Ribeirinho, C.; Mouro, H.; Bracons, H.; Malheiros, J.; Aceros, J.; Dominelli, L.; Quaresma, M.; Cavalcante, M.; Rodrigues, M.; Domènech, M.; Pinto, P.; Dias, R.; António, S.; Alexandre, S.; Faleiros, V. (2013) *Serviço Social no Envelhecimento*. Lisboa: PACTOR

Carlson MC, Seeman T., & Fried L.P. (2000). "Importance of Generativity for Healthy Aging in Older Women. Aging". *Johns Hopkins Medical Institutions*. 12(2), 132-40.

Carreras, J. (2007). "Del para qué al qué evaluar: la construcción del diseño en la evaluación de los Pis." In Sánchez, M. (Eds.) *La evaluación de los programas intergeneracionales*: 31-48. Madrid: IMSERSO.

CID (2004) *Manual de Boas Práticas - Um guia para o acolhimento residencia das pessoas mais velhas*. Portugal: ISS 2004: 22

Coleman, James S. (1988) "Social capital in the creation of human capital" *American Journal of Sociology*, 94, 95-120.

Conde, Maria (2009) *Relaciones Intergeracionales: Informe sobre la situación em sietes países de Ibero América*. **Monográfico: Enlace em Red**. España: 8-9.

Costa, Alfredo B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Coutinho, Clara. P. (2015) *Metodologias de investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática* (2ªed.). Coimbra: Almedina.

Cybulski, Mateuz., Krajewska-Kułak, Elzbieta.; Sowa, Pawel.; Orzechowska, Magda.; Van Damme-Ostapowicz, Katarzyna.; Rozwadowska, Emilia.; Guzowski, Andrezej (2013). "Elderly Peoples' Perception of Young People – A Preliminary Study." *Iranian Journal of Public Health* 42(10), 1099–1105.  
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4436537/> [25 fevereiro 2018]

Christensen, P., & James, A. (2005). “Pesquisando as Crianças e a Infância: Culturas de Comunicação”. In Christensen, P., & James, A. (eds). *Investigação com crianças Perspetivas e Práticas*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. XIII-XX.

Decisão nº 940/2011/UE do Parlamento Europeu e do Conselho de 14 de setembro de 2011:246/5 “*Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre as Gerações* (2012)” <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32011D0940&from=EN> [10 fevereiro 2018]

De Sousa, C., Jesuino, C., Fonseca, F. Lima, A., Tapadas, A. (2010) “Como as crianças vêem os idosos: um estudo dos 6 aos 10 anos - Universidade do Minho- Ata do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia” In Rodrigues Sónia A. R. (2014) *O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens - meio urbano versus meio rural*. Tese de mestrado em Gerontologia Social. Instituto Politécnico de Castelo Branco. <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2617/1/Trabalho%20de%20projeto%20wj.pdf> [16 abril 2018]

Díaz, Conde M. P (2009, Julho). Profesionalización de la gestión de los programas intergeneracionales. *Monográfico: Enlace en red*, 8-9: España.

Duggar, Margaret L. (1993). “Intergenerational programs: Weaving hearts and minds”. Tallahassee: *Florida Council on Aging*. Florida State Department of Education.

EAGLE - *European approaches to Intergenerational Life-long Learning* (2007). <http://www.eagleproject.eu/welcome-to-eagle/policies-programs-initiatives/> [7 janeiro 2018]

Wermundsen, Terhi. (2007). “*Desk Research Synthesis Report - Intergenerational Learning in Europe Policies, Programmes & Initiatives*”. UK, EAGLE: FIM-NewLearning.

European Union (2011). “*Draft Council Resolution on a renewed European agenda for adult learning - Adoption.*” (16743/11 EDUC 268 SOC 981) Brussels.



- Erikson, Erik H. (1963) *Childhood and Society*. New York: Norton.
- Erikson, Erik H.; Erikson, J.; Kivnick, H. (1986) *Vital involvement in old age*. New York: Norton
- Eurostat Statistical Books (2015) “*People in the EU: who are we and how do we live?*” Luxembourg: Publications Office of the European Union
- Feldman, S.; Mahoney, H.; Seedsman, T. (2003). “School based intergenerational programmes: laying the foundations for sustainability” *Journal of Intergenerational Relationships*. (1), (2), 47–66.
- FENPROF (2007) Anexo I - Definição de Profissões e categorias profissionais in *Boletim do Trabalho e Emprego*. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Séria 1, 74 (11). 675- 676. Lisboa
- Fernández-Ballesteros, R. (2000). “Gerontologia Social. Una introducción.” In Casado, J.; Gregorio, P. (Eds.) *Funcion mental y envejecimiento*. 76-84. Madrid: Editores Medicos.
- Ferreira, Olga. G. L.; Maciel, S. Carneiro., Costa, S. M. Gusmão.; Silva, A. Oliveira.; Moreira, M. A. S. Paredes. (2012). “Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional.” *Texto & Contexto- Enfermagem*. 21(3), 513-518. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000300004> [29 fevereiro 2018]
- Ferrigno, José Carlos. (2003) *Co-Educação entre Gerações*. Sesc São Paulo: Vozes.
- Fonseca, António. M. (2005). “O envelhecimento bem-sucedido.” In C. Paúl e A.M. Fonseca (coord.), *Envelhecer em Portugal*. Psicologia, saúde e prestação de cuidados. Lisboa: Climepsi.
- Fletcher, S. (2007) “Intergenerational Dialogue to Reduce Prejudice.” *Journal of Intergenerational Relationships*. 5, 6-19.
- França, Lucia H. F. P.; Silva, Alcina M. T. B.; Barreto, Márcia S. L. (2009) “Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira.” *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 13(3), 519-531.

Gordon, Susan K.; Hallauer, Dean S. (1976) “Impact of a Friendly Visiting Program on Attitudes of College Students Toward the Aged: A Pedagogical Note” *The Gerontologist*, 16(4), 371–376, <https://doi.org/10.1093/geront/16.4.371> [21 Fevereiro 2018]

Gonçalves, M. (2013). “Family Studies: The relevance of community based participatory research. Quarterly Bulletin of the NGO Committee on the Family, 85, 19-24”. In Branco, Carla (2014) *Relações Intergeracionais no combate à exclusão social: Avaliação de necessidades numa perspetiva multi-formante*. Tese de mestrado em Psicologia Social e das Organizações. ISCTE: Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9051/1/Tese%20Carla%20Branco.pdf> [1 maio 2018]

Granville, Gillian. & Hatton-Yeo, A. (2002). “Intergenerational Engagement in the UK: a framework for creating inclusive Communities” In Kaplan, Henkin and Kusano (Eds) *Intergenerational Strategies in Global Perspective*: University Press of America.

Hatton-Yeo, Alan. (2002). “Conference report: Connecting generations: A global perspective.” in Almeida, Hatton-Yeo & Marreel (2009) *ICIP International intergenerational conference connecting generations: A global perspective* (1-48). UNESCO and Beth Johnson Foundation.

Hatton-Yeo, Alan; Klerq, J.; Ohsako, T.; Newman, S. (2000). “Public policy and research recommendations: An international perspective.” In Hatton-Yeo, Alan; Ohsako T (eds.) *Intergenerational Programmes: Public Policy and Research Implications and International Perspectives*. (9-17). Germany: UNESCO.

Hatton-yeo, Alan; Magoulas C.; Chabert, A.; Turrini, M.; Tilnica, M.; Middleton, L.; Bosenius, J.; Fischer, T.; Kretschmer, T. (2008)  
*The eagle toolkit for intergenerational activities*. UK: Eagle Consortium.  
[https://cdn.uclouvain.be/public/Exports%20reddot/aisbl-generations/documents/DocPart\\_Method\\_EagleToolkit.pdf](https://cdn.uclouvain.be/public/Exports%20reddot/aisbl-generations/documents/DocPart_Method_EagleToolkit.pdf) [22 abril 2018]

Iamamoto, Marilda Villela. (2012) Projeto profissional, espaços ocupacionais e trabalho do assistente social na atualidade. In: CFESS *Atribuições privativas do(a) assistente social*. Brasília: CFESS, 33-54.

Ivester, Connie; King, Karl. (1977) "Attitudes of Adolescents Toward the Aged" *The Gerontologist*, 17(1), 85–89. <https://doi.org/10.1093/geront/17.1.85> [22 janeiro 2018]

Júnior, J.; Martins, R. & Veloso, L. (s.d.) *Diferenciais de género na concepção de velhice entre crianças do peti da aldeia SOS no Município de João Pessoa/PB: a educação infantil no processo de (des)construção da velhice*. Universidade Federal da Paraíba. <http://www.itaporanga.net/genero/1/GT13/07.pdf>. [10 fevereiro 2018]

Kuehne, Valerie S. (2003b). The State of Our Art: Intergenerational Program Research and Evaluation: Part One, *Journal of Intergenerational Relationships*, 1 (2), 79-94.

Kuehne, Valerie.S. (2005). *Making What Difference? How Intergenerational Programs Help Children and Families*. Elders as Resources: Intergenerational Strategies Series. Baltimore, MD: Annie E. Casey Foundation.

Klein, Julie T. (2004) "Interdisciplinarity and complexity: an evolving relationship." *E-CO*. 6(1-2): 2-10

Lima, Margarida. (2013). *Posso Participar? Actividades de Desenvolvimento Pessoal Para Idosos*. Imprensa da Universidade de Coimbra

Lopes, Marcelino S. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

MacCallum, Judith.; Palmer, D.; Wright P.; Cumming-Potvin, W.; Northcote, J.; Brooker, M.; Tero, C (2006). *Community building through intergenerational Exchange programs*. National Youth Affairs Research Scheme. (NYARS) Australia

Magalhães, Dirceu N. (2000). "Intergeracionalidade e cidadania." In Paz, Serafim (2000). *Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?* Associação Nacional de Gerontologia. 153-156: Rio de Janeiro. <http://lilacs.bvsalud.org/> [25 abril 2018]

Martinez, Mariano & Hernandis, S. (2009) Relaciones Intergeracionales: Informe sobre la situación em sietes países de Ibero América. *Monográfico: Enlace em Red*. España: 5-7.

Marques I. & Pereira M. (2009). Vovóteca. In J. Pereira & M. Lopes, *Animação sociocultural na terceira idade*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. 360-365

Martinez, Mario.; Hernandis, S. (2009). “El campo intergeneracional”. *Monográfico: Enlace en red*. España 5-7.

Mazutti, Cristiane. e Scortegagna, M. H. (2006) Velhice e envelhecimento humano: concepções dos pré-escolares do Município de Tapejara – RS. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 3(2). <http://www.seer.upf.br/index.php/rbceh/article/viewFile/77/73> [25 novembro 2018]

Mertens, Donna. M. (1998). *Research methods in Education and Psychology: Integrating diversity with quantitative & qualitative approaches*. London: Sage Publications: 160

Neves Carolina F.O. (2012) *Estereótipos sobre idosos: representação social em profissionais que trabalham com a terceira idade*. Tese de mestrado em Gerontologia. Universidade da Beira Interior. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/120> [25 fevereiro 2018]

Newman, S. (1998). Intergenerational programs: Program Management Components. *Generations Together X Annual Intergenerational Training Institute*. St. Pittsburgh: Generations Together.

Newman, S. (1998). “History and evolution of intergenerational programs.” In S. Newman, R. Ward, Th. Smith, J. Wilson & J. McCrea, *Intergenerational Programs: Past, Present and Future* (pp.55-79). Washington, DC: Taylor and Francis

Newman, Sally.; McCrea, James M.; Smith, Thomas B.; Ward, Christopher R.; Kingson, Eric.; Wilson, Janet O.; Calhoun, Gary (1997) *Intergenerational programs: past, present and future*. Washington DC: Taylor and Francis Publishers

Newman, Sally., & Hatton-Yeo, Alan. (2008). “Intergenerational learning and the contributions of older people”. *Ageing Horizons*, 8, 31-39.

Newman, S., & Sánchez, M. (2007). “Los programas intergeneracionales: Concepto, historia y modelos.” In Sánchez, Mariano; Butts, Donna M; Hatton-Yeo Alan; Henkin, Nancy A; Jarrot, Shannon E; Kaplan, Matthew S; Martinez, Antonio, Newman Sally; Pinazo, Sacramento; Saez, Juan; Weintraub, Aaron P. C. (2007) *Programas intergeneracionales: Hacia una sociedad para todas las edades* (pp. 37-69). Barcelona: “La caixa” Fundación.

Newman, Sally., Sanchez, Mariano (2011). “Encontro entre Gerações. A Terceira Idade.” *Estudos sobre envelhecimento - SESC – Serviço Social do Comercio*. 22(50)

Novaes, Helena M. (1997) *Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e ruturas necessárias*, 2a ed. Rio de Janeiro. Nau.

Nunes, L. N. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjetivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*. Tese de mestrado em Psicologia. Universidade de Coimbra: Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11787> [25 fevereiro 2018]

Ostir, Glenn.V., Ottenbacher, Kenneth J. & Markides, Kyriakos S. (2004). Onset of Frailty in Older Adults and the Protective Role of Positive Affect. *Psychology and Aging*, 19(3), 402-408. <https://books.apa.org/pubs/journals/releases/pag-193402.pdf> [25 Junho 2018]

WHO (2002) *Active Ageing: a policy framework*. Geneva: WHO. [[http://www.who.int/ageing/publications/active\\_ageing/en/](http://www.who.int/ageing/publications/active_ageing/en/)] <https://books.apa.org/pubs/journals/releases/pag-193402.pdf>

Pain, Rachel. (2005). “Intergenerational Relations and Practice in the Development of Sustainable Communities”. *International Centre for Regional Regeneration and Development Studies*: Durham.

Palmeirão, Cristina (2008) *Aproximar gerações: o caminho da educação*. Rediteia. ISSN 1646-0782. REAPN. 41, 23-25. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/3948> [2 de Janeiro de 2018]

Palmeirão, C. e Menezes, I. (2012) No mundo de hoje: atitudes perante as pessoas idosas. *Cadernos de Pedagogia Social*. No 4. Pp.119-152. <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/11553> [10 de Dezembro de 2017]

Peduzzi M. (1998) *Equipe multiprofissional de saúde: a interface entre trabalho e interação*. Tese de doutoramento em medicina preventiva e social. Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/310392> [3 de Março de 2018]

Park, A-La (2014) “Do intergenerational activities do any good for older adults well-being? a brief review.” *Journal of Gerontology & Geriatric Research*, 3 (5). 181

Pinazo, Sacramento; Kaplan, M. (2007). “Los beneficios de los programas intergeneracionales”. In Sánchez, M. et al., *Programas Intergeracionales: hacia una sociedad para todas las edades 70-101*. Barcelona: Fundación “La Caixa”.

Pimentel, Luisa; Lopes, Sara M.; Faria, Susana (2016) *Envelhecendo e Aprendendo. A Aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo*. Lisboa: Coisas de Ler Edições

Pinto, Teresa. A., Hatton-Yeo, A. & Marreel, I. (2008). “Juntos - ontem, hoje e amanhã: Guia de Ideias para Planear e Implementar Projetos Intergeracionais”. Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Ativo. Portugal

Pocinho, Ricardo, S. P. (2014) *Mayores en contextos de aprendizaje: Caracterización y efectos psicológicos en los alumnos de las Universidades de Mayores en Portugal*. Tese de doutoramento em Psicogerontologia. Universitat de València. [http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Mayores\\_Pocinho.pdf](http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Mayores_Pocinho.pdf) [21 de Dezembro de 2017].

Popkewitz, Thomas S. (1988). *Paradigma e ideología en investigación educativa. Las funciones sociales del intelectual*. Madrid: Mondadori.

Ramos, Juan M.; Romero, Florencio; Becerra, Emperatriz; Tipiciano, Roccio (2015) “*Multidisciplinaridad e las Ciencias Sociales*”. Universidad Nacional José Faustino Sánchez Carrión.

Randler, Christoph; Vollmer, Christian; Wilhelm, David; Flessner, Melanie; Hummel, Eberhard (2014) *Attitudes Towards the Elderly Among German Adolescents*. *Educational Gerontology*, 40(3), 230-238. <https://doi.org/10.1080/03601277.2013.802187> [21 de Dezembro de 2017].

Rebelo, José; Penalva, Helena. (2004) “Evolução da população idosa em Portugal nos próximos 20 anos e seu impacto na sociedade” in *II Congresso Português de Demografia. Escola Superior de Ciências Empresariais*. Instituto Politécnico de Setúbal Setembro de 2004. <http://www.apdemografia.pt/files/786534234.pdf> [10 de fevereiro de 2015].

Rebok, George. W.; Carlson, Muchelle Cm; Glass, Thomas A.; McGill, Sylvia; Hill, Joel; Wasik, Barbara A.; Lalongo, Nicholas; Frick, Kevin D.; Fried, Linda P.; Rasmussen, Meghan D. (2004). “Short-Term Impact of Experience Corps® participation on children and schools: Results from a pilot randomized trial.” *Journal of Urban Health*. 81(1), 79-93.

CITE (2016) **Relatório sobre o Progresso da Igualdade entre Mulheres e Homens no Trabalho, no Emprego e na Formação Profissional**. Lisboa. <http://cite.gov.pt/pt/destaques/noticia718.html> [1 de Agosto de 2018].

Rodrigues, Maria I. S. (2012). *O impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos*. Tese de mestrado em Gerontologia Social Aplicada. Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/10400.14/13657> [11 de Março de 2018].

Rodrigues, Sónia A. R. (2014) *O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens - meio urbano versus meio rural*. Tese de mestrado em Gerontologia Social. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco. <https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/2617> [2 de Novembro de 2017].

Rosebrook, V. (2002). Research indicates: *Intergenerational Connections Enhance the Personal/Social development of young children*. <https://link.springer.com/journal/13158> [7 de Maio de 2018]

SAUDE ONLINE (2018): <https://saudeonline.pt/2018/03/23/instituicoes-de-idosos-em-portugal-tem-falta-de-profissionais/> [3 de Maio de 2018]

Sáez, Carreras J.; Conde, Diaz P.; Pinazo, Hernandis S.; Sánchez, Martínez, M. (2009) “Buenas prácticas profesionales em el campo intergeneracional. Análisis de la situación y propuesta de mejora”: 4. Imerso: España.

Sánchez, M. Mariano (2007). “*La evaluación de los programas intergeneracionales.*” Madrid: Imerso.

Sánchez, M. Mariano (2009). “La necesidad de los programas intergeneracionales. Ayer, hoy, mañana”. Espanha: *Espai Social* (9) 8-12. [http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai\\_social\\_09.pdf](http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai_social_09.pdf) [6 de Agosto de 2018]

Seminario, Franco Lo Presti. (1991) Conflitos existenciais na terceira idade. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada: 43: 1-2. In *Revista Portal (2014) Programas intergeracionais no Brasil: Revisão Bibliográfica* 40. <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/viewFile/452/452> [17 de Novembro de 2017]

Sequeira, Carlos (2010) *Cuidar de idosos com dependência física e mental*. Lisboa: Liddle- edições técnicas.

Shaw, Ian F. (1999). *Qualitative evaluation*. London: Sage Publications.

Springate, Ian; Atkinson, Mary; Martin, Kerry. (2008). *Intergenerational Practice: A Review of the Literature*. LGA Research Report F/SR262. Slough: NFER.

Schutt, Russel. K (2012). *Investigating the Social World: The process and practice of research* (7<sup>a</sup> ed.). USA: Sage Publications. [http://jefftirshfield.com/wp-content/uploads/2017/12/Investigating-the-Social-World\\_Schutt.pdf](http://jefftirshfield.com/wp-content/uploads/2017/12/Investigating-the-Social-World_Schutt.pdf) [6 de Abril de 2018].

Sousa, Sónia et al. (2012) *As Instituições Particulares de Solidariedade Social num contexto de crise económica*. Portugal: IPI Consulting Network Portugal.

Teiga, Sara. (2012) *As relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas – envelhecer numa sociedade não stop – o território multigeracional de Lisboa Oriental*. Tese de mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Instituto Politécnico de Lisboa.



<http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2270/1/As%20rela%20c3%a7%20c3%b5es%20intergeracionais%20e%20as%20sociedades%20envelhecidas.pdf> [9 de Março de 2018].

Tenório, Fernando G. et al. (2008) *Gestão comunitária: uma abordagem prática*. Rio de Janeiro: FVG.

Trent, C., Glass, C. & Crockett, J. (1979). Changing adolescent 4-H Club members' attitudes toward the aged. *Educational Gerontology*, 4(1), 33-48.

Todaro, Mónica A. (2008) *Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos*. Tese de doutoramento em Educação. Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251808> [18 de Maio de 2018].

Ventura-Merkel, Dan, C. & Liddoff, L. (1983) “*Program Innovation in Aging: Community Planning for Intergenerational Programming*”. Washington DC: National Council on Aging.

Age friendly Edmonton (2013-2017) *Intergenerational Programming Toolkit*

Vieira, Sacha C. L. (2010) *Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3703/1/240600.pdf> [7 de novembro de 2017].

Viegas, Susana. M. & Gomes, Catarina A. (2007). *A Identidade na Velhice*. Porto: AMBAR.

Villas-Boas, Susana; Oliveira, A; Ramos, N; Montero, I (2015). Elaboração de programas intergeracionais: desenho de perfil comunitário. *Educação, Sociedade & culturas*, (44) 31-47)

Wacker, Robbyn R.; Roberto, Karen A. (2002). *Community resources for older adults: Programs and Services in an Era of Change* (2a ed.) California: Sage Publications, Pine Forge Press.

Walker, Alan (2006) “Active ageing in employment: its meaning and potential” *Asia-Pacific Review*, 13 (1), 78 – 93.

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13439000600697621> [7 de novembro de 2017].

Whitehead, India; Kandirikirira, N., and McCollam, A. (2006). “*Bringing Generations Together: Community Well-Being in West Lothian*”. Edinburgh: Scottish Development Centre for Mental Health. <http://www.sdcmh.org.uk/publications/pgs/projectreports.html> [6 Maio, 2018]

## APENDICES

### APENDICE 1 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Trabalho de investigação

**AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS PELO OLHAR DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS, IDOSOS E CRIANÇAS**

Exmo(a). Sr(a). Presidente

Graciete da Silva Soares, na qualidade de mestranda em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo (Universidade Coimbra), venho por este meio, solicitar a Vossa Exa. Autorização para realizar no (Local a definir) o Estudo de Investigação **“As relações intergeracionais pelo olhar das instituições sociais, idosos e crianças”**

O objetivo geral do estudo trata-se de identificar a Percepção e envolvimento dos profissionais de instituições sociais, dos idosos e crianças perante projetos com atividades intergeracionais.

A amostra será recolhida em diversos locais da zona centro de Portugal.

Para tal, gostaria de solicitar a sua autorização e colaboração para recolher dados dos utentes nas suas plenas faculdades mentais. A recolha de dados será realizada com a realização de um jogo entre idosos e crianças no qual ambos irão estar em plena interação.

Certa que o seu contributo me irá ajudar a desenvolver este estudo, agradeço antecipadamente a sua colaboração e disponibilidade.

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Eu \_\_\_\_\_, responsável do(a) \_\_\_\_\_, autorizo/não autorizo a recolha de dados no âmbito do estudo de investigação **“As relações intergeracionais pelo olhar das instituições sociais, idosos e crianças”**.

Presidente: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_ que delega o estudo: \_\_\_\_\_  
(Graciete da Silva Soares)

APENDICE 2 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO - 1ª  
TENTATIVA

**Convite para participação em investigação – Primeira tentativa**

Boa tarde Exm. Sr.

Chamo-me Graciete Soares.

Contacto-vos porque me encontro a iniciar um estudo, na Universidade de Coimbra, relativo às Percepções que os Profissionais da Área Social têm acerca das Práticas Intergeracionais.

Neste sentido, solicito a possibilidade de contactar (presencialmente ou por telefone) com os profissionais que fizeram ou façam parte de projetos que envolvam crianças e idosos. É possível disponibilizarem-me esse apoio?

Serei o mais breve possível nesse contacto.

Grata desde já pela atenção.

Com os melhores cumprimentos,

Graciete Soares

-----

## APENDICE 3 - GUIÃO DE ENTREVISTA

### Guião de Entrevista aos profissionais

Questões a colocar:

1. Há quanto tempo exerce funções na Instituição?
2. Qual o número de utentes que atualmente frequenta a instituição?
3. Quando se iniciam as PI na Organização? Qual o motivo? De onde surgiu a maior vontade?
4. Qual a frequência destas Práticas Intergeracionais?
5. AS PI encontram-se integradas no Plano Anual de Atividades?
6. Como decorre a fase de planificação das PI? Quais as PI?
7. Nas fases de planificação e execução, o trabalho multidisciplinar está presente?
8. Opiniões da equipa quanto às PI? Unanimidade?
9. Qual a formula para o sucesso de uma PI? E quando se falha?
10. Surgem os sentimentos negativos dos participantes, no decorrer?
11. Como entende que as PI influenciam o idoso e a criança?
12. Quais são as maiores dificuldades que encontra na execução das PI?
13. Qual é o retorno profissional e pessoal pela participação em atividades intergeracionais?
14. As PI são detentoras de influencia na organização? Que tipo de influencia trazem perante a sociedade?
15. Daquilo que pode observar ou aferir, como são vistas as PI pelos individuos próximos dos utentes? Os individuos próximos dos utentes, como vêm estas práticas?
16. Quais são as questões emergentes associadas às PI?
17. Como decorre a fase da avaliação?

APENDICE 4 - ANÁLISE DE CONTEÚDO: EIXO 1 - "VIVÊNCIAS NA INSTITUIÇÃO E TRABALHO MULTIDISCIPLINAR"

Categoria	Subcategoria	Exemplos	N
<p>A. Percepções quanto à envolvente de execução das Práticas Intergeracionais</p>	<p>A1. A) Aspectos cruciais</p>	<p><b>Magnolia:</b> <i>“A atividade tem que ser criada com a finalidade de se demonstrar a ambas as gerações que a igualdade existe ou pode mesmo existir. basta termos compaixão uns pelos outros.”</i></p> <p><b>Sunflower:</b> <i>“Um dos pontos que facilita a preparação é sabermos que se cria uma ligação automática entre as crianças e os idosos e os nossos animais. sabemos disso e já por isso somos uma instituição “kidsfriendly” (risos).</i></p> <p><b>Angelonia:</b> <i>“os animais são os facilitadores de contato no primeiro impacto”.</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>as atividades que estão no plano anual de atividades são as festivas como magustos, natal e por isso a planificação não é muita... quanto ao meu projeto, este ano não é necessário ser planificado. A atividade é sempre a mesma... acontecendo de 15 em 15 dias.</i></p> <p><b>Tithonia:</b> <i>“desde que cheguei cá há 18 anos que estas atividades fazem parte, essa junção foi acontecendo na instituição visto termos as duas valências no mesmo espaço físico muito próximo do pré-escolar e lar/centro de dia...”</i></p> <p><b>Lothus:</b> <i>“Á fase da planificação da atividade, definimos bem os objetivos, a forma como vai decorrer porque por experiência propria sabemos</i></p>	<p>13</p>

		<p><i>que se não for tudo organizado e forma particular para cada tipo de atividade não irá correr bem.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Temos planificação específica para as PI... para nós só assim é possível. Um PI tem que apresentar princípio meio e fim, para que realmente se possa retirar a máxima vantagem para os idosos, para as crianças e para nós enquanto profissionais”.</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“penso e elaboro estratégias de preparação dos idosos para aquele primeiro impacto com as crianças, para as questões dos barulhos ...”</i></p> <p><b>Baru:</b> <i>“temos a nossa planificação anual onde estão inseridas as PI, sendo que muitas vezes são acrescentadas outras e tentamos nunca recusar porque trabalhamos na base do cultivo da “relação” interinstitucional... e também porque o devemos aos nossos idosos: eles são ávidos de conhecimento e de partilha.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Nós temos o cuidado de “ok vamos fazer um magusto intergeracional, mas não é m evento em que estão os idosos sentados num sítio e os miúdos noutra sítio e já é intergeracional porque estão lá os dois grupos... Não! Tentamos ao máximo envolver as duas gerações, pensando em atividades que o tornem possível... o nosso cuidado principal é: como é que eles vão estar envolvidos?”</i></p>	
--	--	---	--

		<p><b>Cedrela:</b> <i>“Quando preparamos é com o pensamento de que é para envolver mesmo... não é apra fazer de conta!”</i></p> <p><b>Salix:</b> <i>fazemos uma planificação semanal porque estamos a trabalhar na casa dos outros, com pessoas com necessidades especificas. Sem essa planificação eu não conseguiria trabalhar da mesma forma.”</i></p> <p><b>Jatubá:</b> <i>“são atividades planificadas tanto por nós como pela escola... porque já trabalhamos isto há bastante tempo..., portanto elas não acontecem por acaso, são bem programadas... temos várias reuniões durante o ano, em que programamos tudo, todas as datas e o que se vai fazer.”</i></p>	
A1.	B) falta de metodolog ia e pensament o estratégico	<p><b>Tulip:</b> <i>“Não temos uma metodologia especifica... são envolvidos todos os técnicos na preparação, execução e finalização da atividade.”</i></p> <p><b>Magnolia:</b> <i>“(risos) Talvez devesse ser uma atividade estrategicamente definida, mas não o é... planeamos as atividades conforme o que consideramos ser pertinente sem nenhum método ou modelo... é algo a pensar.”</i></p> <p><b>Tithonia:</b> <i>“Uma atividade que não correr bem foi uma atividade que fizemos durante um ano, na hora e almoço. Uma criança e um idoso almoçavam juntos – 2 crianças e 1 idoso - ..., contudo algumas crianças tinham medo porque os idosos insistiam muitos com elas para comerem e uma altura um senhor “picou” um menino no braço, a brincar como forma de incentivo apra ele comer... eles começaram a ganhar medo... Mesmo assim não</i></p>	5



		<p><i>desistimos logo, mas com o passar do tempo fomos percebendo que não resultava, que os idosos não conseguiam aceitar aquelas crianças que comiam pouquinho e criava-se ali um mau estar... í reunimos, fizemos a avaliação, ponderamos e percebemos que tínhamos que eliminá-la.</i></p> <p><b>Castanea:</b> <i>“Não há esse rigor de planificação das atividades com fichas padronizadas, com dossier pedagógico... a dinâmica do pelouro tem vindo a obter muitas atividades, somos chamados para projetos sem estarmos à espera”</i></p> <p><b>Dina:</b> <i>“Por incluírem duas gerações estas atividades exigem que dispensemos mais tempo na sua elaboração e preparação uma vez que tem que ser pensada de forma a suprir as necessidades dos nossos idosos e que capte a atenção das crianças”.</i></p>	
	A1. C) Multidisciplina riedade de	<p><b>Tulip</b> <i>“Os vários profissionais – educadores, auxiliares, direção técnica, fisioterapeuta, participam na planificação das atividades... sabe, torna-se enriquecedor porque existe uma grande partilha de conhecimentos e troca de ideias”</i></p> <p><b>Magnolia:</b> <i>“Muitas vezes são os idosos em conversas informais que nos dão ideias para atividades, algumas incluem crianças claro... depois em equipa criamos a atividade, partilhamos sugestões e chegamos a consensos.”</i></p> <p><b>Sunflower:</b> <i>“O trabalho em parceria é contínuo, eu e o colega na condução e os estagiários e voluntários envolvem-se imenso.”</i></p>	15

	<p><b>Diascia:</b> <i>“O programa intergeracional é sempre feito com a diretora técnico pedagógica, com a animadora sociocultural com a diretora técnica.”</i></p> <p><b>Acacia:</b> <i>“Todas as atividades englobam trabalho multidisciplinar. os colegas de áreas distintas (por exemplo auxiliares) não compreendem o fato de perdermos tempo na planificação e execução das atividades visto q muitas delas nem duram uma hora, dizem que mais valia não as fazer.”</i></p> <p><b>Annona:</b> <i>“... pode ser comparado ao jogo do dominó. Na minha opinião ao jogar-se ao dominó está-se a estimular a memória, o movimento, a troca de olhares... que são só benefícios! Para outros o jogo do dominó não significa nada disto... ou seja tudo se torna fácil se soubermos aceitar que existem diferentes perspetivas e diferentes tipos de pessoas, e que as suas visões também nos podem trazer algo a nível pessoal e profissional.”</i></p> <p><b>Lotus:</b> <i>“A equipa reúne semanal e mensalmente e todas as atividades são discutidas, com partilha de opinião por parte de todos os técnicos...”</i></p> <p><b>Tithonia:</b> <i>“Cada valência planeia as suas atividades com a sua equipa e quando são atividades comuns reunimos para a partilha da sugestão, de como vai decorrer, dias espaço horas...”</i></p> <p><b>Clover:</b> <i>“Não somos muitos e funcionamos muito na mesma linha. até a creche, a Cristina educadora... houve muitas coisas que ela já fez de caracter intergeracional... ela faz todos os anos a semana do livro e os idosos constroem sempre uma</i></p>
--	---

		<p><i>história e vão lá contar às crianças. trabalhamos muito bem”.</i></p> <p><b>Aster:</b> <i>“Já está tão intrínseco esta intergeracionalidade, todos trabalhamos com tanto gosto, q as vezes nem nos lembramos que está a ser intergeracional.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>Reunimos para criar as atividades, reunimos antes de reunir com as crianças e idosos para que eles deem ideias (isto em setembro e depois em fevereiro), e reunimos no fim com análise swott”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Há um trabalho multidisciplinar e toda a gente concorda. porque vivemos cá numa filosofia da promoção de “relações” e quem vem para cá ou se integra nessa lógica ou não irá continuar por cá muito tempo (risos).”</i></p> <p><b>Baru:</b> <i>Eu sinto q as IPSS necessitam de projetos q as leve a sair um bocado fora da caixa e fora da instituição porque isto permite contacto com outras pessoas ideias formas de trabalho.”</i></p> <p><b>Ficus:</b> <i>“Eu e a colega animadora sociocultural entendemo-nos muitos bem, partilhamos ideias e fomos criando diversas atividades.”</i></p>	
A2. D) Entraves/Inquietações		<p><b>Diascia:</b> <i>“Do projeto 100gerações, tanto as crianças como os idosos gostam, surge um elo de ligação. Mas as educadoras propuseram que este acontecesse apenas uma vez por mês, contudo eu insisti que fosse de 15 em 15 dias. e não era esse o meu objetivo apenas! De qualquer das formas temos que conseguir conciliar os recursos, opções,</i></p>	13

*objetivos que cada um tem e não vale a pena criar atritos... aos poucos vai-se tentando...”*

**Diascia** *“Sinto que às vezes... eu vou ser muito honesta, é como se me estivessem a fazer um favor (por estarem a participar na PI), principalmente a parte da infância! Tenho a sensação... elas colaboram. mas às vezes tenho quase que implorar. quando eu sinto que se eu fosse educadora fazia-me todo o sentido passar esses valores do respeito. compreensão. Assim. qual é a minha predisposição? Parece mesmo que me estão a fazer um favor, eu gostava muito que aparecessem para a atividade espontaneamente. E pode perguntar noutras entrevistas. até podem dizer-lhe que corre tudo bem por questão do politicamente correto. mas a reação espontanea deve ser como a minha! E eu gostava de saber porquê...”*

**Diascia:** *“Na área social. toda a gente tem muito medo que alguém lhe roube o lugar ou que alguém fique com a sua ideia e faça disto uma coisa “uau” mirabolante... vamos pensar honestamente: qual é o problema de partilhar o que é bom? Toda a gente tem lugar. As coisas boas devem ser partilhadas! Porque o curso toda a gente tem ou vai tirar, a diferença vê-se na capacidade que se tem de dar e receber.”*

**Mimosa:** *“A abertura da infância é muito menor do que a abertura da terceira idade. Não pelas crianças, mas se calhar pelos educadores porque as crianças é uma questão de incentivo e motivação e se elas não estão recetivas é porque não se formam neste sentido. Essa é a barreira principal*

*a meu ver... Para os educadores é fácil no sentido de que é só mandar brincar, brincam sozinhos, não se cansam. se calhar para elas é uma percentagem tão pequena o que eles levam da partilha com o idoso... tenho pena que no geral não haja mais abertura para o trabalho em conjunto!”*

**Mimosa:** *“Regra geral: quem tem vocação para trabalhar com crianças não gosta de trabalhar com idosos. se calhar na formação deles foi pouco ou nada explorada esta vertente do contacto interoperacional e pode partir um pouco daí... e depois também existem as questões pessoais!”*

**Annona:** *“Os colegas de áreas distintas (por exemplo auxiliares) não compreendem o fato de perdermos tempo na planificação e execução das atividades visto q muitas delas nem duram uma hora, dizem que mais valia não as fazer.”*

**Acacia:** *“Eu acho que o que cada pessoa é, a sua personalidade é essencial para este tipo de trabalho. Ou seja, quando as pessoas vêm o idoso com desprezo, não lhes faz sentido este tipo de atividades.”*

**Annona:** *“não considero que haja unanimidade entre profissionais quanto ao PI.”*

**Lotus:** *“Daquilo que nos é dito diretamente sim, todos acham as atividades importantes. mas nem sempre as pessoas mostram a mesma disponibilidade, se forem atividades fora do horário laboral ou a sua planificação. existem algumas pessoas que mostram algum desagrado,*

*contudo, nós somos persistentes (risos) e vamos sempre conseguindo fazer-las...”*

**Tithonia:** *“Eu acho sinto que os mais velhos a trabalhar cá estão sempre disponíveis porque chegaram na altura do crescimento, fizemos isto crescer e temos espírito de sacrifício, de família. os mais novos não são tanto assim. parece que querem fazer o mínimo. mas como coordenadoras fazemos essa gestão e as coisas acontecem!”*

**Dietes** *“Dentro da instituição, não há trabalho multidisciplinar... eu sou a única da área social para mais de 45 idosos... algo que devia ser mudado. como é lógico eu faço o mais que posso no trabalho com as escolas e depois nas atividades internas, mas sozinha é muito menos enriquecedor”*

**Baru:** *“Um animador vai fazer isto e aquilo com um objetivo, não só por fazer. pelo menos não deve fazê-lo. mas nota-se que muitas vezes as coisas são feitas sem existir grande pensamento e fundamento por trás.”*

**Sunflower:** *“A atividade intergeracional carece sempre de um tempo redobrado para a planificação porque tem que ser tudo pensado a fundo, e a organização na prática é muito demorada.”*

**Jonquil:** *“São atividades mais demoradas. temos que reunir com a escola. planejar a atividade entre instituição é fácil, quando já engloba as crianças/escola torna-se mais complexo...”*

	<p>A1. E) Relevância da multidisciplinariedade</p>	<p><b>Tulip:</b> “... sabe, torna-se enriquecedor porque existe uma grande partilha de conhecimentos e troca de ideias.”</p> <p><b>Jasmine:</b> “Acho que anteriormente havia muito mais dificuldade em implementar, muito embora existisse sempre o plano intergeracional, na prática não era intergeracional. Já notei maiores barreiras quer por parte dos educadores quer por parte das auxiliares e das próprias crianças, até dos idosos. neste momento tudo tem melhorado muito e trabalhar em equipa é cada vez mais vantajoso apra todos.”</p> <p><b>Aster</b> “A divergência de opiniões é importante e ajuda-nos a ser melhores. As vezes divergimos porque cada valência olha maioritariamente para a influencia da atividade “nos seus” ..., mas acabamos sempre por chegar a consenso. às vezes é bom sermos levados a refletir num todo.”</p> <p><b>Aster:</b> “A diretora técnica é a impulsionadora. É através dela que isto tudo começa. E eu moldei-me a esta espécie de microclima que existe aqui. também defendo isto de envolver as pessoas, se é para fazer vamos fazer!”</p> <p><b>Castanea:</b> “Temos boa relação com as instituições... uma relação próxima com eles. Sermos um município pequeno também ajuda. felizmente temos conseguido trazer para os projetos a dinâmica destas instituições. Existe a motivação de trabalhar com colegas e públicos diferentes.”</p>	7
--	--	---	---

	<p><b>Jonquil:</b> <i>“As atividades são interdisciplinares... vários técnicos da instituição: animadores, gerontologa social, psicomotricista, terapeuta da fala, portanto é toda uma equipa que se reúne para desenvolver as atividades. Porque sempre que as desenvolvemos ela engloba várias dimensões da pessoa. ... é importante para nós. eu sou Animador Sociocultural, mas eu tenho limites em várias áreas.”</i></p> <p><b>Sunflower:</b> <i>“Por exemplo, as crianças dos idosos que participaram no vídeo-clip com o Agir passam a ter um orgulho no avo e dizem na escola segundo nos contam: “o meu avô faz video, a minha avó é outubro.”</i></p>	
--	--	--



APENDICE 5 – ANÁLISE DE CONTEÚDO: EIXO 2 – “NÍVEL DE ENVOLVIMENTO, INFLUÊNCIA E LIMITES – O EU E O OUTRO”

Categoria	Subcategoria	Exemplos	N
B. Percepção sobre a influência das Práticas Intergeracionais	B1. A) Idoso	<p><b>Tulip:</b> <i>“Aquele sentir da felicidade do idoso, o idoso sente-se capaz. nota-se que se gera um sentimento de respeito por parte da criança sentido pelo idoso.”</i></p> <p><b>Sunflower:</b> <i>“Todo um encantamento que as crianças lhe trazem... pela recordação de quando eram mais novos. isso traz bons sentimentos e nostalgia.”</i></p> <p><b>Angelonia:</b> <i>“Mas os idosos criam é uma ligação forte com as crianças que fazem parte da instituição (filhos e sobrinhos dos funcionários). é uma ligação de amor, de preocupação, de saber datas de aniversário, quando voltam ao centro ou não.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“No fundo é trazer-lhes energia... é algo mais difícil de terem na idade deles. uma alegria quase genuína que as crianças nos transportam e nós na maior parte das vezes já não temos... mesmo nós já não temos essa alegria tão genuína, um olha tão simples para as coisas como eles têm... também é importante na medida em que conseguem sentir-se valorizados porque conseguem transmitir e ensinar-lhes alguma coisa. as vezes só o olhar... nós costumamos dizer q</i></p>	17

*tudo o que é pequenino nos dá vontade de acarinhar, transmite ternura. com este contacto acredito q muitos deles se lembrem dos netos, filhos. acredito que transmitam alegria quase intrínseca... e depois a interação é gira!”*

**Diascia:** *“Como psicóloga sinto que é um impulsionador do seu bem-estar emocional, social com a interação positiva, nem sempre são positivas. e aqueles 45min são uma interação positiva com pares, com criança. os sorrisos. A nível do humor há aqui uma vantagem muito grande... eu sou assim um veículo condutor e aquilo acontece. sinto q a nível da socialização, diminuição de certa sintomatologia dá redução de ansiedade e depressão... é obvio que quando estamos a falar de idosos muitas vezes o impacto é mais momentâneo, mas é preferível que seja momentâneo. uma semente num dia e amanhã voltasse a tentar... o meu objetivo é me este sentido. e também a nível das memórias, do funcionamento cognitivo. Porque esta atividade permite mexer com a parte da atenção: memória concentração músicas gestos e também desta interação com os pequeninos porque eles podem lembrar-se dos netos, de danças e músicas que cantavam e também há espaço apra essa partilha.”*

**Mimosa:** *“Os mais dependentes só o sorriso deles, a cara de espanto e satisfação vale*

*mais do que qualquer atividade, não vale a pena... vale muito mais! é o que lhes faz sentido, trazer-lhes um bocadinho de alegria, um momento diferente. por isso eu acho que traz benefícios a vários níveis dependendo adulo que é o grau de dependência dos idosos, se é autônomo... dança, há convívio, interação... nos mais dependentes traz outro tipo de benefício. para mim é fantástico e tenho pena que no geral não haja mais abertura para o trabalho em conjunto! Às vezes até lancharem todos. porque não? mudar rotinas, interação das rotinas..."*

**Jonquil:** *"Eles adoram crianças. Temos aqui o almoço de natal, os idosos almoçam com as crianças, festa de natal em que os idosos participam na festa com as crianças com músicas, baile em que as crianças dançam com eles."*

**Moonflower:** *"Nos aqui fazemos muitas PI, o JI. os utentes gostam muito. apartir do momento que vimos que eles gostavam, fazemos muitas. Há uma grande interação entre ambos. muitos tem netos, relembram algumas coisas que faziam com os netos. outros sem contacto com netos, acabam por ter essa ligação. e gostam bastante... e incentivamos... agora vamos criar uma atividade que é um workshop que são os utentes que vão dar nas escolas. Invertemos as coisas, os utentes vão eles próprios ensinar as crianças. Ganhar sentimento de*

*utilidade. É ser professor informal. idosos que se sentem frustrados, pensam que não sabem nem servem para nada. as pessoas precisam de partilhar o que sabem e nós precisamos de saber isso. Com as crianças os idosos ficam melhores, mesmo em dias piores. com as crianças animam-se logo.”*

**Annona:** *“Quanto aos idosos, é neles que eu vejo o grande impacto destes programas! A todos os níveis. Pode ser o idoso mais sério e desmotivado, quando s crianças estão nas atividades todos, mas todos alteram a sua atitude, o olhar...”*

**Tithonia:** *“Alegria, alegria, alegria. É isso que traz aos idosos. Puxa por eles a vários níveis, mas na minha visão a principal vantagem é a alegria que se vê no sorriso, no olhar, na reação positiva imediata sempre que vem as crianças.”*

**Açacu:** *“os idosos na nossa sociedade... a criança é o centro e o idoso acaba por ficar um pouco mais à margem da família... este tipo de coisas faz com que o idoso perca a valorização pessoal e acabam por nem querer ir passear por exemplo. Cá os idosos conseguem estar o tempo que quiserem com aquela criança, sem ter alguém só de volta da criança e não dele. Ali estão a partilhar unicamente. as vezes não tem essa hipótese em casa!”*

		<p><b>Ficus:</b> <i>“Para o idoso: mais vontade de viver! Se lhes falarmos que as crianças vêm parece que toda a expressão muda, é positivo e assustador até.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“Mostram-se motivados e participativos. tudo o que envolva crianças eles gotão imenso... eles demonstram gostar destes encontros. Mas eu digo-lhes que não é fácil por parte da escola estar a organizar sempre... pedimos para as crianças virem cá quando estão de férias. temos uma menina q a mãe veio cá pedir para ela vir cá fazer uma horinha de conto para os nossos idosos – ela anda no 2º ano, mas quer vir! E é uma das meninas q ainda não estamos a trabalhar, mas ela quer e vem cá... os nossos idosos pedem essas atividades. adoram quando ela vem cá visitar. Houve uma altura que vieram cá umas alunas apresentar aulas de violino/viola e eles estavam delirantes e impressionadíssimos.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“Muito gratificantes, muito positivos. Tudo o que envolve relação, a maioria do grupo adere. Eles gostam muito de mostrar e de aprender. Gostam de viver.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“Laços de afeto, de amizade que se criam q depois não se esquecem. Tanto os idosos como o menino. Nenhum esquece.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Para o idoso traz sempre sentimentos positivos e eles estão sempre recetivos:</i></p>
--	--	--

		<p><i>tornam-se mais ativos, reavivados, mais entusiasmados.”</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“Idoso: golfada de ar fresco: idosos vê a juventude. é o renascer da vida.”</i></p> <p><b>Guava:</b> <i>“Sabem que nunca é sempre a mesma coisa. acho que é importante eles sentirem isso. há sempre um bocado o efeito surpresa. os idosos treinam e querem fazer bem feito para as crianças. “</i></p> <p><b>Palm- tree:</b> <i>“Existe um desejo quase natural de reviver aquele percurso de gravidez, do ver crescer... começam a ter saudades. e surge essa necessidade de estar próximo das crianças. mas também acho que isto tem a ver com o facto de a paternidade ter sido muito importante para mim.”</i></p>	
	B1.B) Criança	<p><b>Tulip:</b> <i>“Sentimento de “o idoso é capaz” por parte da criança”.</i></p> <p><b>Mimosa:</b> <i>“Juntam-se de 15 em 15 dias e é espetacular... as crianças já sabem tudo das danças”</i></p> <p><b>Tulip:</b> <i>“Estas atividades podem torna-la num ser humano com melhores valores – sob pena de sabermos que quando vão para a primária estes laços possam ser cortados e eu gostava que continuassem... vivemos numa sociedade em que o idoso ainda não é visto como alguém de valor e é preciso mudar isto”.</i></p>	16

		<p><b>Angelonia:</b> <i>“Crianças essencialmente a desmistificação da velhice... já tivemos crianças que chegaram com nojo e saíram a dar-lhes abraços”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“Nas crianças a longo prazo influência na sua educação, na sensibilidade deles porque é normal que eles quando não conhecem um adulto sendo adulto seja qual a faixa etária para eles é estranho porque é uma pessoa diferente ainda por cima porque os idosos a maioria das vezes têm patologia associadas que para eles cansa certo constrangimento medo se calhar porque o desconhecido causa no medo.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“É preciso permitir-lhes que fiquem um pouco mais sensíveis à condição do outro. Não é criar laços como se fossem avós deles, mas é criar amizades. Permitir contacto com geração diferente com saberes diferentes, estimular-lhes a curiosidade. esta ligação humana é importante seja qual for a idade...”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“Com as crianças sinto que é muito a sensibilização apra a diferença, a estimulação emocional. que são pequeninos, mas que me faz todo o sentido. e sinto q também em termos culturais e dá-lhes aqui a oportunidade de conhecer músicas tradicionais que se não fosse esta atividade ninguém se lembra de lhes cantar música destas. “</i></p>
--	--	---

**Castanea:** “*Sim. eu acho que estamos a falar basicamente de uma questão de educação. é importante que haja uma formação para que haja respeito por cada pessoa independente de faixas etárias. É então determinante que ... 1º a família a educar a criança para a coexistência de várias gerações. nem idosos nem criança podem ser dissociados das outras faixas etárias. Ambos precisam e ter o seu papel! Em 2º a escola e as autarquias... e aí entram estas projetos intergeracionais numa perspetiva educativa. Todos tem que ser valorizados independentemente de alguma limitação própria da idade. Precisamos de perceber que os idosos são os anciãos! Estamos aqui a falar de valores! As crianças têm que ganhar esses valores! Este é um deles e fundamental!*”

**Jonquil:** “*As crianças adoram estar com os idosos. elas adoram, agarram-se a eles, fartam-se de dar beijos.... até mais do que os idosos às crianças. As crianças ficam doidas quando “vem os velhinhos” ... o que eu tenho reparados é que os idosos querem, mas as crianças principalmente as da infancia agarram-se mesmo. não tenho visto crianças q não o queiram fazer. O que seria compreensível. Mas elas têm muito apreço pelo idoso.*”

**Moonflower:** “*As crianças muitas das vezes estão tão habituadas nesta ligação. há muito respeito. tratam-nos as vezes por avós. muita*



		<p><i>entre ajuda. vem logo para os ajudar a sair da carrinha. as crianças tornam-se algo super normal. torna-se tudo normal. todos recebem super bem. Os utentes ficam supercontentes. há uma ligação.”</i></p> <p><b>Acacia:</b> <i>“Ambos são influenciados... as crianças adquirem conhecimentos extraordinários e é importante para elas conhecerem a velhice, verem os problemas dos idosos e aprenderem a normalizar: por exemplo – uma vez um menino estava junto de um idoso e esse senhor têm alguma dificuldade em falar. então o menino pergunta diretamente ao idoso: porque não falas direito? O senhor veio ter comigo a pedir-me para o ajudar porque não sabia como responder à criança... eu fui lá e expliquei-lhe assim: estás a ver uma bicicleta? Vais a andar nela, a corrente sai. a bicicleta naquele momento fica estragada, mas se deres ali um jeito, dá para a compor mesmo que não fique totalmente igual. (O senhor teve um AVC). Apartir dessa explicação o menino continuou o jogo da plasticina com o senhor e até hoje são amigos e sempre que se encontram em atividades, ambos se dirigem um ao outro. Depois também aprendem a nível cultural: músicas antigas, jogos antigos, formas de jardinagem antigas(...) tudo isto é importante para a construção social destes meninos!”</i></p>	
--	--	---	--

	<p><b>Lotus:</b> <i>“O respeito. O respeito nas crianças. estas atividades levam as crianças a aprenderem a respeitar os idosos. hoje em dia, apesar de diversas crianças por cá terem convívio com os avós e já teres valores desse respeito. há outras crianças que não têm esse convívio, e mesmo nunca tendo por cá nenhuma situação de desrespeito, essas crianças às vezes matem-se distantes inicialmente. eu até acho que tem a ver com o facto de serem pessoas diferentes dos outros meninos diários, e então ficam desconfiadas... apartir do momento em que vão participando nas partilhas, todas as crianças até hoje passam a gerar uma boa relação, querem repetir as atividades. no jogo do Hélder pelas crianças ficavam lá horas a fio com o idoso... são diversos os meninos que chamam “Avó”. as pessoas mais velhas. temos o caso de uma menina que criou uma relação tão forte com a D.Lidia que todos os dias se abraçavam... as restantes crianças cumprimentam todos os dias, dar um aperto de mão, um beijinho... isto é promovido por nós de forma descontraída diariamente. É um trabalho diário com as crianças e que traz frutos muito positivos.”</i></p> <p><b>Cedrela:</b> <i>“Existem diferentes benefícios... o que tentamos valorizar mais a interação o convívio que leve a valorizar o idoso... como</i></p>	
--	--	--

*são pares identificam-se mais, evidente! Mas tentamos salientar o convívio!”*

**Ficus:** *“principalmente perceberem a velhice como algo normal... algumas crianças têm medo ou afastam-se no início porque eu acredito que vem com ideias pré formadas e malformadas do exterior... ao longo do tempo vão-se aproximando... e sim, um dia quando forem adultos acredito que serão adultos mais normalizadores da velhice, mesmo que mantenham algum estereotipo não será da mesma forma. porque o nosso trabalho acaba no pré-escolar. toda a ideia errada que ainda permanecesse tinha que ser eliminada nos patamares seguintes e eu não sei se isso já é feito nas escolas, secundárias, universidades...”*

**Dietes:** *“Ele tem muito respeito pelos seniores. ficam muito caladinhos sossegadinhos a ouvir com mta atenção não fazem barulho... do nota-se que quando saem para o recreio fazem muito barulho. mas lá dentro estão caladinhos. Sabem q o nosso idoso já tem alguma idade e que tem que se fazer silencio apra os idosos conseguirem ouvir. Ficam concentrados e atentos. captam muito bem toda as informações que são ditas... as crianças ficam muito empolgadas.”*

**Dietes:** *“Estes convívios são têm benefícios para as crianças aprenderem estas*

		<p><i>brincadeiras antigas não ficando só com tecnologias que são também tão positivos. sem estas atividades, estes jogos perdem-se muito.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Para as crianças, ajuda na desmistificação da velhice. agora no carnaval temos uma atividade onde fazemos uma sessão fotográfica com criança e idoso em conjunto. os idosos como não querem mascarar-se arranjamos esta solução, sempre com vista à promoção.”</i></p>	
<p>C. Percepção dos constrangimentos aliados às PI</p>	<p>C1. A Limitações</p>	<p><b>Tulip:</b> <i>“Mesmo não vendo limites diretos. posso encontrar duas questões que dificultam esta junção. O primeiro é que os educadores têm um certo receio no que toca à junção de duas gerações. O segundo tem a ver com as crianças. Por vezes as crianças mostram-se apreensivas, mas vão de livre vontade... inicialmente mostram-se desconfiadas e distantes.”</i></p> <p><b>Magnolia:</b> <i>“Às vezes os idosos cansam-se das crianças e o tempo que tiramos para a atividade acaba por se perder por falta de motivação de um dos lados.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“A predisposição dos profissionais. eu queria fazer atividade intergeracional todas as semanas. e por sugestão dos educadores só se faz de 15 em 15 dias... queriam que fosse uma vez por mês, mas eu insisti.”</i></p> <p><b>Baru:</b> <i>“às vezes temos receio de fazer e ter</i></p>	<p>30</p>

*tempo para fazer bem! Será que nos conseguimos agarrar a todos os projetos? Ter sucesso em todos? Tendo em conta que temos tantos? O nosso maior limite é este! As ideias mais estúpidas são as que mais sucesso alcançam... se não trabalharmos com a diferença, a diferença marca o sucesso.”*

**Tithonia:** *“Prendem-se com a disponibilização do tempo dos profissionais e com as distintas atividades que sambas as valências têm, nem sempre é possível fazermos tanto quanto queremos.”*

**Lotus:** *“O único entrave que pode acontecer noutros sítios é a direção. Temos essa noção! Se os superiores não concordam com este tipo de atividade será mais difícil para o técnico executá-las.”*

**Açacu:** *“É difícil. requer muito mais de nós, principalmente tempo... Para já, é necessária uma boa capacidade de improviso! Temos um plano, mas não nos podemos guiar estante! Queremos algo, temos este material e este grupo e vamos ver depois como funciona. vemos o que gostam mais e focar mais nisso.”*

**Fiscus:** *“As maiores dificuldades é mesmo manter as nossas crianças focadas.”*

**Alder:** *“Limites das rotinas do idoso. Temos que nos adaptar. muitas vezes quem nos visita, tem as rotinas e tem que regressar por*

		<p><i>causa do transporte por exemplo... tem a ver com limites da organização da instituição. Temos que nos adaptar a quem nos visita.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“A avaliação não é feita de forma pormenorizada dentro da instituição, porque existe falta de técnicos. o que leva a uma sobrecarga direcionada para mim e do lado da escola com quem fazemos as atividades intergeracionais é exatamente a mesma situação. então cada um faz a sua avaliação”.</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“O aspeto menos positivo nesta partilha é que se houver um trabalho bem feito na escola, correrá tudo muito bem. o que pode acontecer é que algumas crianças vêm cá vem os idosos mais debilitados e s não explicar aos idosos antes, o choque pode ser”</i></p>	
		<p><b>Tulip:</b> <i>“A maior dificuldade é muitas vezes encontrar atividade que agradem a ambos – principalmente os idosos que ficam mais relutante por vezes... é sempre difícil encontrar atividades agradáveis para tempos tão diferentes, contudo é possível.”</i></p> <p><b>Guava:</b> <i>“Mas com as crianças No início é difícil, mas depois já te torna normal... é um incentivo feito da nossa parte. as crianças depois aderem... depois já é um hábito.”</i></p>	

		<p><b>Magnolia:</b> <i>“Conseguir manter o interesse pela atividade pelas duas gerações e principalmente manter a organização e coordenação. não é fiel as crianças dispersam com qualquer coisa, vêm sempre grupos grandes e é uma tarefa difícil.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“O facto de cá serem muito dependentes dificulta tudo.”</i></p> <p><b>Jasmine:</b> <i>“Acho que anteriormente havia muitas dificuldades em implementar, muito embora existisse sempre o plano intergeracional, na prática não era intergeracional. Já notei maiores barreiras quer por parte das educadoras quem por parte de auxiliares e proprias crianças e idosos... neste momento acho que está melhor.”</i></p> <p><b>Annona:</b> <i>“Por mais que a atividade seja muito bem planeada, muitas vezes sentimos que perdemos um pouco o controlo da atividade. porque os idosos e as crianças facilmente se cansam. Então quando damos por nós a atividade que supostamente ia a meio, convém que termine por saturação”</i></p> <p><b>Acacia:</b> <i>“Ficamos saturadas quando estas atividades falham e falham muitas vezes... principalmente porque ambas temos uma sobrecarga de trabalho a vários niveis... isso leva a que quando estamos nestas atividades e percebemos que nem está a ser assim tão benéfico. saturamos. e falámos em tom de</i></p>
--	--	---

		<p><i>brincadeira que mais valia termos estado quietas. estou a brincar!”</i></p> <p><b>Lotus:</b> <i>“O manter a passividade, o entusiasmo. mas ao longo dos anos fomos percebendo e contornando isso experimentando novas atividades até encontrarmos as mais adequadas.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Tem que haver muito cuidado. é que com esta questão do intergeracional tem que se ter muito cuidado, tem que se pensar tudo, não pode ser feito às três pancadas... eles próprios (idosos) no início dizem “lá vem os barulhentos.”</i></p> <p><b>Salix:</b> <i>“Quem dirige respostas sociais distintas são pessoas diferentes e apesar de estarmos na mesma instituição é mt difícil haver cruzamento. Muitas vezes temos que ser nós a desbravar este terreno... pessoas diferentes com respostas diferentes na mesma instituição é muito difícil... talvez haja ali alguma competitividade... nós temos um serviço de integração, então é mais fácil para nós tentar entrar nas instituições”.</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“A minha maior dificuldade é conseguir gerir quando a atividade planeada não corre como previsto. vou sempre refletir se fui eu que falhei, ou se teve a ver com logistica tipo de atividade, acontecimento exteriores de quotidiano.”</i></p>	
--	--	---	--



		<p><b>Guava:</b> <i>“Limitação dos idosos em termos de mobilidade. Idade media CD: 79; SAD: 83”</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“Não trabalhamos diariamente com os professores. e os profs mudam todos os anos. isto não é fácil. a única vantagem é que a prof à frente do projeto é sempre a mesma... depois coordenada com os outros profs. E essa coordenação tem que ser equilibrada por eles. Aconteceu um ano que o projeto de leitura teve parado... precisamente porque os profs desse ano não se mostraram disponíveis para vir cá.”</i></p> <p><b>Guava:</b> <i>“Para os professores também não é fácil. o prof tem que trazer uma turma inteira. também é preciso ver o lado do prof: os riscos de a criança fugir para a estrada – vêm a pé- uma vez que não têm um auxiliar com eles sequer... e é óbvio que a responsabilidade é dos professores naqueles momentos... depois há professores mais aventureiros e que têm uma motivação especial”.</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“Adaptar o assunto às crianças é difícil. Por exemplo: no projeto de leitura havia muitas histórias q os idosos querem contar, mas q depois não passam mensagem nenhuma às crianças e por isso temos que repensar e explicar isso aos idosos... Músicas com palavras por exemplo. tudo tem que ser adaptado ao tipo de turmas. sabermos se são crianças mais pacatas ou não.”</i></p>
--	--	--

		<p><b>Diascia:</b> <i>“Na semana passa um menino perguntou porque a senhora estava a babar-se e nós explicamos. eles têm curiosidades. muitos evitam olhar, causa-lhes impressão. mas ao longo do tempo as crianças tendem a normalizar, porque vai da naturalidade com que nós explicamos- o nosso estigma influencia a percepção deles. Nós somos modelos em tudo, se eu explico isto de forma normal, tudo corre bem.”</i></p> <p><b>Annona:</b> <i>“Incentivar os idosos: por exemplo eles não participam em atividade de Halloween nem carnaval, não lhes faz sentido... estas poderiam ser atividades mais fáceis para esta trocas intergeracional, mas não acontecessem porque respeitamos a vontade deles.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“As crianças chegam muitas vezes reticentes... porque aquele idoso não anda, não vê, baba-se...” mas eles depois ultrapassam isto. As crianças têm avós, mas avós ágeis! NO o estão habituados a estes idosos. “Aquela pessoa não vai fazer nada de certeza.”</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“O feedback (dos idosos) no fim é estamos cansados é muito barulho, mas dizem que querem voltar.”</i></p>	
	C1. C Nº de Participantes	<p><b>Annona:</b> <i>“Hoje em dia tentamos que o número de crianças seja mais reduzido para se igualar ao número de idosos, mas isso nem sempre é possível.”</i></p>	17

	<p><b>Annona:</b> <i>“Pequenos grupos são sempre melhores neste tipo de atividade para que se possam criar realmente ligações.”</i></p> <p><b>Cedrela:</b> <i>“O número de crianças nunca pode exceder o 30. quanto aos idosos não envolvemos sempre todos os idosos até porque há sempre outras atividades a decorrer.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Quanto maior o número de crianças mais difícil fica conseguirmos controlar... com as crianças que já estão em ATL é muito mais fácil, os pequeninos perdem-se muito”</i></p> <p><b>Cedrela:</b> <i>“Os mais velhinhos valorizam mais estas atividades intergeracionais... quando as crianças já têm entre os 8 e 10 anos funciona muito bem. São mais velhinhos, gostam de competir.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Pequenos grupos é mais fácil de trabalhar... por exemplo temos crianças que quando estão a ter em história conteúdo sobre o tempo passado, vão os idosos à sala contar um pouco das suas vivencias. também temos um idoso que vai à aula de tecnológica mexer com barro porque é algo que ele fazia... tivemos uma atividade de costura de bonecos de pano em que duas idosas que foram costureiras coziam e as crianças ajudavam na escolha de tecidos...”</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“Aliás uma das coisas que chegamos a conclusão é que trabalhar em</i></p>	
--	---	--

		<p><i>pequenos grupos não dá. Nos jogos em pequenos grupos é muito mais difícil controlar um pequeno grupo – por não termos uma pessoa por mesa... estamos duas pessoas a controlar apenas. Vários grupos pequenos só funcionam com idosos.”</i></p>	
	<p>C1.D Duração da atividade</p>	<p><b>Rose:</b> <i>“O tempo também tem que ser bem gerido. estas atividades acontecem melhora entre as 10 e 11h30 da manhã. Os idosos estão despertos e as crianças também. Depois do almoço idoso quer dormir e criança já está mais saturada”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“Não é fácil gerir esse trabalho para uma atividade de 45 min. o facto de cá serem muito dependentes dificulta tudo.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“O tempo também tem que ser bem gerido. estas atividades acontecem melhora entre as 10 e 11h30 da manhã. Os idosos estão despertos e as crianças também. Depois do almoço idoso quer dormir e criança já está mais saturada.”</i></p> <p><b>Acacia:</b> <i>“Por cá nuns temo muito tempo. O tempo de criança e de idosos é muito bem gerido e muitas vezes nem assim é possível. Idosos e crianças têm horários diferentes por estarem em locais diferentes. Dificultando esta junção.”</i></p> <p><b>Tithonia:</b> <i>“Uma altura juntávamos crianças e idosos para ver um filme, eram quatro horas juntos... as crianças no início gostaram, mas depois a meio do filme já</i></p>	<p>7</p>

		<p><i>estava distraída. e os idosos chateavam.se porque não conseguiam ouvir.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Eles próprios cansam, tem que haver um limite de tempo, tem que haver uma atividade específica. não pode ser feito as três pancadas. eles próprios no início diziam “lá vem os barulhentos”.</i></p> <p><b>Cedrela:</b> <i>“O tempo depende da atividade. mas será entre os 45min a 1h no máximo... bem o ideal são 45min”.</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Quando duram mais tempo é necessário preparar os idosos e as crianças antes... aos idosos dizer que as crianças apesar do brulho, acabam por se acalmar. e as crianças é necessário explicar q o idoso leva mais tempo, mas chega lá..., mas tempo curto é favorável apra o nosso trabalho.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Às vezes tanto o idoso como a criança saturam... e nessa altura, ou se arranjar estratégias ou se termina.”</i></p>	
	C1. E Logística	<p><b>Diascia:</b> <i>“Se eu tenho 15/20 pessoas em cadeiras de rodas. como vou conseguir levar os idosos todos para um salão e depois trá-los? Não é fácil gerir esse trabalho para uma atividade de 45 min. o facto de cá serem muito dependentes dificulta tudo.”</i></p> <p><b>Jonquil:</b> <i>“Mas o único limite são as instalações. deviam ser maiores para conseguirmos melhorar as atividades.”</i></p>	6

	<p><b>Moonflower:</b> “O fato de não ser um espaço único. isso dificulta sim..., mas fazemos na mesma.”</p> <p><b>Moonflower:</b> “O fato de não ser um espaço único. isso dificulta sim..., mas fazemos na mesma. Às vezes vêm cá as crianças da escolinha, outra vezes vamos lá nós com os idosos... outra das dificuldades é ir de encontro aos gostos diferentes de ambos, isso também é realmente difícil...”</p> <p><b>Acacia:</b> “Após planificar-se temos que passar para a parte do transporte dos nossos idosos. E essa é uma das nossas limitações. Até porque o espaço de centro de dia é pequeno para grandes grupos de crianças e o que acontecia era s crianças (que vinham em grandes grupos) tinham que ficar todas sentadinhas num cantinho e na verdade as trocas entre gerações perdiam-se.”</p> <p><b>Acacia:</b> “A logística sem dúvida. a escassez de materiais para a realização da atividade”</p> <p><b>Guava:</b> “Não termos crianças na instituição limita muito as nossas acções conjuntas... A estrutura está aqui para ter crianças e idosos... só ainda não abrimos parte de criança porque senão o centro social são jacinto ficaria em risco uma vez que não temos população apra ambos... o centro social são jacinto é mais antigo e por isso o nosso CD e SAD são os únicos autorizados pela SS.”</p>
--	--

	<p>C1. F Recursos materiais</p>	<p><b>Macadamia:</b> <i>“O transporte. Por exemplo esta semana é a nossa vez de nos deslocarmos à escola. e não temos capacidade para levar todos os idosos.”</i></p> <p><b>Fiscus:</b> <i>“E conseguir trazer os pequenos grupos. porque como os espaços são perto, mas separados. só temos uma prof. é preciso que alguém esteja disponível para vir com as crianças e alguém ficar na escola com as restantes. não é tão fácil e tão repentino assim. ... tudo isto dificulta esta partilha.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“O nosso grande limite são os recursos: os recursos materiais e financeiros porque por tudo tem custos... o livro que fizemos com as crianças e os idosos teve custos, foi feito por profissionais do museu da imprensa. que vieram cá fazer a demonstração e ficaram cá 2 dias, depois o custo da impressão de todos os livros. isso tudo tem custos que nem sempre se conseguem suportar. Quanto aos recursos humanos, como sou a única técnica: animadora sociocultural torna-se difícil conseguir fazer este tipo de atividade mais vezes. uma vez que para além do trabalho dentro da instituição faço ainda a parte do serviço de apoio domiciliário. precisamos realmente de mais recursos, isso sim.”</i></p>	<p>3</p>
--	---------------------------------	---	----------

		<p><b>Açacu:</b> <i>“Para já temos poucos recursos, e por esse motivo somos obrigados a ser criatividades. é por isso que envolvemos tanto todos os idosos. temos que inventar e criar, costurar e criar para que as atividades aconteçam.”</i></p>	
--	--	---	--



APENDICE 6 – ANÁLISE DE CONTEÚDO: EIXO 3 – “AVALIAÇÃO: FUNDAMENTAL OU DISPENSÁVEL?”

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>		<b>N</b>
D. Dimensões da avaliação	D1. A) Avaliação verbal	<p><b>Baru:</b> “A nossa avaliação é muito de equipa. falamos muito entre nós, mas não registamos – se calhar é um erro da nossa parte. falamos daquilo que correu bem e o que correu mal., mas só entre nós falando no fim das atividades.”</p> <p><b>Castanea:</b> “Verificamos o que devíamos ter feito diferente ou o que está bem assim...., mas não há um registo, só mesmo em atividades com peso maior.”</p> <p><b>Dietes:</b> “Avaliação não é feita de forma tão pormenorizada como gostaria porque faltam técnicos, falta o tempo para a fazer.”</p>	3
	D1. B) Avaliação escrita, mas breve	<p><b>Macadamia:</b> “Fazemos avaliação escrita das atividades realizadas em conjunto com as crianças.”</p> <p><b>Guava:</b> “É uma avaliação breve feita internamente e no fim do ano a professora manan nos a avaliação do que achou das atividades.”</p>	3
	D1. C) Relatório de avaliação	<p><b>Jonquil:</b> “Todas as atividades são avaliadas. Quando fazemos atividade, planificamos, objetivos, metas, indicadores, instrumentos de avaliação. seja o que for! Nem que seja jogo de dominó. Isso é tudo avaliado, melhorado. se uma atividade teve sucesso este ano não significa que para o ano vamos fazer de novo. para não cair</p>	3

		<p><i>numa rotina. fazer, mas de forma melhorada. Fazer de forma inovadora.”</i></p> <p><b>Jonquil:</b> <i>“São necessários vários técnicos. isso reflete-se nos testes que aplicamos: uma série de testes sobre várias áreas aos mais velhos. que são aplicados em janeiro com avaliação multidimensional dos idosos. aplicados por todos os técnicos. Reunimos sobre isso, adaptando as atividades a esses resultados, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida dos técnicos. – São testes científicos: testes de avaliação do risco de queda para o exemplo.”</i></p> <p><b>Clover:</b> <i>“Temos parâmetros de avaliação próprios para as atividades intergeracionais... a avaliação é feita pelos técnicos com o feedback de cada um, partilhando-se e percebendo-se o que podia ser alterado ou não.”</i></p> <p><b>Aster:</b> <i>“Este ano temos um plano de avaliações mais difícil ... uma vez que todos os meses colocamos na entrada na organização uma avaliação das atividades.”</i></p>	
	D1. D) Quantitativa	<p><b>Castanea:</b> <i>“é uma avaliação mais quantitativa, dos números como por exemplo os participantes nas PI, os custos da atividade etc. aqui pedem-nos para avaliarmos a parte quantitativa, a nível mensal... e ainda a nível da execução financeira, temos que ir norteando esses valores tendo em conta o orçamento anual.”</i></p> <p><b>Baru</b> <i>“A avaliação é meramente quantitativa porque o executivo assim o pretende.”</i></p>	2

	<p>D1. E) Reuniões intergeracionais para avaliações</p>	<p><b>Rose:</b> <i>“Reuniões intergeracionais com idosos e crianças: estas reuniões acontecem em setembro. É lógico que antes a equipa reúne para alinhar essa reunião com as duas gerações..., mas isso não é sabido por ambos... ou seja chegamos lá perguntamos os gostos, as sugestões, o que gostavam ou não de fazer ao longo do ano... e depois vamos analisar as sugestões e tudo o que foi dito e as atividades são muitas vezes realizadas com base nessas sugestões dos idosos e das crianças. A meio de Fevereiro voltamos a reunir com eles para saber como acham que tem sido de setembro até agora.”</i></p>	<p><b>1</b></p>
--	---	---	-----------------

APENDICE 7 – ANÁLISE DE CONTEÚDO: EIXO 4 – “O SENTIMENTO DE RETORNO, O CÉTICISMO E A ESPERANÇA”

Categorias	Subcategorias		N
E. Percepção sobre as PI e o retorno: Trabalhador Social	E1. Gratificação e enriquecimento A)	<p><b>Tulip:</b> “É gratificante sentirmos que estamos a cuidar bem dos nossos utentes e a faze-los mais felizes e úteis.”</p> <p><b>Sunflower:</b> “As atividades com as crianças vêm abanar um pouco o nosso quotidiano... nós já estamos habituação a muita variação todos os dias (risos) mas com as crianças e idosos juntos só vêm ajudar ainda mais essa diversidade que vivemos cá... essa lufada de ar fresco para idosos e para os funcionários.”</p> <p><b>Diascia:</b> “Uma senhora que nunca reage à atividade, sorrio. Isto são ganhos momentâneos, mas que me mostram que isto faz todo o sentido.”</p> <p><b>Magnolia:</b> “Sabe não existe esforço... as vezes as crianças vêm cá a este lado e é enternecedor ver a luz que os idosos ganham logo.”</p> <p><b>Magnolia:</b> “Todos beneficiamos até porque acaba por facilitar o nosso trabalho...”</p> <p><b>Tulip:</b> “Eu não quero que a instituição cresça demasiado rápido porque passamos a não nos dedicar a cada pessoa individual da mesma forma. hoje nós sabemos o nome de todos, os gostos, as dificuldades, depois passariam a ser só números e nós não queremos trabalhar assim. e por isso é gratificante fazer parte desta familia e desta equipa em contante evolução.”</p>	40

		<p><b>Magnolia:</b> <i>“As PI são realmente parte integrante do trabalho na instituição e só assim é que faz sentido ca estarmos.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“Nós estamos numa instituição que é privilegiada! Temos várias respostas para as 2 faixas etárias então porque não aproveitar este contacto se temos aqui os recursos. Porque não potenciar e potenciar também a ligação na instituição toda? Acaba por ser um momento de convívio entre todos e de sensibilização. as educadoras por exemplo só convivem com os idosos nessas alturas. eu acho q este convívio faz sentido! Tal como eu de vez em quando pego nos idosos e vou com eles ver os meninos. “Aquele menino é tão giro e riem-se com as brincadeiras” ... Portanto é uma de nos aproximarmos profissionalmente.”</i></p> <p><b>Mimosa:</b> <i>“Porque nós conhecemos os benefícios que existem para a Terceira idade. é um estímulo gigante, brutal! n’s sabemos que é tudo bom é tudo positivo não existem coisas más.”</i></p> <p><b>Tithonia:</b> <i>“Faz tornarmo-nos mais unidos como equipa multidisciplinar. estamos em valências distintas, senão fosse esta junção, poderíamos passar m tempo sem ter que trabalhar conjuntamente para um mesmo objetivo. e não é isto que deve acontecer em lado nenhum. Os profissionais devem partilhar, discutir temas, arranjar soluções, repensar situações. mesmo que seja mais fácil estarmos quietinhos, o nosso lema não é esse. Somos uma família, damos tudo o que temos a ponto de</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>muitas vezes deixarmos a família e amigos de lado pelo trabalho. É preciso gostar-se e quando se gosta, aprender melhorar e partilhar é sempre entendido como vantagem.”</i></p> <p><b>Fiscus:</b> <i>“Lembro-me de uma história peculiar, numa das atividades de cinema, em que se vê um filme em conjunto, adequado o máximo possível a ambos, estava um idoso novo! Ele e um dos meninos criaram uma afinidade quase inata. que até ao dia de hoje ambos perguntam pelo outro muitas vezes, visitam-se sempre que podem. é bom ver isto a acontecer após o nosso esforço. Estes frutos.”</i></p> <p><b>Salix:</b> <i>“todos os dias. Sim todos os dias. É interessante ouvir os alunos a dizerem-me coisas como esta aluna me disse: “oh prof, assim que lá cheguei eles todos – aí ainda bem que vieste, estava a ver q nunca mais era terça-feira”. Esta alegria, esta satisfação passada aos alunos leva-os a perceber a importância que tem para a pessoas com quem trabalham, a falta que as pessoas já sentem deles. Isto é a maior satisfação. e o facto de as instituições ficarem comos nossos projetos para mim é a maior recompensa que tenho a nível profissional.”</i></p> <p><b>Castanea:</b> <i>“Fomos a uma escola do distrito, como convidados para uma palestra com duas turmas de jovens... levávamos em perspectiva de apresentação teórica, mas percebemos q não se enquadrava dentro do grupo. Fomos de cá com um grupo sénior e depois de observar o grupo, entendemos que tínhamos que desmontar tudo o que preparamos. e conseguimos realmente fazê-</i></p>	
--	--	--	--

		<p><i>lo: dando em muito a palavra ao sénior e aos jovens. assim estabeleceu-se uma dinâmica altamente frutuosa para ambos os grupos de troca de experiências – cantaram rap e fado por exemplo... tanto que no final os miúdos ficaram de tal forma tocados que estavam a chorar agarrados aos mais velhos.”</i></p> <p><b>Castanea:</b> <i>“Eu fiquei surpreendida sinceramente. mas nós conseguimos. Houve um intervalito 10 minutitos. e o engraçado é q os miúdos estavam sentados no chão duas horas..., mas quiseram estiveram participaram ... estavam à vontade porque nos os colocamos à vontade. Baru: criamos uma boa relação. idosos e jovem foi relação adequada, mas desmontamos o previsto. esquecemos a questão teórica...”</i></p> <p><b>Baru:</b> <i>“Como profissionais na área do envelhecimento, pesamos bastante a questão das RI.”</i></p> <p><b>Jonquil:</b> <i>“Para mim quantas mais houver desse tipo melhor. Para tirar o fosso entre gerações. que já o há. Sempre houve. temos que acabar com esses fossos e quantas mais atividade assim, para que as pessoas percebam que nas nossas diferenças somos todos iguais. Acho importante englobar para além de instituição e escola, a comunidade. levar idosos e crianças às mercearias da terra por exemplo.”</i></p>	
--	--	---	--

		<p><b>Jonquil:</b> <i>“Tem importante, conteúdo culturais e educacionais. é impensável trabalhar seja o que for sem nos referirmos a todas as idades.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“Sim, sim, sim! Nós aqui fazemos trabalho direcionado para eles. Mas o criarmos este convívio é fundamental, tanto com crianças como com famílias, instituições crianças. para não ficarem um pouco esquecidos. muitos idosos não tem o contacto com os netos ou raramente. E então esta comunicação é muito boa! Dão imensos beijinhos e abraços, de forma mútua. nota-se esta afeição muito grande entre as faixas etárias! Diariamente não é fácil para os nossos idosos estarem sozinhos e depois este contacto com as crianças é importantes. muitos deles dizem q o CD devia estar aberto ao fim de semana para não estarem sozinhos.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“O retorno é saber que estamos a criar cidadãos melhores, crianças com mais valores e por outro lado idosos mais felizes – mas há toda uma preparação, a sala e os idosos sempre muito limpos para não haver entraves de “mau cheiro” que a criança sinta por exemplo, tudo tem que ser extremamente bem pensado e delineado. Não se fazem acontecer estas atividades à toa.”</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“Os idosos ficam muito mais alegres. Estão à espera... nós dizemos “Estão cá as crianças” ficam logo alerta. alias reagem completamente diferente... pessoas que estão as vezes nas suas dores, apáticas. Deitam um sorriso logo esboçado. completamente.”</i></p>	
--	--	--	--



		<p><b>Guava:</b> <i>“Podem não vir fazer nada, só em passeio. e eles ficam encantados! E mesmo os miúdos também reagem muito bem porque “vamos ver os velhinhos” ... quanto mais novos eles são inculidos com estas visitas, mais cedo se incute este gosto pelo idoso. Mas também temos a preocupação d quando vem cá crianças os idosos fazerem algo para elas. No projeto de leitura, os idosos faziam sempre um marcador de livro por exemplo. As crianças também trazem. é importante devolver às crianças. só quando aparecem de surpresa é que só damos caramelos. mas nunca deixamos irem embora sem nada.”</i></p> <p><b>Sunflower:</b> <i>“Trazem felicidade aos idosos e nós, enquanto profissionais, traz-nos um trabalho redobrado, desgastante se não for bem organizado, mas que nos traz no fim um sentimento de satisfação de missão cumprida e alegria.”</i></p> <p><b>Magnolia:</b> <i>“Sou feliz quando vejo os idosos felizes. as crianças são seres lindos, mas é com os idosos que me sinto mais realizada, pelo retorno obtido, pela gratidão que nos demonstram.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“Aconteceu um comboio e aproveitamos a música para nos despedirmos no salão, uns idosos das mais debilitadas lançaram não só um sorriso rasgado como estavam a começar a cantar a música também... uma senhora que nunca reage, sorrio. Isto são ganhos momentâneos, mas que me mostram que isto faz todo o sentido.”</i></p>	
--	--	--	--

		<p><b>Diascia:</b> <i>“Sinto que participar nisso me enriquece, sem dúvida que sim. Consigo observar reações dos pequeninos, dos crescidos. Qual a influencia q diferentes faixas etárias têm no nosso desenvolvimento e para nós e para o nosso bem-estar.”</i></p> <p><b>Mimosa:</b> <i>“Para mim é fantástico e tenho pena que no geral não haja mais abertura para o trabalho em conjunto! se calhar as vezes até lancharem todos. porque não? mudar rotinas, interação das rotinas...”</i></p> <p><b>Fiscus:</b> <i>“Ouvirmos uma criança a chamar “avozinho” as nossas idosas é de encher o coração, ver a alegria e ternura que transparece no idoso.... faz-nos sentir que vale a pena este trabalho! Vale a pena insistir com os pais nestas atividades.”</i></p> <p><b>Salix:</b> <i>“De facto, verificamos q o crescimento é a 3 níveis: 2 gerações, com crescimento muito grande em termos relacionais e ao nível dos afetos tanto nos públicos que se juntam e em quem está a dinamizar isto.”</i></p> <p><b>Castanea:</b> <i>“E conseguirmos chegar a importância do respeito e da relação. q as pessoas tenham a disponibilidade para dar um sorriso. porque são coisas q as vezes se vão perdendo e que poderão fazer toda a diferença. Consegue-se criar muito respeito...”</i></p> <p><b>Baru:</b> <i>“A nível pessoal estes projetos fazem-me crescer e aprender imenso e cada vez mais me apercebo q estes projetos são muito importantes. mas ele saiu dos projetos bastante emocionado. vejo que há pequenas coisas que</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>fazem tanta diferença... não precisamos e pensar tão em grande. como pessoas e profissionais... quando conseguimos mudar vidas e mentalidades é bom para nos. e eu sinto me bem quando consigo alcançar isso!”</i></p> <p><b>Jonquil:</b> <i>“É evidente que eu aprendo muito com as duas gerações: relacionamentos das pessoas. Ensina-nos muito sobre o relacionamento. Muitas vezes vejo que dou mais valor aos daqui do que aos que tenho em casa. As PI ensinam-nos muito sobre as relações e sobre os afetos. Passamos mais tempo fora do que com os nossos.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Houve uns anos super intergeracionais, super intergeracionais. o mais intergeracional possível... trabalhei com as crianças e os idosos em conjunto diariamente, era a única técnica. foi um desafio para mim e sei que evolui muito mesmo que “forçada”.</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“É muito bom, fico muito feliz porque vejo a alegria dos idosos. ficam tão contentes... tem sempre comentários muito positivo. alguns até gostavam que fosse mis vezes. Fico muito contente por ver que eles melhoram a nível das necessidades, de dia para dia, e que é muito benefício apa eles e os familiares agradecem imenso ... porque pensavam q o pai ou a mãe iam ficar parados, ia ser passivo... porque sempre ouviram que era assim. e ficam muito gratos pelo que é feito pelos idosos aqui, participa vai apra o palco... ficamos muito contentes por ouvir este lado. A agradecer! Vale a pena. Aqui fazemos algo a mais para alem das</i></p>	
--	--	--	--

		<p><i>necessidades básicas, nem que seja ouvi-los apenas... para eles partilharem o que sentem... ficam contentes.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“O meu filho andou cá e o meu retorno pessoal é ver que ele se preocupa com o idoso X, se me houve ao telemóvel a falar q algum está doente ele vai perguntando se já está bem... quando vem cá no fim do dia, está com os idosos. vai tocar piano e os idosos ficam a ouvi-lo, há ali logo uma interação espontanea... “</i></p> <p><i>Rose: “Para mim é importante trabalhar com estas gerações, uma vez que tenho um filho e acabo por educa-lo desde pequenino com esta vertente do respeito pela condição do outro.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Na minha opinião a mais valia destes projetos é mesmo este encontro. se falta um idoso os miúdos dão conta. este encontro não só o conteúdo, mas o encontro é para mim fundamental.”</i></p> <p><b>Guava:</b> <i>“Eu não tenho crianças, mas vou sempre daqui muito feliz porque eu sei que eles ficam felizes. Sentir q o nosso trabalho vale a pena porque contribuímos apra a alegria deles.”</i></p> <p><b>Macadamia:</b> <i>“Para mim...tenho uma filha de 5 anos... observo muito o que os meninos fazem, um pouco para "ok tenho que trabalhar isto com a minha filha". a minha filha também já tem algum interesse porque eu estímulo... se pudesse fazia estas atividades todas as semanas pelo menos”.</i></p>	
	<p><i>E1. B) Indiferença,</i></p>	<p><b>Angelonia:</b> <i>“Sinceramente? Não vejo tantas vantagens nas atividades intergeracionais... só nos</i></p>	<p><i>6</i></p>

	<p><i>normalização e Reserva</i></p>	<p><i>dificultam o trabalho no dia-a-dia... não as considero assim tão vantajosas para nenhuma das partes.”</i></p> <p><b>Palmtree:</b> <i>“Estamos condicionados pela nossa educação, temos a nossa genética... acredito que fomos programados para o ser – somos seres híbridos... a necessidade de sentir a presença de crianças... é natural que as generalidades das pessoas se sintam bem com crianças... para projetar coisas, para ensinar algo, talvez. “</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Nós não mudamos nada, nós quanto muito conseguimos validar as coisas. e controlar atitudes quando cá estão, mas se isso depois não é feito em casa é tudo em vão... isto é um ciclo! Eles depois vão apra o 4º ano e isto depois terminará.”</i></p> <p><b>Cedrela:</b> <i>“Se os pais não incentivarem respeito pelo o idoso. depois também há crianças que adoram avós porque são ativos, mas esses avós não são idosos. Estes idosos são colocados à parte. Os avós mesmo q até mais frágeis não são idosos! Estes são idosos.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Conseguir que fique numa criança, já é uma vitória! “</i></p>	
	<p><i>E1. C) Mudanças emergentes</i></p>	<p><b>Magnolia:</b> <i>“Acho que a nível das PI ainda há um longo caminho a fazer-se em Portugal. os idosos são mais do que doenças, as crianças só se tornam bons seres humanos se os valores de respeito, compaixão e partilha lhes forem transmitidos.”</i></p> <p><b>Tulip:</b> <i>“Aqui a nossa grande meta é a eliminação da ideia dos “idosos invalido”. posso dar-lhe um exemplo: quando os idosos vêm a entrevista de admissão, vem acompanhado por alguém um filho por exemplo, e essa pessoa muitas vezes não deixa</i></p>	<p><i>13</i></p>

		<p><i>o idoso falar e quando o idoso fala, o outro interrompe-o. os idosos mantêm-se pessoas com capacidades, simplesmente muitas vezes não os deixam mostrá-las.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Existe uma gerontofobia inexplicável a eliminar”</i></p> <p><b>Angelonia:</b> <i>“Apostamos numa abordagem multidimensional que procura a responsabilização e participação de toda a sociedade apostando fortemente na participação social dos utentes.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“Também senti essa necessidade de trazer para cá esse contacto porque eu noto que agora os casais jovens vão para cidades diferentes, não estão perto dos pais, não há este contacto, e esta possibilidade de os netos crescerem com os avós perde-se. aqui este meio é um meio pequeno e acaba por ser mais privilegiado..., mas nos outros sítios é muito mais difícil..., mas eu penso que não estarei cá sempre e perto dos meus pais e depois penso que quando estiver filhos como vai ser? Os meus filhos vão perder esse contacto e não acho isso saudável.”</i></p> <p><b>Aster:</b> <i>“Isso podia ser perfeitamente enquadrado à questão da responsabilidade social porque por exemplo numa empresa uma pessoa que trabalhou na empresa toda a vida, naquela máquina, vai para casa na reforma... e leva todo o seu conhecimento ... era importante ficar e partilhar com os meus novos... todos ganhávamos.”</i></p> <p><b>Salix:</b> <i>“Ao nível dos portadores de deficiência já se começa a fazer uma integração nas empresas que ainda não acontece tanto com a população</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>idosa dotada de conhecimento prático muito valioso. uma das formas de “utilização” desta população é através do voluntariado sénior com antigos professores, é algo já feito por nós aqui.”</i></p> <p><b>Baru:</b> <i>“Nós não fomos a nenhum destes lugares levar lições de moral... é a desconstrução de preconceitos de parte a parte. Tentamos mudar a mentalidade! Tentamos trabalhar certos temas com a população sénior para desmistificar, como a homossexualidade, ideias para que eles se inserem na realidade atual do mundo.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“Acho que são benefícios porque ajuda a formar novos cidadãos com bons valores novas pessoas. é importante as crianças aprenderem manter e criar laços de afeto com todas as gerações... é importante não se esquecerem de visitar os avós. e nós transmitimos um bocadinho estes valores... e estes encontros são mesmo para isso. logo é benéfico. A sociedade está diferente. as crianças passam muito tempo nas escolas, saem vão apra a sala de estudo, depois atividades extracurriculares. depois fim de semana andam na música desporto... têm o tempo muito ocupado e nem sempre sobre tempo para a criação de ligações. e isso é algo que todos temos que pensar e muda.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Só acho que esta atividade deve perdurar ao longo do tempo, apra se sentirem os impactos a medio e longo prazo na vida de ambas as gerações. Atividades muito pontuais sem seguimento não trazem nada de relevante. “</i></p>	
--	--	---	--

		<p><b>Rose:</b> “Eu acredito que estes tipos de projetos são essenciais para que se transmitam valores de cidadania às crianças. Porque as crianças de hoje vão ser os homens do mundo, das empresas, dos negócios... e é fundamental ensinarmo-lhes o respeito pelo outro. Por outro lado, os idosos são uma realidade, os números do envelhecimento e da natalidade não enganam e é necessário começarmos já a prevenir.”</p> <p><b>Macadamia:</b> “Eu acho que há mta falta de valores nos meninos. O respeito pelo outro, o saber esperar. o cheiro do idoso ser diferente. é preciso trabalharmos nestas questões todos os dias mais”.</p> <p><b>Dietes:</b> “É engraçado, quando falo a alguém que não é da área e não está dentro do real assunto do envelhecimento... e digo-lhes q estas atividades são importantes porque estamos a caminhar para um mundo envelhecido, sendo importante termos estratégias para o fenómeno, as pessoas dizem-me “sim, é importante e tal” ..., mas vejo que não interiorizam isso. porque na verdade toda a gente ouve que há muitos idosos, toda a gente houve que nascem poucas crianças..., mas no dia a dia vamos vendo crianças, os idosos estão “guardados” e quando não se sente “na pele”, não se pensa com olhos de pensar o fenómeno, não se compreende o cerne da questão e o grande problema social mundial que se está aqui a criar.”</p>	
	F1. F) Malfazer PI	<p><b>Jonquil:</b> “Se for uma atividade como eu já vi: dia dos avós as crianças fizeram algo e vão lá entregar isso. Tira-se fotos e mete-se no facebook. e para ambos não trás nada! E depois há a infantilização dos idosos. por exemplo: modelagem de balões. é</p>	4



		<p><i>uma coisa que a criança adora... a modelagem tem que ser adotada aos idosos, assim, os idosos podem aborrecer-se. aqui não acontece isso porque estamos cientes dessa situação.”</i></p> <p><b>Cedrela:</b> <i>“Estamos a promover um projeto inter q vai ser promovido! Temos lido bastante. e vejo que há projetos que são feitos porque é bonito fazer- não porque é realmente valorizar as crianças e idosos. Queremos trabalhar em coisas que sejam para ser realmente feitas! Nós não temos nada documentamos.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“Esta intergeracionalidade é ótima e ter vantagens. natural! Quando é forçada. a parte do projeto intergeracional.... muitos deles são fictícios! e a questão é que acontece, s\ao documentadas, passam apra fora. E secalhal o objetivo foi alcançado! Bem nem sei se havia objetivo! O objetivo não deve ser envolver realmente aquelas pessoas!”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“O contacto intergeracional é importante, mas também temos que saber respeitar a personalidade individual de cada individuo. todos nós temos uma personalidade e alguns de nós não somos de contacto físico, de dar abraços e beijinhos. as crianças e os idosos são iguais, não são robôs. Têm maneiras de ser e por isso devemos também entender isso.”</i></p>	
--	--	--	--

<p>F. PI e a Organização</p>	<p>Fl. A) Questão Intrínseco</p>	<p><b>Tulip:</b> “As PI foram surgindo. A instituição foi criada há 25 anos e nessa altura o fato de se ter o lar e a escolar prendeu-se com questões do senso comum. eu penso que a ideia deles era aquela ideia geral de que as crianças dão vida e movimento a um lugar. não pensaram nisso de forma estratégica.”</p> <p><b>Tulip:</b> “No fundo quem pensou a associação, pensou que ia ser só uma boa imagem estando a juntas as crianças e os idosos. Mas é e foi muito mais do que isso. Hoje somos valorizados por todos, crescemos e é gratificante fazer parte desta evolução e equipa que é uma família. aqui trabalhamos em família!”</p> <p><b>Tithonia:</b> “Desde que chegam cá há 18 anos que essas atividades faziam parte, essa junção sempre foi acontecendo na instituição visto termos as duas valências no mesmo espaço físico muito próximo do pré-escolar e lar/centro dia centro convívio.”</p> <p><b>Clover:</b> “A direção técnica é a impulsionadora. isso diz tudo. É através dela q isto tudo começa. E eu moldei-me a esta espécie de microclima que existe aqui”</p>	<p>4</p>
	<p>Fl. B) Ganhos</p>	<p><b>Sunflower:</b> “A instituição é feita da partilha de atividades que fazem jus À questão do envelhecimento ativo... envelhecimento ativo é também eu sinonimo de promoção das relações intergeracionais. por esse motivo, a inclusão dessas atividades na nossa instituição vem trazer benefícios tanto internamente, mas principalmente externamente. “</p> <p><b>Angelonia:</b> “Externamente os PI são mais uma das formas de demonstrarmos a nossa versatilidade e internamente mostram-nos que somos capazes de</p>	<p>12</p>

		<p><i>fazer qualquer tipo de atividade com o idoso, fazendo-o de forma a que ele se sinta feliz.”</i></p> <p><b>Lotus:</b> <i>“Os ganhos são muitos. Nós divulgamos tudo no facebook, vamos ao exterior e as pessoas vão sabendo. of feedback é sempre muito positivo. A instituição está muito enraizada por cá, outras instituições até nos vão copiando em vários aspetos. por isso todo o nosso trabalho é recebido positivamente pela comunidade.”</i></p> <p><b>Jonquil:</b> <i>“Eu diria que sim é muito bom para a instituição. sempre que há PI, todos ficam a ganhar. todos englobam a comunidade e reagem.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“Penso que a instituição são a ganhar com estas atividades. nós temos feito estas atividade. algumas atividades são divulgadas com a camara e tudo isso ele dá visibilidade no concelho.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“A instituição já é conhecida por este modo de trabalhar... todos os anos fazemos inquéritos de satisfação e este ano incluímos as AI. Ouve pais que recomendaram o centro exatamente por ter estas atividades... tivemos cá um diretor de um colégio privado no porto que nos diz que a sua grande desvantagem para connosco é exatamente não terem a oportunidade tão facilitada de ter resta partilha diária entre criança e idosos.”</i></p> <p><b>Guava:</b> <i>“Comentam. é uma instituição aberta. Então as pessoas sentem isso. Márcia: ainda hoje um avô de um menino disse “eles não vêm cá hoje”. isto mexe em casa, os miúdos vão para casa dizem aos pais. “</i></p> <p><b>Tulip:</b> <i>“A comunidade percebe que a instituição tem movimento a dedicação pelos seus idosos e pelas suas crianças, levando a que sejamos bem vistos por</i></p>	
--	--	--	--

		<i>todos. Isto faz com que uns chamem outros e a instituição cresce.”</i>	
<i>G. Individuos Próximos</i>	<i>G1. A) Feedback positivo</i>	<p><b>Tulip:</b> <i>“por cá os pais sempre estão de acordo, pelo menos a nós diretamente nunca nos disseram que não. Até temos pais que ajudam a preparar as atividades intergeracionais. Não colocando qualquer entrave, mostram-se até satisfeitos.”</i></p> <p><b>Sunflower:</b> <i>“As famílias nunca nos mostraram qualquer desagrado pelo contrário. a famílias que voltam só para visitar ou ver alguém e as crianças querem vir com os pais por terem gostado tanto de cá estar.”</i></p> <p><b>Diascia:</b> <i>“Quando vem os vídeos gostam muito, acham bela iniciativa ... as pessoas gostam...”</i></p> <p><b>Jonquil:</b> <i>“Os pais das crianças já participaram. no carnaval por exemplo. de resto não. as famílias dos idosos participam em atividades nossas...aqui é igual como escolas. é igual. alguns querem saber outro não.”</i></p> <p><b>Dietes:</b> <i>“Sim. As histórias de vida no ano passado para o exemplo... os familiares colaboraram quando os idosos já não eram capazes... participaram ativamente. Mandaram fotos e quadros... colaboraram muito... noutra atividade, da troca de cartas. os familiares também escreveram cartas dos idosos que quiseram ser ajudados pelos familiares... Eles acabam por participar porque acham que é bom apra o idoso.”</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Famílias dos idosos adoram, famílias das crianças também mas fazem mais perguntas.</i></p> <p><b>Rose:</b> <i>“Ouve pais que recomendaram o centro exatamente por ter estas atividades...”</i></p>	<i>7</i>

		<b>Macadamia:</b> “Os Pais são os próprios a vir assistir a atividades ou a participar indiretamente sempre que lhes é solicitado.”	
	Gl. B) Pouco feedback	<p><b>Magnolia:</b> “Os pais não contrariam. Contudo, existem algumas crianças com dificuldades socioeconômicas que vêm de um meio cultural pobre... e por isso começamos a organizar palestras para os progenitores se tornarem sensibilizados em relação a diversas questões entre elas as relações entre os seus filhos e os idosos do centro.”</p> <p><b>Diascia:</b> “Quando vem os vídeos gostam muito, acham bela iniciativa e etc., mas nunca veio ninguém me dizer isso diretamente. as pessoas gostam...”</p> <p><b>Açacu:</b> “Muito sinceramente nós não temos esse feedback, mas até era uma questão engraçada. Já é tão normal... eles gostam, mas não temos algo concreto.”</p>	3
	Gl. C) Questionam entos	<p><b>Tulip:</b> “Sei de casos em que pais se negam a estas atividades dos filhos porque os idosos são “seres cheios de micróbios e doenças” que vão transmitir aos seus filhinhos.”</p> <p><b>Diascia:</b> “Há uma resistência! Contudo depois de se fazer, até gostam, mas parece que há uma linha até aquela aproximação. e devia ser um incentivo e um impulso. não encontro uma razão plausível para isso sequer.”</p> <p><b>Fiscus:</b> “Eu e a colega entendemo-nos muito bem, partilhamos ideias e fomos criando diversas atividades. Contudo, os progenitores não viram esta junção muito frequente com bons olhos. referindo que as crianças chegavam a casa fartas da escola, a queixarem-se dos idosos... então nós optamos por reduzir estes encontros para “mensal”, mesmo que</p>	4

		<p><i>as vezes ocorram mais vezes... Os pais ficaram apreensivos porque parece-me que achavam que íamos juntar as crianças e o idoso sem supervisão, ou seja, apenas para ter menos trabalho quotidiano, não entenderam isto como algo que nos é mais trabalhadora, mas que fazemos porque queremos ver estas crianças e idosos serem melhores dia apos dia. A parte engraçada desta questão teve a ver... no final do primeiro semestre, convidamos todos os familiares a virem fazer a festinha com crianças e mostramos um vídeo ou os pais viram as imagens e atividades intergeracionais... referindo que afinal até eram atividades giras e que os filhos até iam gostar d continuar.”</i></p> <p><b>Fiscus:</b> <i>“Outra dificuldade para nós é mesmo a relutância dos progenitores. é um caminho que temos vindo a traçar, dia apos dia. e atualmente já sinto que valorizar mais e entendem melhor o objetivo deste trabalho.”</i></p> <p><b>Açacu:</b> <i>“eu não sei até que ponto valorizam. acham piada no momento...,mas não sei se tem opinião formada e acho q não percebem... se valorizassem faziam em casa pelas crianças.”</i></p>	
<p><i>Gl. Redes Socais</i></p>	<p><i>D)</i></p>	<p><b>Jonquil:</b> <i>“A única percepção que tenho é nos comentários no facebook. por exemplo AI têm mais gostos e comentários do que as outras. os pais comentam dão os parabéns. nunca aconteceu critica. aumentam os likes e comentários... o feedback é positivo.”</i></p> <p><b>Baru:</b> <i>“Existe mais reação no facebook quando há crianças e idosos. sem dúvida. há muito mais alcance, chegamos a muitos pessoas com estas atividades. porque hoje em dia tanto os novos como</i></p>	<p><i>2</i></p>

		<p><i>os velhos têm acesso às redes sociais. depois uma idosa que participou partilha e depois partilha o amigo, o filho.”</i></p> <p><b>Clover:</b> <i>“Notámos quando colocamos na página, atividades conjuntas... vemos feedback super positivo, diferente do normal... “</i></p> <p><b>Fiscus:</b> <i>“Eu acho que sim... sei que não é algo de extrema importante, mas a título de exemplo todas as atividades intergeracionais postadas no facebook têm mais adoro e mais gostos do que as restantes... as pessoas gostam desta junção! Ou pelo menos a reação perante nós é positiva. fazendo-nos acreditar também eles que este é o caminho” e por isso continuamos” cada vez mais a investir nesta junção.”</i></p>	
--	--	--	--

N = Número de ocorrências: número de vezes que o tópico foi mencionado pelos entrevistados.